

REVISTA DA SEMANA

19-1-1946

Gr 1,50 na

Capa e Cr\$ 2,00

nos Estados



MARGARET E LASSIE

São as crianças e os bichos que dão o maior encanto ao cinema. Ao cinema e às demais manifestações de arte — porque o cinema também é arte, embora muitos não acreditem. Margaret O'Brien, com o seu ar de candura e aquela violenta crise de choro no filme de estréia, tomou de assalto o coração do mundo onde exista uma tela de projeção. Lassie, o bicho que compreende os homens e as coisas, dando de um olhar persuasivo, a paz de externar seu estado de alma — mesmo um estado de alma canino, pois não! — é outra grande revelação cinematográfica do ano recém-fimado.

E ambos aí estão, em duas poses muito expressivas e piegasas. (Fotos Metro)



OS NOSSOS CONCURSOS

Há cerca de seis meses, quando lançamos as bases de nossos concursos literários, estávamos certos do êxito dos mesmos. Mas não poderíamos supor que fôsse tão grande a sua repercussão.

Com o intuito de levar aos valores novos das letras nacionais o estímulo de uma oportunidade que lhes abrisse a porta da fortuna e da glória, facultando-lhes uma estréia promissora na sua profissão, lançamos então as bases de um concurso de peças teatrais, sob o nome "Prêmio Apolônia Pinto"; um certame para romances ("Prêmio REVISTA DA SEMANA") e outro para contos, êste de caráter permanente e tendo como patrono o saudoso jornalista Aureliano Machado, que durante longos anos dirigiu a Cia. Editora Americana.

Logo nos primeiros dias a grande quantidade de originais recebidos pela redação para os concursos assinalava que lhes estava reservado um êxito grandioso. A primeira apuração do concurso de contos revelou que nos tinham sido enviados, no espaço de três meses, nada menos de cento e cinquenta originais, escritos tanto por estreantes como por autores já publicados, e oriundos dos mais remotos pontos do país.

Simultaneamente iam também chegando à redação os originais destinados ao concurso de romance e de peças teatrais. Ao vencedor dêste último, que é feito com a colaboração do Clube Ginástico Português, êste oferece o prêmio de Cr\$ 10.000,00, o que em grande parte concorreu para o amplo sucesso que o mesmo alcançou.

O nosso semanário, que sempre propugnou, durante os seus quarenta e seis anos de vida, pelo desenvolvimento das letras nacionais, alcança assim mais uma magnífica vitória, com o lançamento de uma série de concursos que representam no cenário da literatura brasileira algo de grandioso e de novo. Não fôsse o prêmio em dinheiro oferecido ao vencedor do concurso "Apolônia Pinto", o fato mesmo de um autor estreiar no teatro como o primeiro entre uma centena de outros já lhe seria um laurel compensador. Isto no caso de ser um estreante o que venha a merecer o prêmio. Tal hipótese é tão provável quanto a de que um autor já consagrado mereça a distinção dos louros. Isto porque entre a grande maioria de principiantes figuram também nomes sobejamente conhecidos no teatro brasileiro.

Julgados porém por uma comissão cujos membros são símbolos de imparcialidade e retidão, todos terão possibilidades idênticas, e somente o valor dos trabalhos apresentados será levado em consideração no julgamento das peças.

Também o concurso de romances, que oferece aos seus participantes grandes oportunidades de um brilhante início na carreira de romancista, o que é para muitos a ambição suprema e o sonho maior, contou com a colaboração de muitos neófitos na arte de escrever, bem como a de escritores já conhecidos do público através de muitos trabalhos editados.

Assim chegamos ao fim, certos de que alcançamos nossos objetivos, que eram tão somente os de servir às letras brasileiras, fazendo aparecer os valores até então mantidos no anonimato por força das circunstâncias e que, graças a esta oportunidade, talvez redundem em nomes que atravessarão as fronteiras e os anos, além do Brasil e através da posteridade.

Maior não poderia ser a nossa alegria ao ver responder à nossa iniciativa centenas de intelectuais, que esperavam, para se lançar na profissão de escritor, apenas uma oportunidade igual.

E o êxito alcançado pelos nossos concursos vem reafirmar agora tudo aquilo que dissemos quando lançamos as suas bases:

Que seja pois esta nossa iniciativa um exemplo às demais publicações brasileiras. Que concursos como êstes se multipliquem, para que todos os jovens intelectuais encontrem sempre pela frente um futuro promissor e uma carreira próspera.

E a nós já nos é um prêmio suficiente a certeza de havermos lançado a semente desta idéia...

NESTE NUMERO

19-1-1946
ANO XLVII - N. 3

LITERATURA

Os nossos concursos	3
Os grandes concursos literários da REVISTA DA SEMANA ..	7
O esteta (Hulda Andrade da Silva) ..	23
Paisandú (Escragnolle Doria) ..	26
O caso de Marian Lanson (Jack Batham) ..	27
O homem das luvas de pelica (Edgard Wallace) ..	34
Livros Novos (J. L.)	36/37

REPORTAGENS

Miss América 1945	4/5
A tragédia das donas de casa ...	9/15
O contra-almirante Silvio Noronha nos Estados Unidos	21
Aconteceu no Rio	22
A REVISTA DA SEMANA vai aos Estados Unidos	35
Figuras e Fatos	44
De Fort Peck a St. Louis	46/47
Jockey Club Mundano	55

FEMININAS

Penteados ..	28
Nos bastidores femininos	29
Três modelos	32/33
Em shantung	38/39
Mulheres que o mundo não esqueceu ..	43
Vamos para a cozinha?	50/51
Femininas ..	56/57

CURIOSIDADES

Uma arte secular	17/19
Filatelia de após-guerra	24/25

CINEMA

Margareth e Lassie	2
A REVISTA em Hollywood (Luiz Serrano) ..	30/31

HUMORISMO

De bom humor	16
"Charge" de Raul	52

SECÇÕES

Cinema e música	20
A Semana em Revista	6

NA CAPA



ADELE JERGENS, da Columbia, é a "estrela" que aparece na capa de hoje.





SAN DIEGO — Phyllis Mathis, de 18 anos, foi uma das grandes belezas do West que tomaram parte no grande concurso de beleza. Logrou um consolador segundo lugar entre as suas "terríveis" adversárias...



MISS CHICAGO — Lee Wieland, de 19 anos, que já esteve no Colégio Cornell, de Iowa. Sabe tocar piano, mas isto não foi levado em conta pelo júri, que só se deixou influenciar pela plástica das concorrentes.



TENNESSEE — Este Estado esteve também magnificamente representado no concurso para a escolha de Miss América 1945. Aí está miss Lee Henson, a quem coube a glória de levar o seu nome ao júri do concurso.

MISS AMERICA

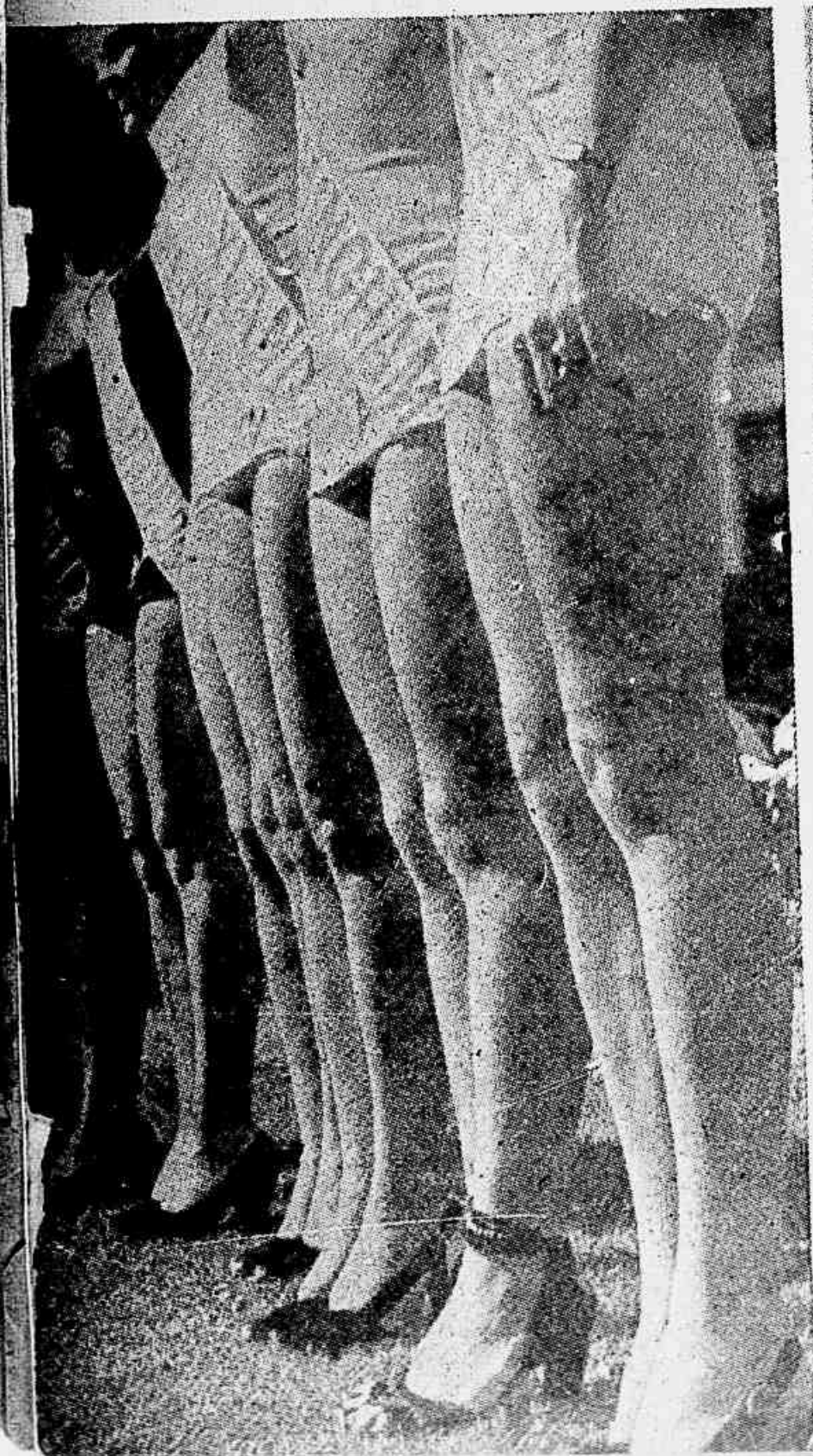
★ 1945 ★

PERSPECTIVA — Aí estão, em fila indiana, as garotas que participaram do concurso. Como se vê por este apinhado fotográfico, deve ter sido bastante difícil a decisão final entre tantos valores...

Realizou-se recentemente em New York um novo concurso de beleza, ao qual compareceram representantes de todos os Estados da União Americana e ainda moças que levavam na faixa os nomes de cidades isoladas. Dentre todas, que somavam mais de uma centena, foi escolhida como a beleza máxima dos Estados Unidos a representante de New York City, Bess Myerson, uma linda garota, morena, de fisionomia serena. Ela é antes uma beleza clássica de linhas helênicas que uma verdadeira representante da beleza moderna e esportiva dos Estados Unidos. Mesmo assim foi justa a decisão do júri, que os espectadores aplaudiram com "coiós" ruidosos...

TENTAÇÃO — O capitão da marinha de Tio Sam, A. C. Rosner, presente ao concurso, não pôde resistir à tentação. Manobrou a "camera" e conseguiu uma magnífica pose especial de Miss Maryland.

PREVENINDO-SE — Miss Leslie Hampton, representante de Arkansas, tem 18 anos e é bonita. Mesmo assim, para comover mais os membros do júri, ela dá um retoque em seu "maquillage" ao espelho.





EI-LA, AFINAL — Depois de longos e acurados estudos de observação, o júri resolveu conceder o prêmio a miss Bess Myerson, representante de New York City. O prêmio continuou, assim, como parte do patrimônio municipal da grande cidade, que há muitos anos leva a melhor nesses concursos. Na foto aparece a premiada já com o manto real, o cetro e a coroa simbólicos. Miss Myerson, pelo seu sorriso e sua expressão, mostra que o júri andou bastante acertado.

BEIJO REAL — Aqui está Jimmy Wilson, ferido de guerra, tratado por uma original terapêutica. A rainha da beleza americana aplica-lhe um violento remédio, capaz de fazer um cadáver tornar à vida. O soldado não fez cara feia para tomar o remédio, mostrando-se, ao contrário, muito satisfeito com o tratamento. Miss New York mostra assim os seus propósitos de rainha democrática, que não se nega a beijar um simples soldado raso ferido em combate.

MISS WISCONSIN — Eileen Christy, representante de Wisconsin, numa pose "hors concours", de chapéu e sem "maillot". O nariz arrebitado parece ser uma das características da beleza ao gosto dos americanos.

A TERCEIRA — Esta que aí está, com cara de garota de colégio, é miss Frances Lanell Dorn, que conseguiu o terceiro lugar entre dezenas e dezenas de concorrentes, representando Birmingham.

MISS AMERICA — Bess Myerson, Miss América 1945, em traje paisano. Hoje ela conquistou a glória de ter sido considerada a moça mais bonita da América por um júri rigoroso e exigente. E justo...



A SEMANA EM REVISTA

OPERAÇÃO DE EMERGÊNCIA



"Bruno Henrique, de nacionalidade alemã, solteiro, com 43 anos, residente à rua Igá, 14, é tido como um dos mais perigosos ladrões arrombadores que no momento atuam nesta Capital. Ontem investigadores bateram-lhe à porta e deram-lhe voz de prisão. Sacando de um bisturi, Bruno desferiu violento golpe na própria cabeça, ferindo-se e ficando em estado grave. O investigador que o prendera o conduziu para o Hospital Carlos Chagas. Ali foram revistados os seus bolsos, encontrando-se nos mesmos vários instrumentos utilizados para a prática de roubos. Bruno, ouvido pelo comissário, afirmou ser engenheiro, mas não disse onde trabalhava."

Tudo foi questão de vocação. Bruno, não encontrando o melhor lugar onde pôr em evidência os seus pendores para a engenharia, começou a trabalhar de noite, num salão clandestino e original. Tanto gostava ele do seu trabalho que não pedia autorização aos donos da casa onde trabalhava. Entrava sorrateiramente de sapatos de borracha, calçava luvas do mesmo material, para não calejar as mãos. Isto feito iniciava a sua trabalhosa missão. Esta consistia sempre em abrir algum cofre. E era diante das caixas-fortes que o homem mostrava toda a sua técnica de engenheiro experimentado. Aplicava sobre as fechaduras e os segredos os jatos ardentes dos mais modernos massaricos de hidrogênio. Feita que era uma maravilhosa volta circular em torno do aparelho de segurança, o notável técnico aplicava uma broca ar comprimido sobre o centro. Depois era questão de puxar para fora a placa. E, como não encontraria o dono da casa, cobrava logo os seus serviços diretamente à boca do cofre. Ao ser preso, praticou a última operação de emergência. Tentou abrir a cabeça com um bisturi. Era um bisturi já experimentado em fazer cortes anatómicos em cofres. Por isto mesmo estava cego e não penetrou-lhe o crânio.

A polícia levou-o e descobriu com ele vários aparelhos de "escruncha", inclusive gazuas e brocas. Mas Bruno, muito naturalmente, explicou que aquilo eram apetrechos utilizados em seus serviços de engenharia. A polícia não acreditou. Que polícia maldosa! Então essa polícia não conhece a doce ingenuidade dos alemães? Não sabe que eles, mesmo que forem encontrados com gazuas no bolso, são honestos e bons? E que mal havia no fato de um engenheiro conduzir consigo os instrumentos de trabalho?

CUIDADO COM ELES



"Surgiram panfletos e cartazes nas ruas de Berlim que afirmam que 'o movimento nacional-socialista não está morto, apesar da derrota de Hitler'. Esses cartazes estão aparecendo insistentemente e em número cada vez maior nas ruas de Berlim, indicando-se que o movimento clandestino alemão começa a dar sinais de vida."

Este telegrama foi transmitido de Berlim pela United Press para todos os jornais do mundo. Prova-se assim que os adeptos de Hitler estão pondo as manguinhas de fora, mostrando já os seus dentes numa campanha espalhafatosa de "maquisards" da reação. Esta é uma tática. Há outras. Esta ainda é uma tática digna, chegando mesmo a nos surpreender o seu emprêgo pelos nazistas, sempre acostumados a atacar de emboscada e a agir nas sombras, ocultos pelas mais hábeis "camouflagens". Mas em outros pontos do globo os lobos estão trabalhando envoltos pela pele de cordeiro. Eles fomentam na Palestina a luta entre judeus e árabes; eles tentam fazer do movimento de libertação dos indonésios uma guerra imperialista em benefício próprio. Na Argentina os agentes provocadores se infiltram em todos os partidos, tentando, à custa de manobras criminosas e de manhas sutis, sabotar o grande movimento de libertação nacional e a unificação das diversas correntes políticas que se aproximam na luta pela democracia. Nos Estados Unidos, no fundo dos sindicatos de classe, fomentando e desvirtuando greves, há sempre as mesmas caras que antes da guerra sorriam para Lindbergh e se torciam para Roosevelt. Agora são democratas, são defensores do povo, são uns anjos. Mas lá começam a mostrar as suas verdadeiras intenções. Os ódios recalcados pela derrota militar encontraram agora a válvula escapatória da propaganda subterrânea. Os "maquis" do nazismo (que os "maquis" nos perdoem) já têm tipografias e já fazem uma propaganda orientada no próprio coração do Reich alemão, onde o serviço secreto das tropas de ocupação está sempre de olho aberto e ouvido alerta. Imagine-se agora qual não é a audácia dos nazistas nos países onde a boa fé do povo ainda acredita nas manobras "democráticas" de seus partidos mascarados?

E assim voltam eles. E assim, se o mundo não tomar uma posição firme de defesa, recomeçará a história que terminou tragicamente nos campos de batalha da Europa. Felizmente prosseguir o julgamento de Nuremberg. Que os crimes de Hitler e seus asseclas não sejam esquecidos nem pelos juizes de Nuremberg nem pelo seu juiz natural: o povo.

UMA GREVE SEM RAZÃO



Arreventou a greve dos motoristas. Nada mais justo que uma greve, nenhum direito mais legítimo pode ser dado aos trabalhadores que o direito de greve. Mas a greve é um meio de defesa contra a ganância patronal, não uma arma de ataque contra as populações pobres das cidades. A greve mal orientada mais não é que um instrumento de provocação, uma causa de desarmonia e de desentendimentos, sem proveito para qualquer classe trabalhadora. Estão em greve os "chauffeurs", mas a sua greve não é justa. Eles querem fazer "lotações" a todas as horas do dia, o que representa para eles um lucro quase dobrado nas corridas, sobre a vantagem de um trabalho muito menos cansativo. Numa viagem de lotação o motorista tem um lucro duas vezes maior que numa corrida de taxi feita em igual percurso. Mas o passageiro sofre a agonia do calor, o incômodo do excesso de lotação, o perigo dos apertões. Não queremos com isto dizer que devem ser abolidos os "lotações", pois eles, nas horas de tráfego mais intenso, representam por certo uma solução parcial para o problema do trânsito. Mas durante o dia não se justifica a circulação de veículos dessa natureza. Além do mais, um taxi feito lotação é um taxi a menos. E ninguém se serve dos taxis sem que haja para tal uma necessidade muito urgente.

Ora, nas horas em que lhes é facultado o uso dos "lotações" os "chauffeurs" negam-se terminantemente a fazer qualquer corrida de taxi, a menos que o freguês lhes pague um preço compensador. E este preço é sempre o valor da corrida multiplicado por dois. Se os motoristas de praça pleiteassem aumento de salário, se eles propugnassem por uma medida que resultasse na sua melhor alimentação ou em condições mais higiênicas de habitação, aqui estaríamos para bater-lhes palmas. Mas o que eles querem é lucro extraordinário, e lucro extraordinário nunca foi nem pode ser nunca uma reivindicação proletária. Durante a guerra, quando a gasolina do câmbio negro era vendida a Cr\$ 8,00 o litro, estavam justificados os preços exorbitantes das corridas. Agora porém, com combustível ao preço normal, não podemos trabalhar exaustivamente para que os "chauffeurs" de praça construam prédios de aluguel, como muitos deles têm feito ultimamente.

Portanto a greve dos "chauffeurs" não é justa. Há greves justas, que merecem o apoio de todos e os aplausos gerais. Mas este movimento dos motoristas nem chega a ser uma greve: é um golpe de sabotagem contra a população do Rio.

ADEUS, FAVELA



A Prefeitura Municipal e todos os poderes competentes estão empenhados em dar uma solução rápida ao problema das favelas. Parece que desta vez a coisa vai ser tomada a sério. Já está mesmo iniciada a campanha pela extinção das favelas e urbanização dos morros. Os casebres que se prendem às falidas perigosas das montanhas virão abaixo, devorados pela gula das brocas mecânicas e dos tratores. A força dos demolidores hidráulicos lançará por terra barracos e casebres; escolas de samba e casas de jogo clandestino desaparecerão do cenário pobre dos morros traçadas pelas correntes. A dinamite abalará o ritmo das macumbas. O progresso tomará de assalto as posições mais elevadas da cidade, numa sanha arrasadora.

Já não é a primeira vez que se fala em urbanização dos morros cariocas. Muitas vezes chegou-se mesmo a desapropriar os velhos casebres e intimar aos seus moradores que se mudassem num curto período de tempo. Nem sempre a ameaça foi levada a efeito. O caso de Jacarezinho é bem recente para que seja esquecido. Ali não se chegou a consumir a desapropriação. Tal felicidade não tiveram porém os habitantes de outros bairros da miséria, que se viram despojados de suas moradias de uma hora para outra, indo assim engrossar nas ruas da cidade as fileiras dos que não moram.

Nada mais meritório, nada mais justo, que esta campanha agora empreendida pela urbanização dos morros e extinção das favelas. Nenhum espetáculo mais deplorável pode haver para os olhos humanos que a triste feição dos morros da Cidade, cobertos de casebres de lata e madeira, que praticam prodígios de equilíbrio pelas escarpas acima. Mas ainda mais triste e amargo é o cenário desolador que nos apresentam o viaduto dos Arcos e as portas da rua da Lapa, onde, em noites de chuva e de vento, dormem dezenas de pessoas que não podem ter nem sequer um destes miseráveis casebres da favela.

A favela vem abaixo. Adeus, favela. Os jardins substituirão as suas vielas; o asfalto cobrirá seus becos. Será tudo menos romântico mas será mais limpo. Isto se a coisa correr bem. Mas do contrário teremos apenas mais algumas pessoas sem lar dormindo nos portais úmidos e uns casebres a menos nos morros despoçados.

Um apelo aos administradores: a vossa intenção é muito louvável. Mas pensai bem, antes de começar a derrubada. Vede que já há bastantes desabrigados no Rio de Janeiro.

REVISTA DA SEMANA

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples: Um ano — Cr\$ 90,00; Seis meses — Cr\$ 45,00

Registrada: Um ano — Cr\$ 110,00; Seis meses — Cr\$ 55,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 200,00; Seis meses — Cr\$ 100,00

O número avulso custa Cr\$ 1,50 no Distrito Federal, e Cr\$ 2,00 no Interior; atrasado Cr\$ 2,50

Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro

Tels. — Direção: 22-2622; Gerência: 22-2550; Redação: 22-4447;

Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602.

Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 323. Tel. 4-7866

Corresp. na Bahia: J. Machado Cunha — Av. 7 de Setembro, 149

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Koppe & Co. Times Bldg., New York City. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 299 — Tel. 33 Avenida 9109 — Buenos Aires

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA. — Diretor: GRATULIANO BRITO

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

ESTE NÚMERO CONSTA DE 60 PAGINAS

O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaborações solicitadas pela redação. Não nos responsabilizamos pela devolução de originais, mesmo quando não publicados.

Os grandes Concursos Literários da "REVISTA DA SEMANA"

CONCURSO PERMANENTE DE CONTOS "PRÊMIO AURELIANO MACHADO"

Continuam abertas as inscrições para o concurso permanente de contos instituído pela REVISTA DA SEMANA, cujos originais devem ser enviados à nossa redação até o dia 31 de março.

OS QUE CONCORRERAM A SEGUNDA APURAÇÃO

Foram os seguintes os contos enviados à REVISTA DA SEMANA e que concorreram à segunda apuração do nosso concurso permanente:

"Medio Dia", Vera de Carvalho Sant'Ana (premiado); "O Esteta", Hilda Andrade da Silva (premiado); "Macumba", Vera Gomes (premiado); "Eurico, o suicida", Edmundo Assis; "Amor Proibido", Herculanio Borges da Fonseca; "Cartão de Visitas", Neide Corson; "Três Destinos", S. Medeiros de Faria; "Sonhos Desfeitos", S. Medeiros de Faria; "O Último Conviva", José Maria Dias; "Proteção", Carlos Augusto de Góes; "A Última Missa de Padre Circo", Cláudio Ribeiro; "Meu Filho é Um Homem", Sonja Maria; "O Anjinho e a Sonata ao Luar", Brunete; "A História de Duas Vidas", Mary; "Retorno à Vida", Antonio Silveira; "Um Fox Para o Mendes", João C. Fábri; "Sinfonia em Azul", Geraldo Blum; "História de Jane", Natal Charello; "O Amor, Sempre o Amor", Delly Alencar; "Justino Ainda Não Voltou", Aldo Pardini; "A Morte de Luíza", O Solitário; "Sinfonia Sem Esperança", Aurelio R. Farah; "Retalhos de um Passado", Branca; "Dúvida Atroz", Maria Isaura Pereira de Queiroz; "Linha Linha", T. Rosa Filho; "Confusão Sentimental", Hilda França; "Pulseira Misteriosa", Kleber Rocha; "Geraldine", Carlos Madeira; "Velha Escola Amiga", Florzinha; "Foi Ela, a Caporal", Quincas; "O Nome de um Herói", Campos de Aragão; "John Scott, o Jovem Aventureiro", Joaquim Varela; "A Cobra Está Fumando", Paul de Souza; "Desespêro", Ana Copperfield; "Até as Pedras se Encontram", Vera Bonetti; "Um Aniversário", Alma Triste; "Escumbros", Domaria; "Árvore Grande", Hilda Zanlatti; "Arribada", Hipacio Gomes; "Sua História como eu Imaginei", Moema Gonçalves; "O Milagre", Laércio de Azevedo Marques; "Quem Nasceu Para 10 Réis", Claudina J. Costa; "Chuva", Anônimo; "A Casa das Três Janelas", Alea; "Fetiço", Alberto Leal; "A Rifa", Heleno Frago; "A Confissão do Frei", Lúcia; "Teresa", Ruth Botelho Guimarães; "Delícias de um abito cerebral", Alberto Ferreira Giudice; "O Jogador de Futebol", Pedro de Alcantara da Silva Leme; "A Persistência de um Sonho", Pêrola Vaz; "A Jota", Anatolio Wainstok; "Sonho Oriental", Gontardi Gullar; "Fiti", T. Rosa Filho; "A Carteira do Cego", Decio R. de Araújo; "Ladário", Mario Blando; "Os Dois Irmãos", Macedo Miranda; "Roleta", Ciro Bassini (premiado); "Encontro", Rivaldavia Corrêa (premiado); "Conselho de família", Valério Hoffli (premiado); "Conte da Fronteira", Alceu Cabral; "Por um Triz", Claudina J. Costa; "A Vingança do Professor", José Lara (premiado); "O Luar", Katherine Ann Habsbury; "Dia

de Sol", Baiano (premiado); "Estranha visitante do quarto 7", Jane Patricia; "Finados", J. J.; "O Tropeiro", Lia Dalva; "Já Vai Tarde", Carlos Cotrim; "Um Homem Esperto de Mais", Carlos Cotrim; "Erro do Coração", Danilo Florivaldo Gomes; "Última Carta", Maria da Silva (premiado); "A Estranha Coincidência", Neyde Joppert; "A Paisagem Era a Mesma de Ontem", Alberto Moraes Cardoso (premiado); "A mãe das Forças", Sebas Moreira; "Instinto Materno", Betina Diniz; "A Promessa" (assinatura ilegível); "Uma História como há Muitas", Wilson Danure; "Lei Áurea, Lei Áurea", Pedro M. R. Cid; "O Escravo Branco", Francisco Antonio de Alencar; "Pinguim", Noeli Correia de Melo; "Estranho Destino", Maria das Mercês de Lima Costa; "A Louca", Marília Carneiro; "Rua de Paula Matos", Hercília Lins; "Apuros de um Estudante", Hercília Lins; "Havia Uma Virgem no Lupanar", Elea; "História de um Sonho", Eládio Rodrigues; "Três Cartas... Duas Vidas", Saint Ramedlaw; "Cínico, Gênio ou Louco", Alvaro Carneiro Bastos; "Tia Candoca", Alves Borges (premiado); "Meu Maldito Nome", Raul Vital; "O Último Carnaval do 72", Cabelório; "Remorso", Mario Wayne; "Surlimã", Americo Azevedo Junior; "Estranho Egoísmo", Luisa Castro; "O Sarau das Acácias", Antonio Moura de Lima; "As Duas Faces", Claude Machline; "A Pianista", Claudio B. Vieira; "Nada — Mas depois..." (sic), Jimmy Rodrigues; "A Vingança", Humberto de Oliveira; "O Irmão", O. Ted Souza; "Orgulho", Danilo da Costa; "Justiça Divina", José Evangelista Vasconcelos; "Milagre", Ary Prado; "A Morte do Galo", Claudio Cesar; "Tudo Por Acaso", Xenofonte Lopes; "Um Pôrto Seguro", José de Carvalho; "Adolescência", José de Carvalho; "O Suspiro ou as Lágrimas", Claudia Santiago; "O Canailha", João Martins; "O Conde", Nunes Tolaine; "O Pêso da Dúvida", Gabriel Silva; "Dona Nicota", Stelio Daltro Santos; "Magia Negra", Carlos Cotrim; "Meu Malgo Alfreido", Joaquim Varela; "O Anel", Lucia Negro Monte; "O Congresso dos Doutos", Alex Petrovitch; "Promessa", Ary Prado; "Uma Página da Vida", Marcelo Guarany; "Confissões", Saul Quessava; "A Névoa Não Vem dos Montes", Wallace L. V. Rodrigues; "Desvendando seu Próprio Crime", Angelo Praia; "As Marcas dos Pés do Denunciaram", Angelo Praia; "Um Cavalheiro Pesado", Carlos Couto; "A Obra Prima Inacabada", Leda Serrader de Andrade (premiado); "A Cidade Ideal", A. Costa Pinto; "O Gato", Eduardo G. Carretero.

CONCURSO DE PEÇAS TEATRAIS "PRÊMIO APOLÔNIA PINTO"

Já estão sendo lidas pela comissão julgadora do concurso de peças teatrais os trabalhos que concorrem ao "Prêmio Apolônia Pinto". Abaixo damos a relação completa de todas as peças teatrais que nos foram enviadas:

"O defunto arrependido", Miroel Silveira; "O cavaleiro da Liberdade", Miroel Silveira; "Simão, o Coelho", Galeão Coutinho e Miroel Silveira; "Insônia de uma noite qualquer", Ernesto Costa; "Judas Iscariotes", Nabor Fernandes; "O circo", Hermilo Borba Filho; "A mulher que pecou", Pedro Coelho; "O genro de meus sonhos", João da Mata; "Inveja", Nabor Fernandes; "Revolta", Heloisa; "Nós e o destino", Branca Mauá; "Noite de Reis", Zilda Peres; "Ela de Sa valterra", Hilda; "O beijo do passado", Zilda Peres; "Ironia do destino", Hilda Peres;

"Revelação do destino", M. Moreira de Menezes; "Os amigos da onça", Cesar Fabri; "Jardim das confidências", Anibal de Melo Couto; "Última mentira", Gentil do Vale; "Sangue de escravo", Osmar Barbosa; "Dor mi em paz, heróis do Brasil, Relma Tassara; "O amor em Portugal", Carlos Arnaldo; "Predestinada", Cilínea; "Dança", Arnon Ribeiro; "Flávia", Carlos Alberto Marques; "O noivado de D. Juan", Paulo Cesar; "Uma garota compreensiva", Miroel Silveira; "A mulher que voltou", Homero Lobo; "Treze de Maio", Antonio Jaraguá; "Os dois anôn-

Até o Gênio! Uma Calamidade!



Muitas mulheres sofrem de moléstias que fazem da vida um verdadeiro inferno.

Uma Calamidade!

Em certas doenças, até o Gênio da Mulher pode ficar alterado e ela, de alegre e bem disposta que era, passa a ser triste, aborrecida, desanimada, sem vontade nenhuma de trabalhar e zangando-se facilmente pelas coisas mais insignificantes.

Um martírio!

Para tratar estes padecimentos, consequências do mau funcionamento dos órgãos útero-ovarianos, use **Regulador GESTEIRA**.

Regulador Gesteira é o tratamento indicado.

REGULADOR GESTEIRA é o Remédio de Confiança para tratar inflamação do Útero, o Catarro do Útero causado pela inflamação, Debilidade, Palidez e Perturbações nervosas provocadas pelo mau funcionamento dos órgãos Útero-ovarianos, a Pouca Menstruação, as Dóres e Cólicas do Útero e Ovários, as Menstruações exageradas e Muito Fortes ou Muito Demoradas, as Dóres da Menstruação e as irritações causadas pelo pêso do Útero congestionado.

Comece hoje mesmo a usar **Regulador Gesteira**



cios", Manoel Ferreira Paulino; "A fé enobrece a vida", Hercílio Maes; "Dois de dezembro", Cabelório; "Manola", Paula Galvão; "Espôsa Bíblica", Moema Monclari; "A mulher integral", José Maria Dias; "Columbo", Hamilton Elia; "Artistas da Vida", Nilson José dos Santos; "Foi você", Maria Amélia Rizzo; "Longe do mundo", Roque Pinheiro e Heitor Filho; "A centelha", Violeta Teles Ribeiro; "O pocker dos anjos", Maria Luíza Castelo Branco e Leda Maria de Albuquerque; "A princesa Isabel", Elza Pinho Osborne e Leda M. Albuquerque; "Em busca de um ideal", Maria Teresa F. Melo; "Saudades de Ouro Preto", Juvenal; "O flirt de minha mulher", Maria Rosa Moreira Ribeiro; "O rosário encantado", Maria Rosa Moreira Ribeiro; "Ele não foi traidor", Betina de Diniz; "Erro Essencial", Nairbal Fontes; "Gente Modesta", Ferreira Rodrigues; "Medo de Amor", Ferreira Rodrigues; "Gata Borralheira", Ferreira Rodrigues; "Viver", Sebas Moreira; "E já veio tarde", J. B. Gonçalves; "Repaz de norte", Romualde Torres; "Rumo desconhecido", Leda Maria de Albuquerque e Maria Luíza Castelo Branco Silva; "A tua saúde, Mamãe", Zé Paulista; "Entre o amor e a guerra", Beth Owen; "Janjão", Baby Sheila; "Atlântida Soterrada", Gustavo; "No amor não há felicidade", Mineiro de Minas; "A filosofia não fala ao coração", Chavante do Mato; "Ozama", Amantus Zelma; "Obceção", Geraldo Ecoteyny; "Sinhazinha", R. T.; "O olhar do atrevido", Tomás Leonardo; "Quem vê cara não vê coração", Alcina de Martins Ribeiro;

"Veneno", Benedito Odilon Rocha; "Ela e o secretário", Dalva Costa; "Desquite", Alexandre Leal; "Bonecos", Marco Antonio; "O profeta", Barão; "Conflito", Enéas Pereira Dourado; "Um jovem sexagenário", Saul Quessava; "Marcha Nupcial", Ana Maria Long; "Aconteceu em Copacabana", Zolay; "O diário de Sinhazinha", Alberto Leal; "O homem que foi deus", Guleme Medeiros; "O amor", Guarany; "Um homem singular", Benedito de Andrade; "Perseguição injusta", Sebastião Antônio da Silveira; "Contrastes", Bernard Teles; "E agora?", Raul Vital; "A mulher que ficou", Bob Jones; "Faça-se luz", Julio Franco Fustero; "A pequena do telefone", Lola de Oliveira; "Estação de Águas", Drago B. Sena; "O comunista", Oscarino Ribeiro; "Encruzilhada", Josué Montello; "Tôdas numa só", Cló José; "Conrado", Maurício Bret de Menezes; "Fim de Raça", Sérgio Saavedra Cardoso; "O Inimigo", Leon Feigenbaum; "Gata Borralheira", Naylor Villas Boas; "Entre duas tempestades", Odilon de Souza Ribeiro; "Choque de idéias", Betina Diniz; "Não há de ser nada", Anastácio Barata; "Encontro no passado", Pedro Américo; "Aventuras no ano de 1500", Herculanio Gomes Mathias; "A perseguição tem novo dono", Blau Nunes; "Por que não?", Campos de Carvalho; "A árvore má", Alves Borges; "Hei de ser alguém", Otávio Augusto Vampre; "Olhai o sol", Angelo Raimundo de Sousa; "O sentido da vida", Paulo Torres; "A poça d'água", Eduardo Prado de Mendonça.

ORIGINA DE 1.º ORDEN
ANUNCIOS RECENTES MÊ
COM EXATIDÃO

O PINCE-NEZ DE OURO

JOIAS, RELÓGIOS, BRILHANTES
E ARTIGOS PARA PRESENTES

Luiz R. Ricart
TEL. 22-4690 — RIO

Joalheria
R. CARIOCA N.º 28



— Mas onde é, meu D.
que eu hei de arranjar la

COM
si m

A
A

E
ca

MI
cas



COMEÇA O DIA — O dia de uma mãe de família começa antes das sete da manhã, quando os garotos se preparam para a escola e para o jardim da infância. A maior calça-se por si mesma, o menino conserta os suspensórios, a menorzinha tem que ser ajudada. A "toilette" das crianças é observada em seus mínimos detalhes pela pobre mãe, que se apressa para poupar o tempo precioso.

A TRAGEDIA DE UMA DONA DE CASA

A FILA DE LEITE E AS DESILUSÕES — NOS AÇOUGUES VAZIOS — A EDUCAÇÃO DOS FILHOS É PRIVILÉGIO DOS RICOS — UMA VISITA TRATADA A PÃO SECO — A VIDA COMEÇA DE MADRUGADA

(As pôses para esta reportagem foram gentilmente feitas por Sagramor Scuvero e Antonio Requião, da "Rádio Globo")

ESTE é um drama que começa às seis horas da manhã e se repete todos os dias em cada bairro, em cada rua, em cada casa residencial: o drama das donas de casa.

Para compreendê-lo é preciso que se veja a extensão das filas do leite que dormem ao sol por horas e horas, às portas dos entrepostos vazios. Para senti-lo é necessário que se veja

o número trágico que os preços das verduras apresenta nos pedacinhos de papel azul dos mostruários das feiras.

E de dia para dia mais se acentua essa si-

MESA "FARTA" — Nos dias em que recebe visitas é que a dona de casa vê com maior largueza a intensidade de seu drama. Uma pessoa amiga deve ser sempre recebida em nossa casa com uma hospitalidade oriental. Assim pensa a boa senhora. E oferece aos visitantes tudo o que lhe podem dar os cartões de racionamento e os armazens vazios: café com pão duro. O aparelhe é de cristal e custou muito caro. Há bastante luxo aqui, mas não há comida.



tuação trágica, que vai se agravando progressivamente, enquanto escasseiam nos mercados as utilidades e os gêneros, e sobem vertiginosamente os preços dos produtos de primeira necessidade.

A VIDA COMEÇA AS SEIS

A vida de uma dona de casa, nos dias que correm, começa às seis da manhã. Principia pela fila interminável do leite, onde ela permanece por mais de duas horas, à espera de que sobre um litro do precioso líquido para o seu lar necessitado. As crianças esperam em casa pelo "tira jejum", enquanto a mãe, de garrafa em punho, forma na longa coluna dos que esperam à porta do entreposto. Muitas vezes, depois de uma espera de mais de uma hora, volta a pobre senhora para casa com a garrafa vazia, pois o leite não deu para satisfazer às necessidades de todos os moradores do bairro.

E então volta para casa desiludida a boa dona de casa, pensando já num alimento que possa substituir o leite na alimentação das crianças. Eis senão quando se lhe depara outra longa fila, plantada no meio da rua. A testa da "bicha" vai ter a uma "vaca leiteira" — como são conhecidos os caminhões que fornecem o precioso líquido à população do Rio.

Outra desilusão: após nova espera, ela vê novamente baldados os seus esforços para levar para casa um litro de leite. O caminhão se esgota e se esgota também a paciência da infeliz senhora, que volta para casa mal humorada, despejando sobre os garotos toda a fúria dos recalques acumulados na longa espera das filas do leite.

E a vida continua. Os meninos têm que se vestir, e quem cuida disso é ainda a pobre mãe. Depois de ingerir às pressas um copo de leite artificial com pão simples, saem os garotos para a escola. E a mãe fica em casa, já pensando no almoço, dando tratos à bola para arranjar no armazém e na quitanda os elementos para o "menu" vulgar de uma refeição apressada.

POR QUE ELA TRABALHA

Os leitores poderão agora, com muita razão, fazer esta pergunta:

— Mas por que a dona de casa não manda a sua empregada fazer tudo isto?

Por um motivo muito simples, leitor amigo: a empregada não existe. Despediu-se na noite anterior ao dia em que foi feita esta reportagem. E despediu-se por um motivo muito simples: leu no "Jornal do Brasil" um anúncio em que uma família americana oferecia Cr\$ 300,00 a uma cozinheira. Ora, a sua patroa não lhe podia pagar mais que Cr\$ 200,00. E ela se foi.

Isto é uma coisa que acontece todos os dias. O Rio é uma cidade que ainda não apresenta recursos técnicos que permitam às donas de casa uma perfeita ordem nos trabalhos domésticos sem o auxílio de uma empregada, pelo menos. Mas os ordenados básicos das domésticas na época atual tornam-nas um luxo extremamente dispendioso para os lares da classe média. E assim, além das funções de mãe de família e dona de casa, a pobre senhora acumula ainda os cargos de cozinheira, copeira e lavadeira.

A sua vida é um trabalho constante, sem lei de oito horas, sem descanso semanal, sem férias anuais. De janeiro a janeiro a pobre mulher se esfalpa nos mais duros misteres, carregando pesos, varrendo a casa, lavando pratos...

E, se um dia encontra uma empregada, tem que pagar-lhe um ordenado exorbitante e continuar a fazer o serviço, pois as domésticas de hoje têm uma noção muito avançada de seus deveres e de seus direitos. Além disso, em

NAO HA LAVADEIRA — Mãe e filha empenham-se na elaboração do rol da roupa suja. Uma vez contadas, as peças são todas metidas num saco, que fica esperando pela lavadeira que não aparece. Um dos principais problemas das donas de casa é justamente este: a lavagem de roupa paga por mês. As lavadeiras não se conformam mais com um ordenado fixo, preferindo antes cobrar o seu serviço por peça, o que lhe é mais lucrativo. A lavagem de uma camisa custa agora Cr\$ 1,50. E isto acontece quando a dona de casa ainda tem a ventura de encontrar uma lavadeira.

virtude da escassez de braços para os serviços dessa natureza, as empregadas "estão por cima". E sabem disto. Esta é a razão pela qual a dona de casa ou trata uma empregada com muita diplomacia e habilidade, ou fica sem ela dentro de um mês.

E quando a doméstica se despede, aos seus múltiplos afazeres soma-se mais um, o pior de todos: procurar empregada.

"FAZENDO" A FEIRA

O trabalho que começa na fila do leite tem o seu ponto mais intenso na feira. Quem nunca meteu uma bolsa debaixo do braço para fazer compras não pode supor o longo martírio que para as donas de casa significam estas palavras: "fazer" a feira.

De manhã bem cedo, uma ou duas vezes por semana, a chefe de família sai para a feira do bairro. A feira representa sempre uma pequena economia, pois que o preço dos armazens são sempre mais elevados que os das barracas. Mas o que se ganha em dinheiro perde-se em trabalho.

As tendas dos vendedores se espalham por um espaço de muitos metros quadrados, sem uma sequência lógica ou separação por espécie. Nunca se sabe onde está uma barraca de peixes ou de frutas.

E por isso a boa dona de casa percorre toda a feira em todos os sentidos, indo e voltando no meio da multidão, para adquirir tudo o que necessita. E nem sempre encontra o que procura.

Finalmente, depois de encher a sua bolsa com frutas, legumes e algo mais que comprou por achar barato, volta à casa, esvazia a sacola e torna à feira para recolher mais mercadoria.

Tôdas as donas de casa que tivemos ocasião de ouvir foram unânimes em queixar-se contra os preços exorbitantes cobrados hoje nas feiras livres.

— Antigamente — dizem elas — a gente saía de casa com 50 cruzeiros e comprava na feira alimento para uma semana. Hoje, com 100 cruzeiros não se compra nem as verduras necessárias à alimentação da família. O resultado é que temos que recorrer durante a semana aos vendedores ambulantes que nos passam pela porta. E estes vendem sempre pelo dobro dos preços da feira.

Some-se a isto a situação humilhante em que vive hoje uma freguesa da feira-livre. Os vendedores, cômicos da falta de mercado, aproveitam-se dessa situação para explorar o mais possível os seus fregueses, tratando-os, por cima, de um modo grosseiro e brusco.

Mas a pobre dona de casa não pode fugir ao seu destino cruel. Periodicamente tem que "fazer" a feira, ouvindo as indelicadezas dos vendedores, misturando-se com a multidão apressada, recebendo encontrões e impropérios, atropelando muitos e sendo atropelada por todos.

E quando consegue na feira aquilo que desejava, ainda se dá por muito feliz e sente-se recompensada de todos os sacrifícios.

CARNE, OBJETO DE LUXO

— Trouxe o cartão?

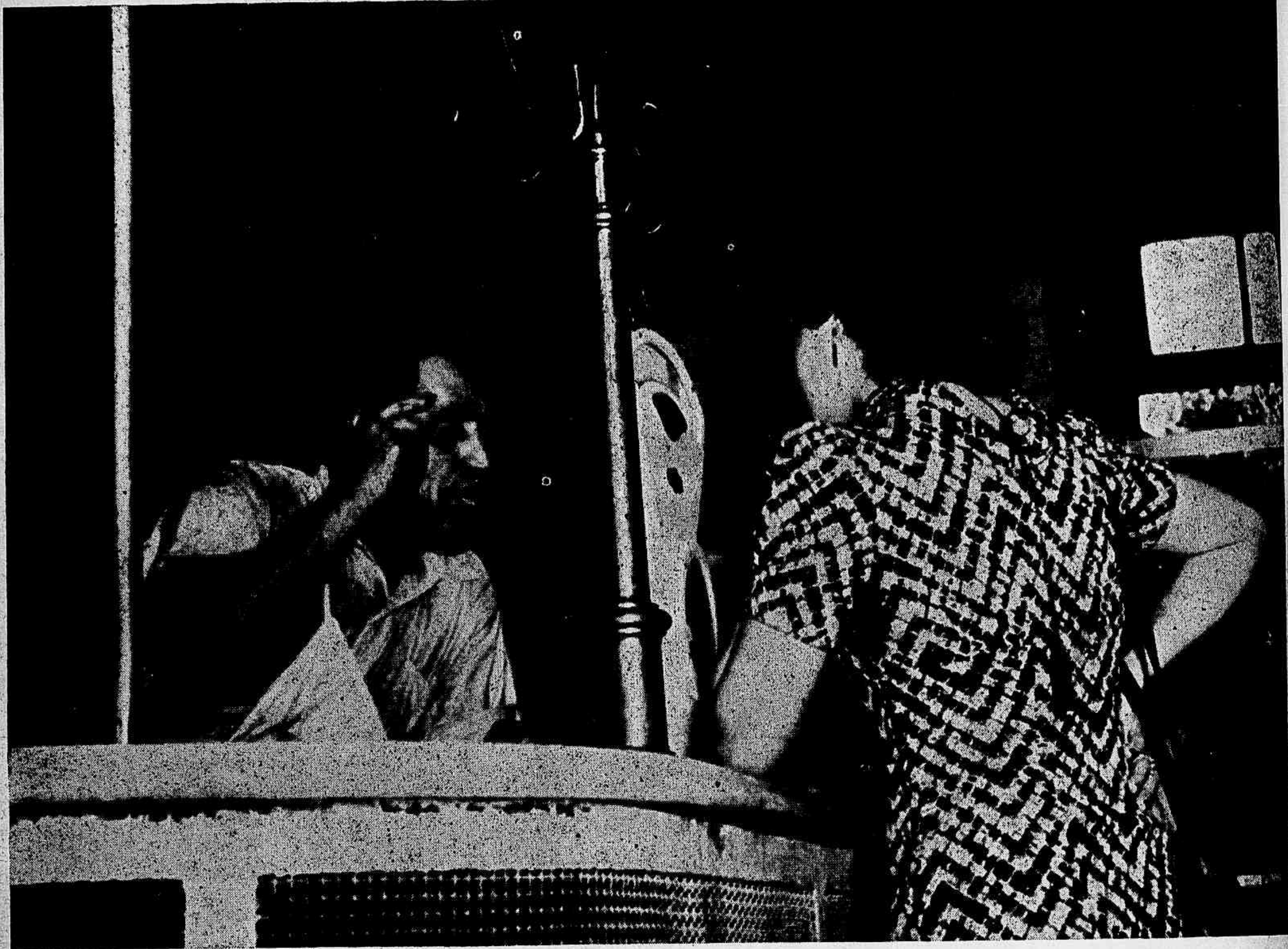
— Aqui está ele.

— É, cartão tem. Mas carne não.

Este foi um diálogo que ouvimos num açougue. Eram oito horas da manhã e não havia mais carne. E no entanto era dia de carne. Mas hoje só pode comprá-la quem acorda às cinco horas da manhã para se postar à porta dos "talhos", esperando que comecem os trabalhos da casa. E ninguém é bem servido.

Algumas vezes, por uma camaradagem do açougueiro, a dona de casa consegue algumas gramas de vitela sem a apresentação do pa-

LA VAI ELA — "Não, senhora! Não posso ficar! Se a senhora não pode me pagar 300 cruzeiros com casa e comida, outros podem. Adeus e passe muito bem". Assim falou a cozinheira. E a pobre dona de casa, que já não tinha lavadeira nem copeira, viu-se obrigada a assumir também as funções de mestre cuca, fazendo todos os dias o almoço e o jantar do marido e dos filhos. O resultado é que, não podendo dispensar muito tempo à cozinha, ela lança mão dos recursos que tem em mãos: conservas. E o regime alimentar, que nunca é bom, piora em seu lar.



NO AÇOUGUE — "Só dando um tiro na cabeça!", exclama o açougueiro nervoso. "A senhora não sabe quantas pessoas já me amolaram hoje por causa da carne". E a pobre dona de casa ouve as lamentações do dono do açougue, olhando cheia de tristeza para os ganchos vazios. Nem um quilo de filet, nem um restinho de alcatra. O açougue abre-se às seis e às sete já não se encontra ali nem uma grama de carne. Não adianta ter cartão, pois só os que madrugam à porta levam para casa um pouco de alimento.

NO ARMAZEM — Feijão, arroz, massa para a sopa, tudo depende de uma longa discussão com o dono do armazem. De dia para dia os gêneros sobem vertiginosamente, e a dona de casa tenta defender a economia de seu lar regateando tudo. Mas o negociante é inflexível. O preço é aquele, e quem não o aceitar que fique sem comer.



pelucho do racionamento. Mas isto depende de uma longa campanha diplomática junto ao negociante. E depende, sobretudo, do humor que este tenha à hora em que for procurado.

Visitámos outro açougue, onde chegava uma senhora no justo momento em que entrámos. O açougueiro mostrou-se delicado e pronto a servi-la, mas infelizmente a sua boa vontade de nada valia, pois a carne já se esgotara.

Em outro "talho" o proprietário, de mangas arregaçadas e sangrentas, queixava-se furioso a uma freguesa que lhe pedia carne:

— Não há. Não há, e é inútil insistir. Já vieram aqui mais de trinta pedindo a mesma coisa. Onde é que eu vou encontrar carne p'ra tanta gente? Estou é ficando maluco com tanta amolação. Se continuar com este açougue acabo dando um tiro na cabeça.

E a crise continua. A carne hoje é um objeto de luxo, que só aparece nas mesas dos ricos, que podem pagá-la ao preço do mercado negro. Nas casas dos que trabalham para viver, a sua falta é suprimida por conservas de tôdas as naturezas, quando para tal pode ser dispensada uma verba mensal relativamente elevada.

"O ALMOÇO ESTA NA MESA"

"O almoço está na mesa" — isto quer dizer que a dona de casa, após vários atos de heroísmo e sacrifícios ingentes, conseguiu levar para a sala de jantar o fruto de seus esforços titânicos.

Não há muito tempo, só mesmo os representantes das classes miseráveis sentiam faltar algo à sua mesa. Agora porém, após a

longa série de assaltos em alta escala praticados contra a bolsa do povo, por trás da cortina de fumaça da guerra, a miséria foi estendendo os seus tentáculos ao operariado, atingindo por fim a classe média, que anda agora também com o estômago às costas, pois os salários, por maiores que sejam, não podem enfrentar a dureza dos especuladores e a sanha da inflação.

E quem mais sofre com isso são precisamente as donas de casa, que se vêem obrigadas, para que à sua mesa esteja sempre o pão sem manteiga de cada dia, a praticar os malabarismos mais arrojados, fazendo verdadeiros milagres de multiplicação com a verba que a economia doméstica reserva para a alimentação.

E chegada a hora do almoço, quando fume o feijão manteiga na travessa funda, os filhos e o marido não têm a menor idéia do longo sacrifício que representa aquele negro alimento, muitas vezes comprado num armazém distante, onde se cobra dois tostões a menos em cada quilo. E o que foi economizado no feijão a heroína doméstica aproveitou na compra de um tempêro gostoso, que torna mais apetitosa aquela comida insípida de após-guerra.

E assim, de mágica em mágica, a boa fada do lar consegue todos os dias fazer aparecer à mesa o jantar e o almoço, que saem dos armazéns vazios e dos açougues racionados como saem bandeiras e coelhos da cartola de um prestidigitador.

Muitas vezes entretanto, não encontrando na mesa as iguarias finas que sempre lhes era servida antes da guerra, os meninos reclamam contra a "bóia", em sua inocente ingenuidade, sem saber que aquela comida, mesmo simples e sem gosto, é uma grande vitória conseguida por sua mãe, resultado de longos trabalhos e de intensa fadiga.

E a vida rola... Dia vai, dia chega, a mãe de família continua a sua labuta intensa, no afã de alimentar bem os seus filhos e conseguir para sua família tudo o que lhe podem oferecer, mesmo à custa de grandes sacrifícios, as estreitas possibilidades do nosso mercado de gêneros.

E ela, a maior vítima da inflação, ela que mais sofre os efeitos da especulação e do câmbio.

"FAZENDO" A FEIRA — Uma das mais cansativas obrigações da dona de casa é "fazer" a feira. Com uma bolsa em punho ela percorre as barracas, procurando encontrar verduras e legumes que supram a falta de leite e de carne. As frutas custam os olhos da cara, os ovos estão sendo vendidos por preços estratosféricos. Depois de adquirir um pouco de verdura e algumas frutas, volta para casa a pobre senhora aterrorizada com os preços da feira. Se as coisas continuarem assim, a verdura será brevemente vendida a preço de ouro e as frutas terão o valor de diamantes raros.



bio negro, continua sem um queixume a lutar contra os exploradores, combatendo à sua maneira, dentro de uma estratégia de trabalho e sacrifícios.

PARA VESTIR OS FILHOS

Se o problema da alimentação é tão intrincado e de difícil solução, não o é menos o do vestuário. Uma dona de casa tem que providenciar sempre à hora certa a camisa do esposo, os vestidinhos da filha, a sua própria roupa e a roupa do menino. Como, em geral, ela não pode comprar a indumentária para a família nas lojas de luxo, recorre aos sistemas de crédito, que lhe leva todos os meses uma boa parte da receita doméstica.

No "carnet" de crédito de uma família, que tivemos ocasião de observar, entre muitas coisas caras figuravam um vestidinho de menina comprado por Cr\$ 200,00 e uma capa de borracha para um garoto, pela qual foram pagos 350 cruzeiros. E isto não é de admirar, quando se sabe que um sapato de criança de qualidade inferior custa hoje nada menos de 60 cruzeiros o par. E os meninos gastam tanto os sapatos... A mãe de família vê com desgosto o menino jogar futebol na rua com os sapatos novos. Ralha, fala da carestia de vida. No dia seguinte o garoto aparece com a calça furada. E a calça custou 150 cruzeiros.

O garoto leva um "pito", mas continua alegre. Na cabeça de sua mãe aparece porém mais um fio de cabelo branco. E se a vida

continua desta maneira, brevemente esgotar-se-ão nos salões de beleza os "stocks" de tinturas químicas para o cabelo.

VAIDADE A DOMICÍLIO

Por falar em instituto de beleza, convém lembrar o papel que ele representa na vida da mulher moderna. A dona de casa, como qualquer outra filha de Eva, tem que se enfeitar e fazer "toilette". Isto lhe rouba um tempo precioso. Mas ela encontra sempre alguns minutos de folga, para dedicar à sua beleza. Antigamente ela ia aos salões de beleza, que não eram, naqueles tempos saudosos, um privilégio das mulheres milionárias.

Agora, entre um jantar e um almoço, enquanto espera pela hora de pegar de novo no "batente", a dona de casa trata-se de si mesma.

Tudo o que foi julgado supérfluo ela deixou de usar: as meias foram uma destas coisas. Mas o prestígio do "bâton" e do "rouge" não decaiu. Jóias, há muito tempo que não se pode comprar senão as baratas e fantasias.

Mesmo assim a boa dona de casa, durante os seus raros minutos de folga, põe-se diante da penteadeira e dá uns retoques no semblante. Depois de meia hora o "make-up" esconde, sob uma capa hábil de "camouflage" perfeita, as rugas e os pés de galinha que o trabalho ingrato da cozinha espalhou sobre a sua pele jovem.

"MEU DEUS, UMA VISITA!"

Visitamos uma residência familiar. A dona de casa veio nos receber alegremente, mostrando-se amável e versátil. Vimos porém por trás de toda essa cortezia, o transtorno que estávamos lhe causando.

Numa casa atribulada, como são hoje todas as casas, uma visita é sempre um problema. Em primeiro lugar ela vem roubar à dona de casa um tempo precioso, que poderia ser aproveitado nos trabalhos da copa e da cozinha. A visita requer ainda que se lhe ofereça alguma coisa. Ora, nestes tempos duros de racionamento não é fácil ter sempre à mão biscoitos e licores caros.

Por isso não estranhámos quando a dona de casa nos ofereceu, num aparelho todo de cristal vindo da América do Norte, café com leite e pão sem manteiga. A sua hospitalidade era grande e sincera, mas a manteiga não existe e o leite não fôra distribuído naquele dia.

Saimos encantados daquela casa. O "farturinho" lunch que nos fôra servido era outra face da tragédia que envolve hoje a vida de todas as donas de casa.

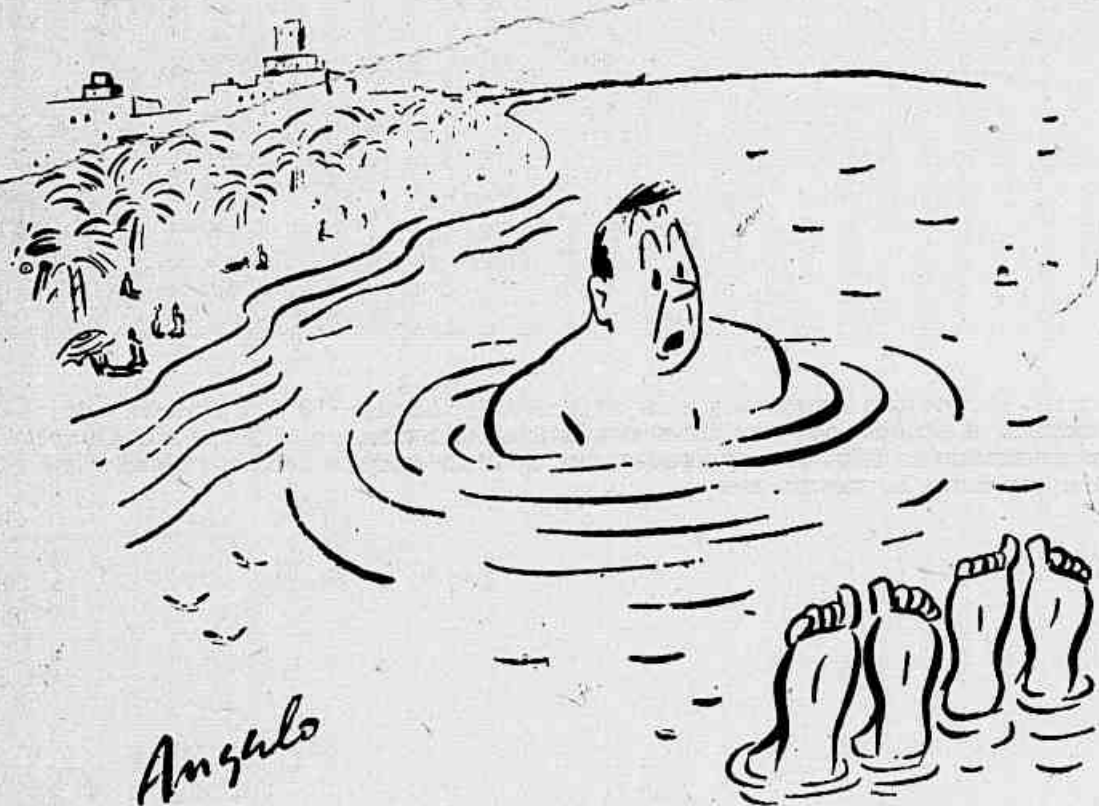
E prometemos a nós mesmos nunca mais visitar ninguém, para que não tenhamos culpa alguma na extensão desse grande e triste problema, que dia a dia mais se agrava, cobrindo o Rio de Janeiro em todas as direções, de Ilanema a Cascadura.

UMA DESILUSÃO — Depois de permanecer durante duas horas na fila que se estendia à porta de um entreposto de leite, a pobre senhora voltava desiludida para casa, quando deparou com outra "bicha" que esperava pelo leite de um caminhão estacionado na praça Duque de Caxias. Entrou na longa cauda e esperou pacientemente pela sua vez. Mas quando já se aproximava da "vaca leiteira" teve outra desilusão: o leite havia acabado. Não é necessário comentar o seu humor: olhemos sua expressão fisionômica.

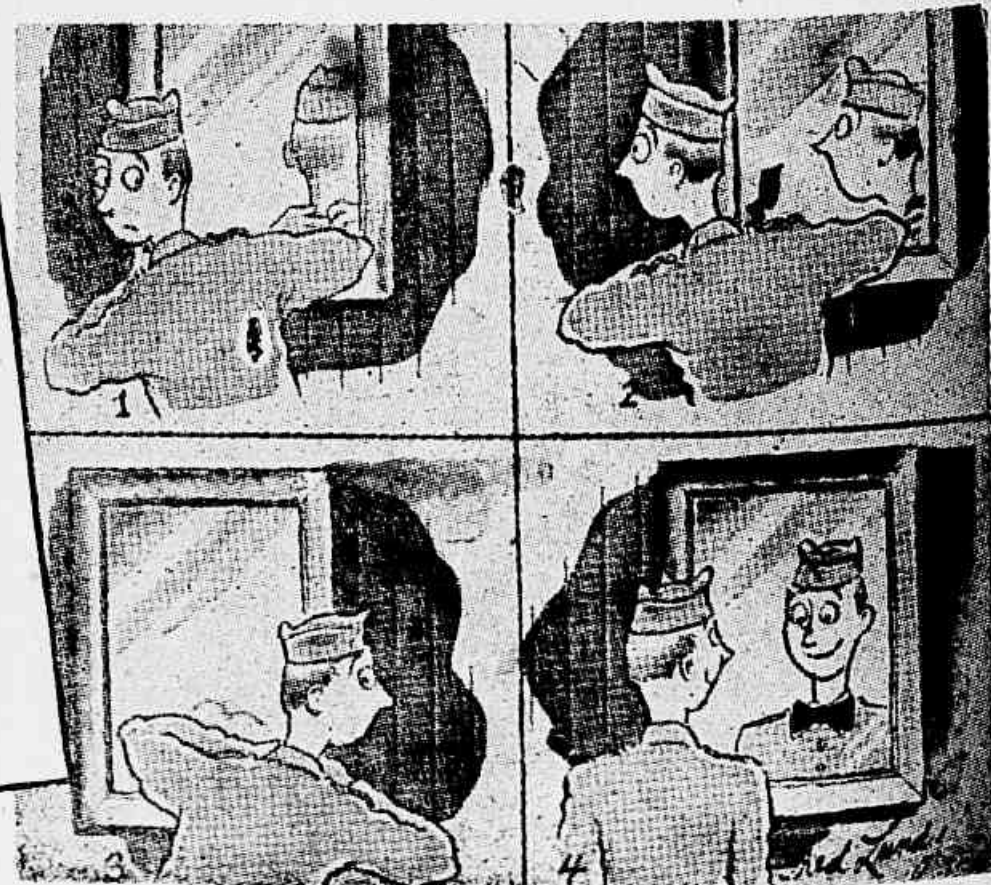
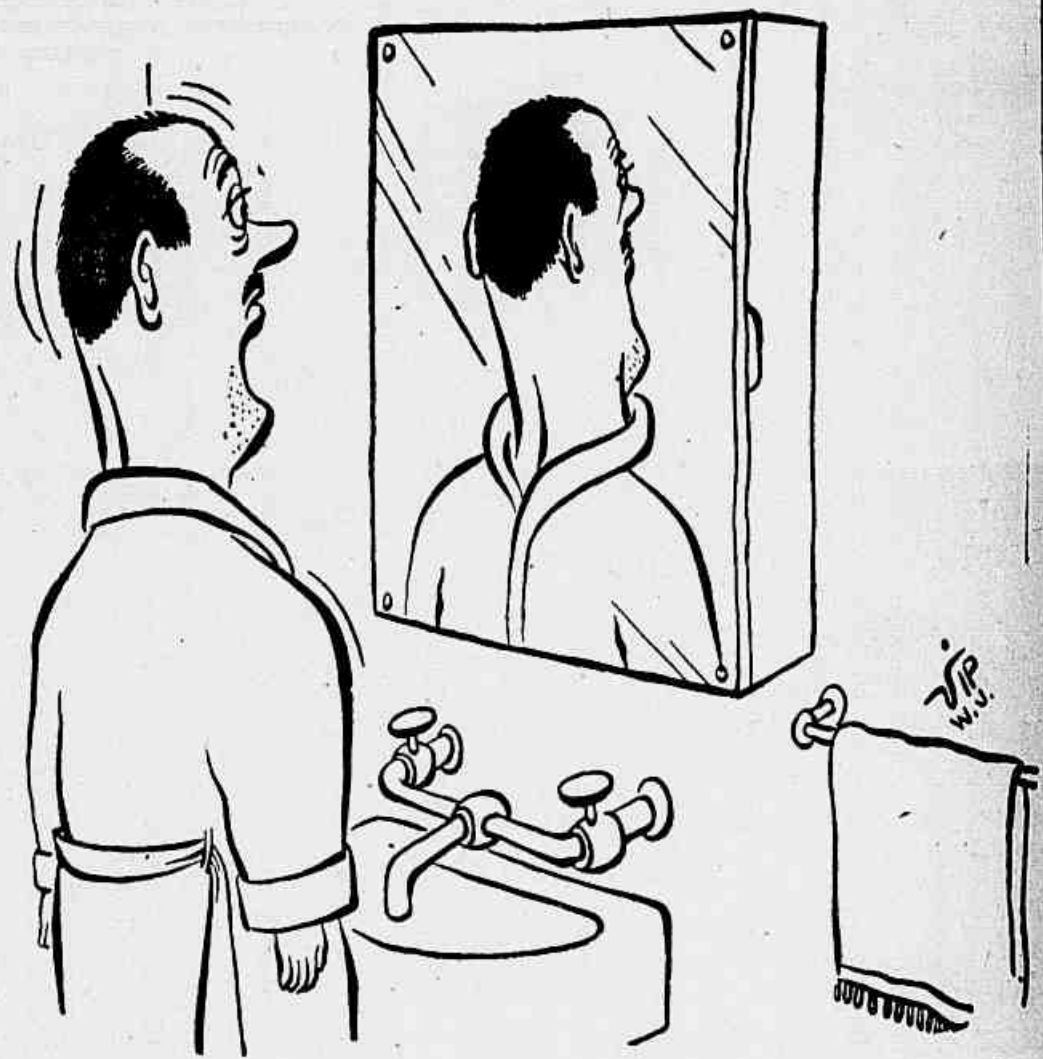




QUEM É ?...



DE BOM
HUMOR



UMA ARTE SECULAR

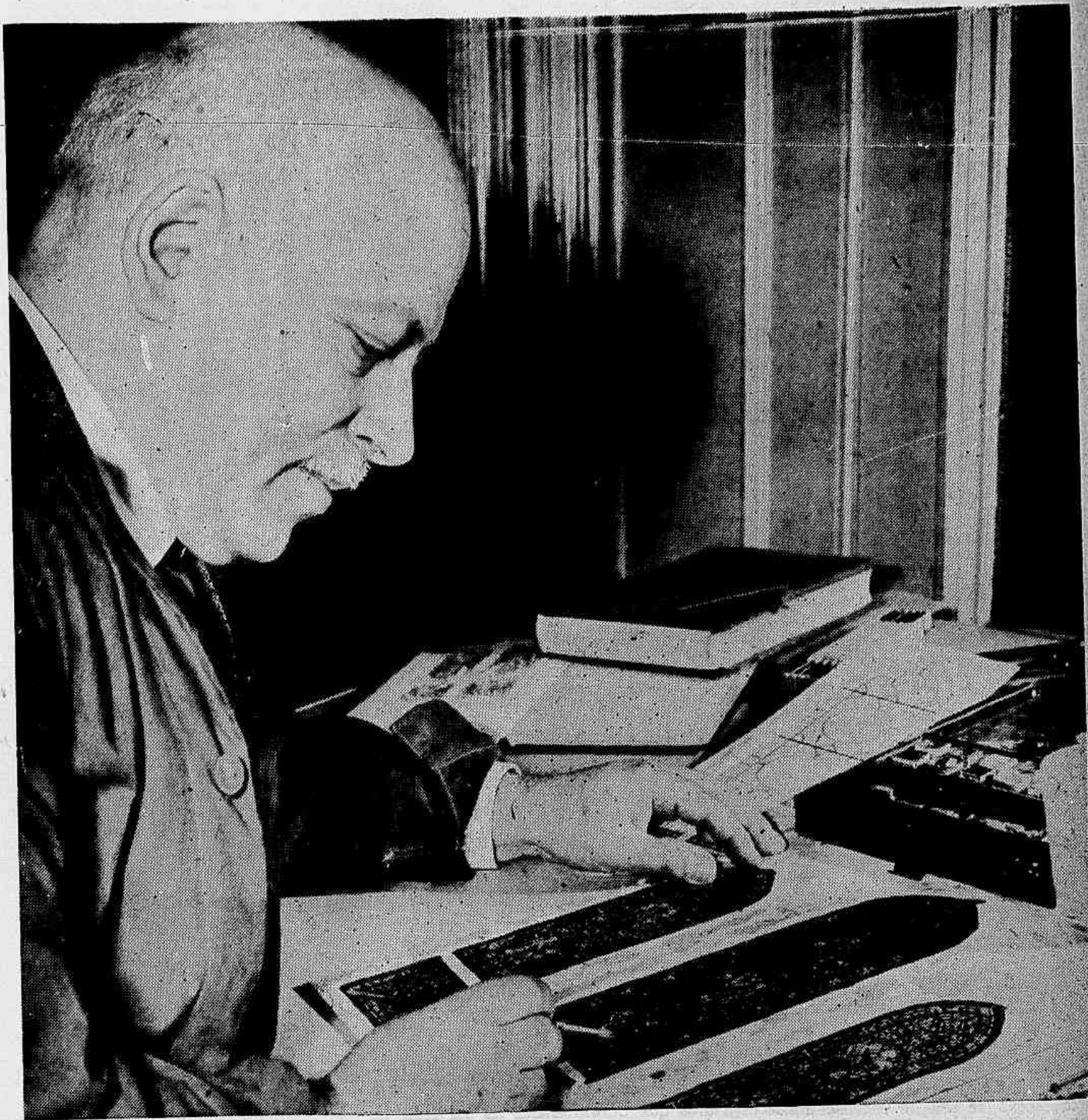
Com as suas origens perdidas na Antiguidade, a arte dos vitrais ganhou entretanto maior prestígio na Idade Média, atingindo o seu apogeu nas construções góticas.

A arquitetura inglesa dos séculos medievais tornou-a quase um complemento da arte religiosa, que era aliás a única arte admissível no longo período que vai da queda de Roma à queda de Bizâncio.

Mas mesmo na era de dominação do Império do Oriente, onde os sábios bizantinos sustinham a custo a velha arte clássica, os vitrais atingiram o grau máximo de sua beleza durante a Idade Média. E' assim que vamos encontrá-los em formas múltiplas, tanto nas catedrais e abadias da Inglaterra e da Alemanha quanto nos antigos templos ortodoxos da Rússia.

Hoje o vitral é empregado em grande escala nas construções portentosas dos arranha-céus e dos palácios, pois ainda muito se preza o seu efeito ornamental nas grandes massas arquitetônicas.

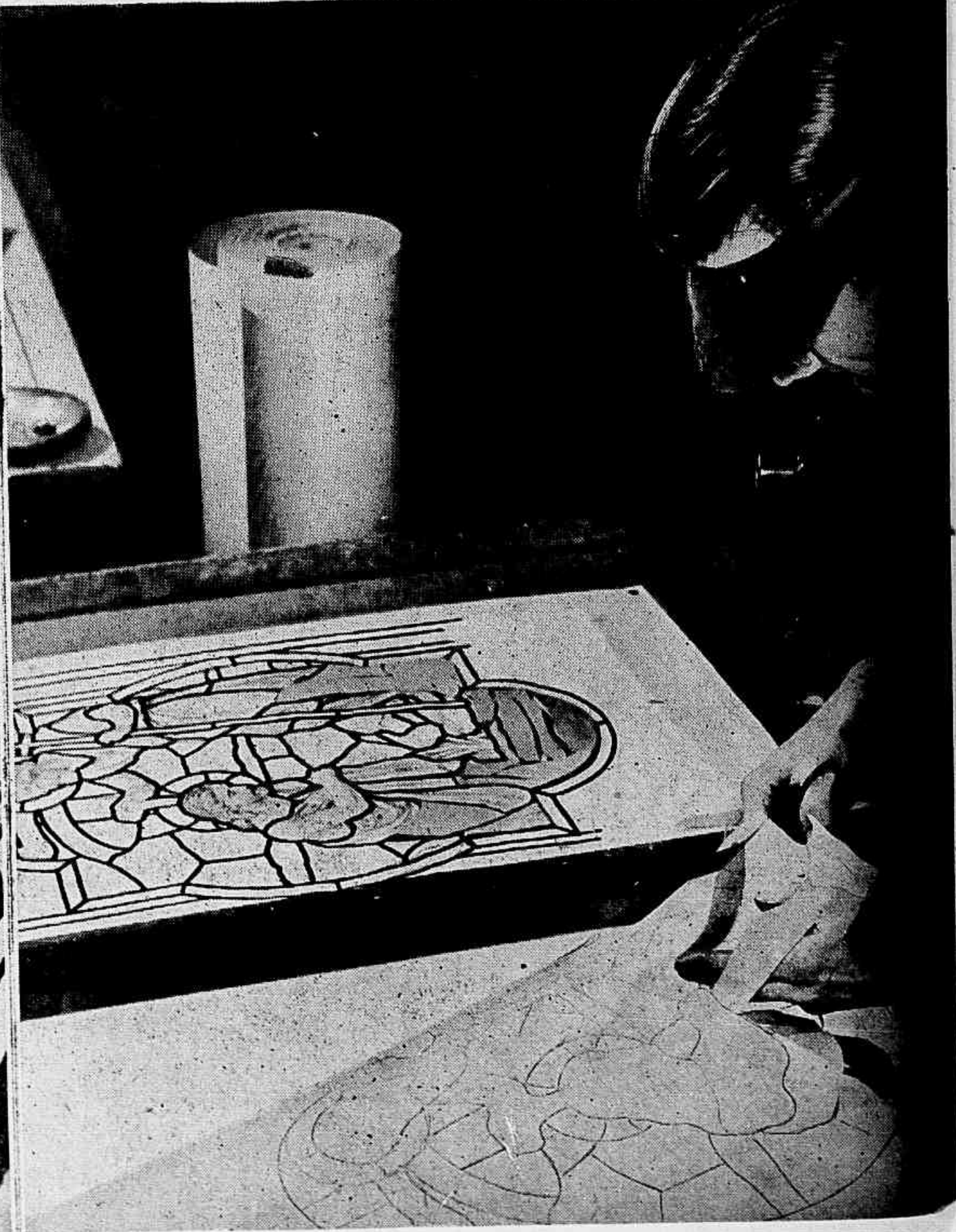
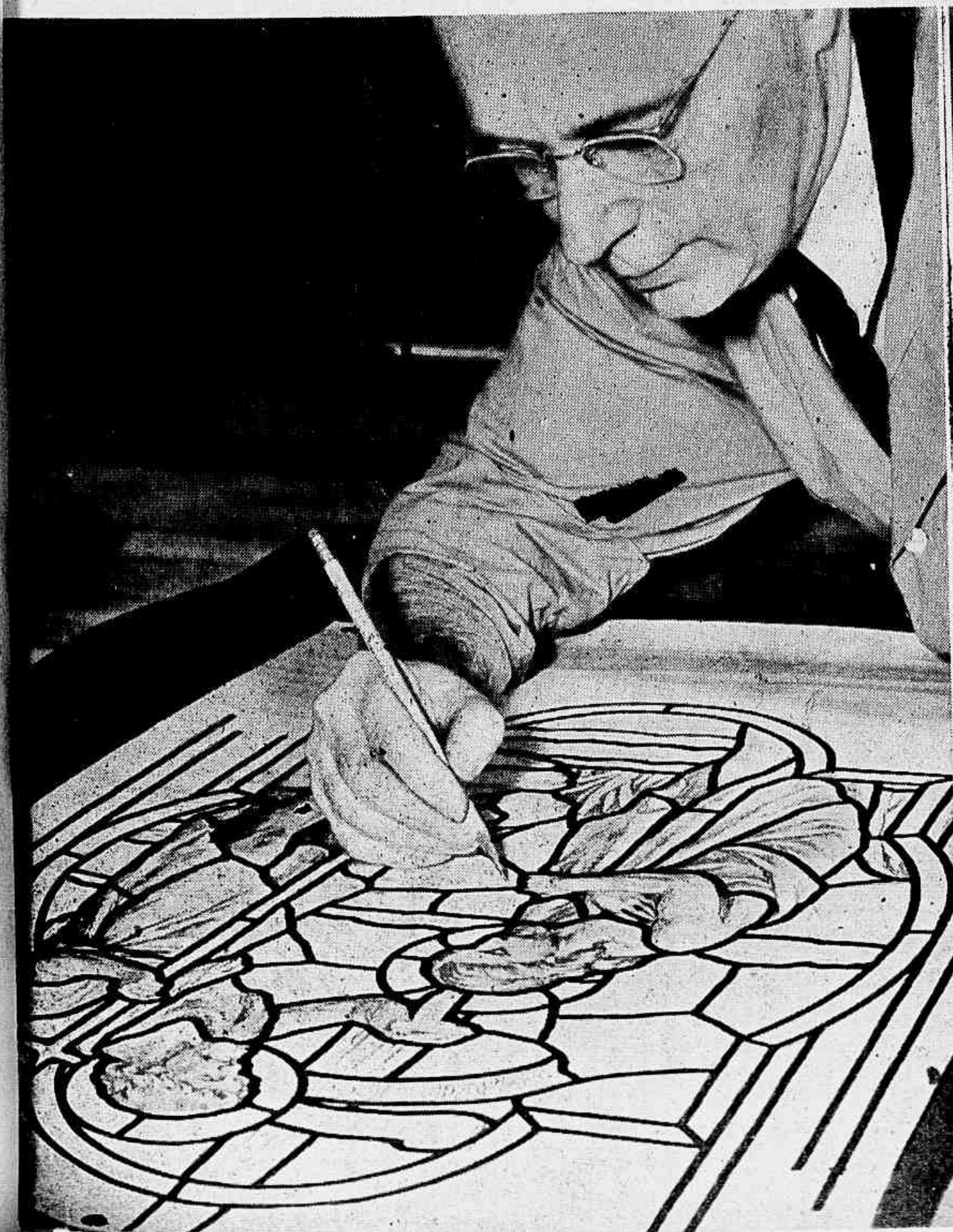
Nestas páginas, através de fotografias americanas, procuramos dar aos nossos leitores uma idéia de como são fabricados atualmente os vitrais que ornamentam as modernas igrejas e palacetes.



1 A primeira fase da preparação de um vitral é a confecção da maquete, que se faz em papel encorpado. O artífice, munido de um pincel fino e delicado, desenha e colore todas as linhas, traçando uma miniatura do trabalho a ser executado.

2 Com um lápis, o segundo artífice traça sobre o modelo as linhas a que deve obedecer a divisão da obra em diversas seções. Esta tarefa requer uma atenção ilimitada e uma grande habilidade.

3 Decalcado do modelo um "croquis" com os traços divisionários em evidência, outro artífice se encarrega de recortar este desenho, para que dêle se tomem modelos para a feitura de cada uma das partes do grande vitral.



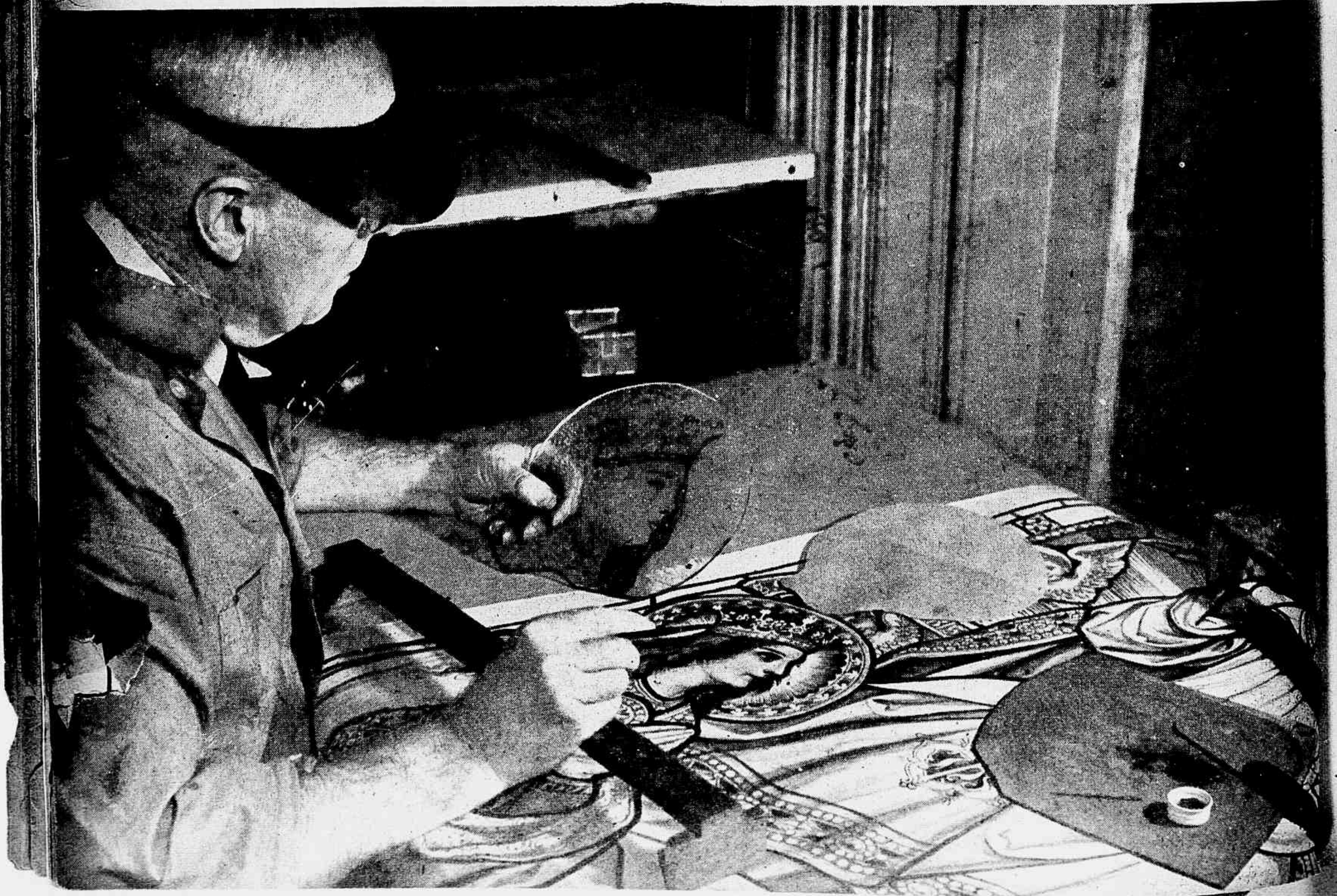


4 Na secção de seleção são escolhidos os vidros que devem entrar na confecção do vitral. Tudo é levado em conta na escolha: a densidade da coloração, a espessura da lâmina, a sua estrutura. Um artifice escolhe as placas, enquanto outro as molda.



5 Aqui é recortada cada peça de vidro. Pequenas e grandes lâminas são recortadas com um aparelho provido de diamante. Estas pequenas secções do vitral são depois levadas ao encarregado da pintura. Mas também o trabalho deste homem é de grande responsabilidade.

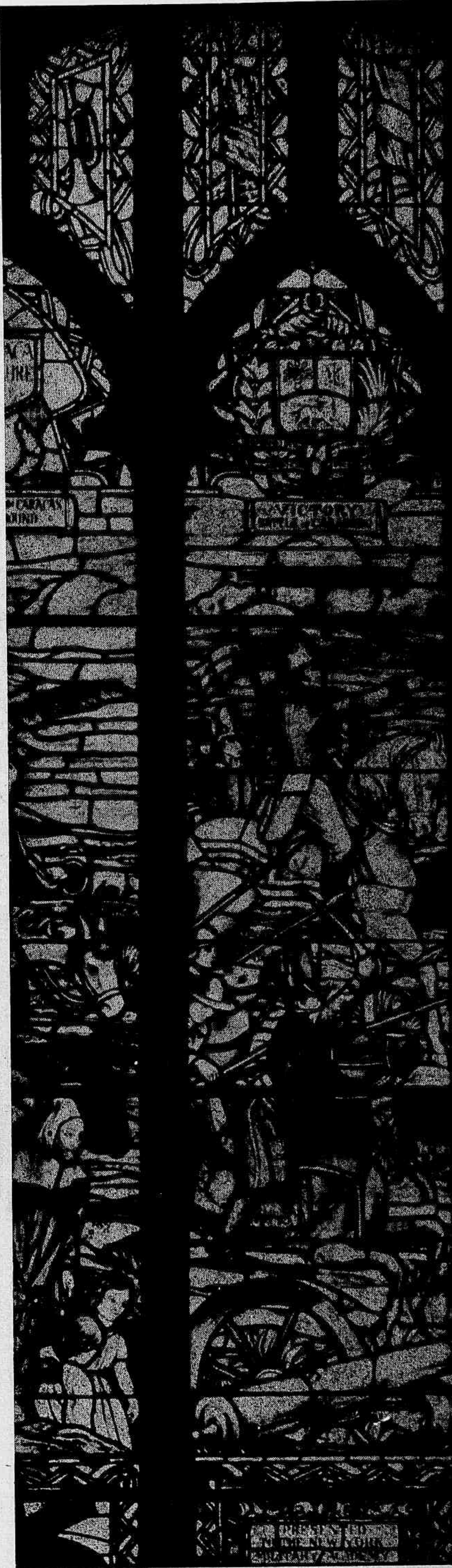
6 Servindo-se de tintas e pincéis especiais, este artista vai pintando, nas diversas divisões do vitral, as figuras que deverão formar o conjunto. Segue à risca a maquete traçada por outro artista, dando-lhes as mesmas tonalidades e as mesmas formas. O trabalho deste homem requer tanto senso artístico e técnica quanto a confecção de um quadro a óleo.





7 Aqui está o encarregado da pintura, empenhado na pintura de um detalhe. Para que o trabalho saia perfeito, ele põe a peça contra a luz. Assim poderá estudar o efeito do vitral e fazer com que as cores sejam aplicadas de modo agradável.

8 A junção das diferentes peças é outro trabalho difícil e delicado. Uma vez pôsto cada pedaço de vidro em seu lugar, um artifice passa na parte traseira um fio grosso de liga metálica, fazendo a soldadura com uma ponta de ferro em brasa.



9 Está pronta finalmente a obra de arte. Agora ela ornamenta um museu ou uma catedral. A arte dos vitrais é tão antiga que a sua origem se perde na Antiguidade. As ogivas dos templos medievais eram quase sempre ornamentadas com vitrais coloridos. Hoje vários edifícios aproveitam os efeitos ornamentais dos vitrais para completar a sua beleza. A arte do vitral desenvolveu-se, tornando-se numa verdadeira indústria rendosa e grande. O processo de sua fabricação é entretanto o mesmo de que se utilizavam os artífices da Antiguidade e da Idade Média. Aí está moderno vitral mexicano, baseado num motivo histórico e que enfeita um grande prédio.

MUSICA

QUAL O MAIS GENIAL?

Falava-se de arte, numa roda de amigos quase exclusivamente musicistas. A chuvazinha mole de janeiro refrescava nosso espírito, induzindo-o a divagar. Sem se notar, a capa fictícia que recobre, algumas vezes, os pensamentos em sociedade, obrigando-nos a fingir falsas afinidades, gostos incompatíveis com o nosso eu, derretia-se, aos poucos, ao calor da conversação. A alma descobria-se, desprezando julgamentos, mostrando seu verdadeiro sentir. Indiferente aos cronômetros, atravessávamos o tempo. Percorria a mente regiões encantadoras, deparando, a todo instante, compositores, grandes virtuosos, semelhantes a colossais esboços que coloria e aperfeiçoava de acordo com a sua maneira de ver.

Três quartos de hora passaram-se. Jovem pianista escolar, assistindo à conversa com interesse ilimitado, procurando captar os pensamentos, guardar indelevelmente nossas idéias, perguntou: "Qual o mais genial dos compositores?" Interrogação estranha que nunca formulamos. Bach, Mozart, Chopin, Liszt, Beethoven, qual o mais genial? Bach é o matemático da música; Mozart, o poeta; Chopin, o cantor alfofílico; Liszt, o acrobata; Beethoven, o filósofo. Consideramos, todos, gênios; nunca, porém, nos aprofundáramos a indagar, a medir a quantidade dessas genialidades para podermos compará-las.

Môças românticas, lânguidas intérpretes de valsas de Chopin, achariam sem cabimento a pergunta e considerariam néscio quem a fizesse, pois poderá haver um segundo Frederic François Chopin? Outros diriam ser Bach, talvez não por convicção própria, ignorando mesmo o que essa grande figura representou e representa para a música, mas por ouvirem dizer certos professores, para eles autoridade infalível... E, assim, continuariam as opiniões. Cada um sente de maneira diferente; difícil encontrar dois corações afinados no mesmo diapasão e, dêse modo, suas preferências serão diversas, como diversas também suas respostas. Julgo, para eficientemente dá-las, necessária uma mentalidade maior que a deles. Será isso possível? Os séculos que passaram, a música que vibra em nossos ouvidos e a gratidão eterna dos povos replicam: "Não". E esse "não" é a verdadeira palavra.

Continuemos, embevecidos, maravilhados, a ouvir suas músicas, procurando elevar-nos até eles, em espírito, compreender o mistério de cada passagem, o sublime de cada trecho, para sentirmos a magnificência do gênio e esquecermos a infantilidade da pergunta. Nessas paragens, o possuidor de tão alto grau de desenvolvimento não indaga de coisas supérfluas, sem importância para sua maior evolução, mas procura somente a essência, numa busca incessante do sentir e do saber infinitos que o elevam à eternidade.

Maria da Gloria

CINEMA

UM PASSO ALEM DA VIDA

Devem os leitores lembrar-se daquele filme, não muito antigo, que se denominava "Pandemônio" e onde, em dado momento, a ação enveredava pelo terreno do absurdo, do incrível, mas em ar de pilhéria. Pois a mesma coisa vem de acontecer agora com esta realização da Warner, "Um passo além da vida", porém conduzido o assunto para o terreno sério e por isso mesmo muito mais delicado. Histórias semelhantes o cinema nos tem dado inúmeras vezes, e quase sempre o público as compreende, as aceita com facilidade. Mas talvez o mesmo não venha a suceder agora, em virtude da maneira pela qual o filme está realizado, sem a preparação psicológica habitual, sem as cortinas de fumaça que separam o real do fictício, e sem os "fundos musicais" a caráter, sombrios e misteriosos. Aqui é tudo contado às claras e tudo foi adaptado, aliás com fidelidade quase integral, da peça de teatro, inclusive o remate da história, que aparentemente parece ser uma concessão feita ao público. Mas no teatro também era assim. Enquanto o filme se conserva no setor da realidade, isto é enquanto os personagens estão vivos, a platéia mantém-se em franca expectativa e, como os intérpretes são realmente esplêndidos, essa ex-

pectativa é das melhores. Um homem destituído da vida, resolve suicidar-se quando compreende que não poderá realizar a sua viagem marítima, rumo a Nova York, pela falta dos documentos necessários. Na hora do embarque um bombardeio aéreo provoca a morte de um grupo de passageiros, tragédia assistida pelo rapaz, que resolve então voltar para casa e ali, tapadas as frestas do seu quarto, abrir as torneiras de gás. E' surpreendido pela esposa, e ambos são vítimas da intoxicação fatal. Mas a história continua então, já alguns passos além da vida, com o casal de suicidas e os outros passageiros, encontrando-se no vapor que os levará aos seus destinos no Além. E' quando o filme adquire a sua verdadeira finalidade, e desde então, quando todos os passageiros estão mortos e nutrem fortes receios pelo que virá depois, o autor está descrevendo coisas que não conhece, e não está descrevendo muito bem. Depois de certo tempo o público começa a rir daquele sinistro garçon, daquele examinador que chega para presidir ao juízo final, e que é encarnado pelo não menos sinistro Sydney Greenstreet.

(Continua na pág. 54)

MAESTROS...

Conta Oscar Levant, em seu livro "A Smattering of Ignorance", que um maestro muito vaidoso andou rabiscando notas que não existiam nas partituras, para impressionar a orquestra com seu "ouvido surpreendente". No meio de um "furioso tutti", na expressão pitoresca do pianista, quando a orquestra fazia um ruído ensurdecedor, ele interrompeu a execução e disse:

— Esse segundo violino aí!

O acusado olhou-o desconfiado.

— O senhor está tocando notas demais — disse o maestro, com ar de censura. — Não colabore com o compositor.

— Se o senhor está se referindo a esse sol que um idiota qualquer rabiscou aqui, fique sabendo que não o toquei. Eu conheço muito bem a partitura.

O maestro ficou vermelho...

Mas às vezes o maestro é quem leva a melhor. Há, por exemplo, o caso de Toscanini com Schelling, cujas "Impressões de Uma Vida de Artista" foram executadas por uma orquestra regida pelo genial italiano com o compositor ao piano.

Durante o primeiro ensaio, Toscanini interrompeu o solista, a certa altura, dizendo:

— Que é que o senhor pensa que está tocando?

— As minhas "Impressões de Uma Vida de Artista"...

— Não parece. De qualquer forma, o senhor está improvisando ao piano — disse o maestro irritado. — As notas que tocou não estão na partitura.

— Perdão, maestro, mas fui eu quem compôs isso. Tenho a certeza de que estou tocando certo.

— Mande buscar a música.

O compositor ficou boquiaberto quando, triunfante, Toscanini apontou o trecho que acabavam de tocar.

— Veja isso! Veja isso!

Schelling enguliu em seco.

— Tem razão...

E' dura a vida de um maestro. Nem sempre basta talento, ou erudição, ou um ouvido apurado. O maestro tem que ser, antes de tudo, um diplomata. Da maneira de tratar os músicos depende, em grande parte, a cooperação que lhe dará a orquestra, e um maestro que rege uma orquestra hostil está perdido... Quando Bruno Walter foi da Europa para reger uma orquestra americana — a Filarmônica de Filadélfia, se não me engano — encontrou um violoncelista que era a dor de cabeça de quantos tinham que tomar a batuta e fazer com que consentisse em seguir o resto da orquestra. Alfred Wallenstein é o nome desse músico com quem é tão difícil lidar. Certa vez Walter, desesperado, virou-se para ele e perguntou, de sopetão:

— Qual é sua maior ambição, sr. Wallenstein?

— Bem... eu queria chegar a ser maestro...

— Hum... Pois eu, que sou seu amigo, peço a Deus que não lhe arranje um violoncelista como Alfred Wallenstein!

Roberto Lyra Filho

Um momento culminante do discutido filme "Um passo além da vida", do qual muitos acabam gostando e outros não.

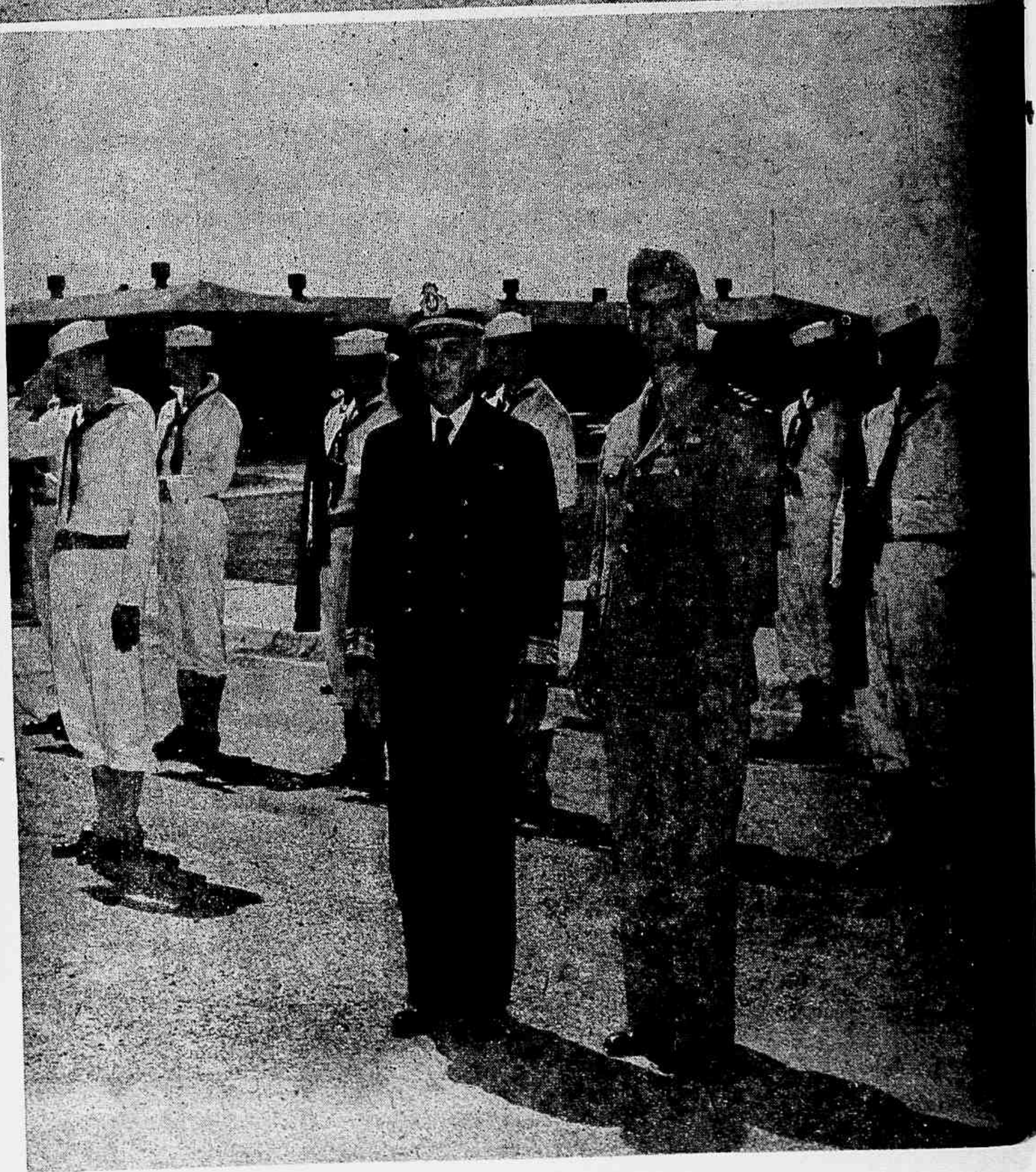
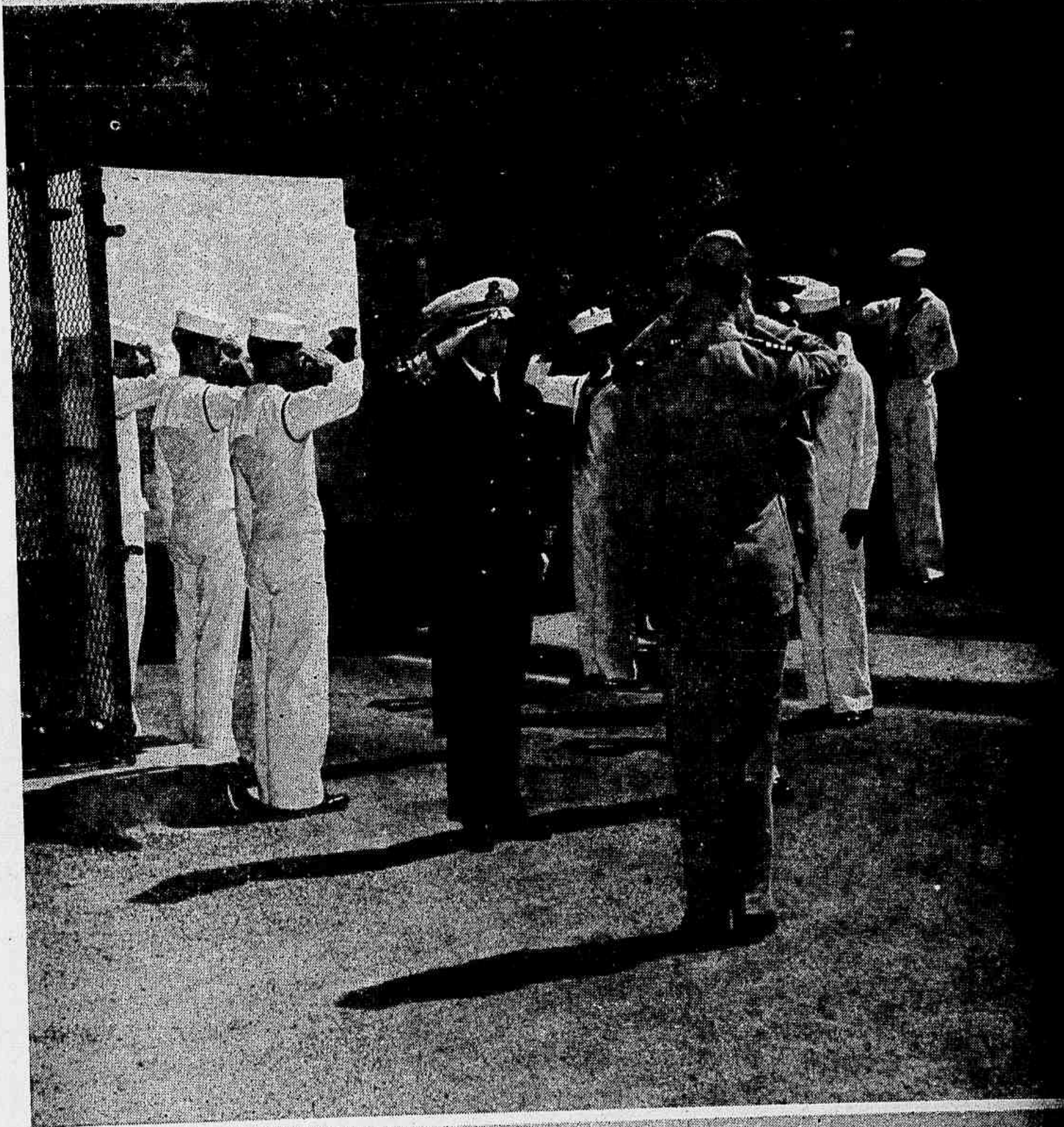


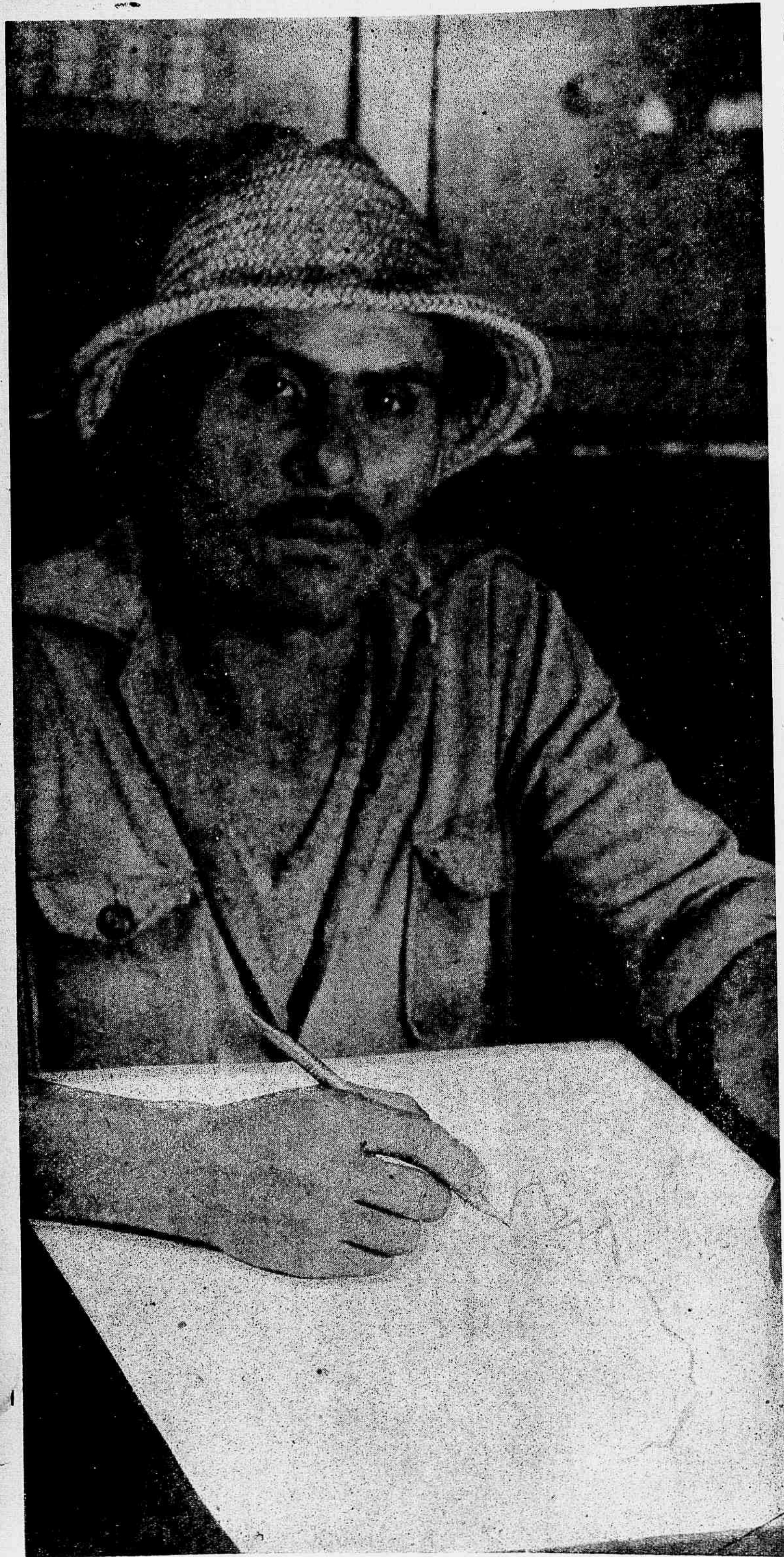


O CONTRA-ALMIRANTE SYLVIO DE NORONHA NOS ESTADOS-UNIDOS

Regressou dos Estados Unidos, dias atrás, o contra-almirante Sylvio de Noronha, antigo adido naval do Brasil em Washington. Vem, a propósito, evocar o jantar por s. s. oferecido na capital norte-americana ao captain Walter S. Macaulay, USN, no "garbo room" de The Shoreham Hotel, do qual ilustramos nesta página alguns flagrantes. Ao alto, o contra-almirante patricio saudando o captain Macaulay, e em baixo o agradecimento da alta patente naval "yankee". Ao lado, em cima, o adido naval brasileiro em visita à base naval aérea de Dallas, Texas, recebido com tôdas as formalidades pelo comandante da base. Em baixo, o mesmo na companhia do comandante Ruhsenberger.

Agora, de regresso ao Rio, foi o contra-almirante Sylvio Noronha festivamente recebido pelas autoridades locais, parentes e pessoas amigas.





ACONTECEU NO RIO

Manoel Vieira de Souza é um nome que ninguém conhece. É um nordestino infeliz, como muitos outros nordestinos. Traz impressas no rosto todas as passagens desse drama negro e doloroso que se chama seca. Tem na expressão viva do olhar a angústia das longas jornadas empreendidas sob o sol causticante das caatingas bravas, onde não chega a esmola de um Alisio generoso.

Manoel Vieira de Souza foi tudo na vida. Foi pedreiro, lavrador, pescador. Mas, desde sua infância, quer ser caricaturista. Não teve escola, pois nasceu numa vilazinha de Sergipe, onde a instrução é um luxo. Das coisas de arte só tinha notícia através dos jornais que chegavam à terra de mês em mês, pelo correio atrasado.

Mas ele sentia vontade de desenhar, de ver as suas caretas nos jornais, de ter o seu nome impresso em corpo grande.

O nordeste é quente e vazio. Léguas e léguas marcha o caminhante sem que encontre uma sombra amiga, dias e dias caminha sem que aviste uma pessoa. Dentro desse inferno de sol e de solidão não era possível ao rapaz alcançar o que queria. Por isso ele se lançou ao mundo, tentando alcançar as cidades vastas do sul, onde o dinheiro, diziam os viajantes, era farto e a glória era fácil.

Um dia, cheio de passoca o samburá tosco de palha, Manoel Vieira de Souza empreendeu a longa caminhada para o sul. As estradas empoeiradas de Petrolina e Joazeiro da Bahia foram batidas por sua sandália rude. Desceu pelo São Francisco em canoas de rapadura, chegou ao sul da Bahia. Em caminhões e carros de bois conseguiu cobrir o percurso até Montes Claros. Daí para Corinto viajou clandestinamente no trem do sertão.

De lá para Belo Horizonte viveu outra epopéia. Mas, ao cabo de longas semanas de caminhada exaustiva, estava no Rio. Finalmente se desdobrava em sua frente a cidade vasta, onde o dinheiro era farto e a glória era fácil. Era... Mas não foi. Desiludido com as visitas feitas às redações dos jornais e das revistas, o pobre caricaturista fracassado não teve dinheiro para voltar à sua terra natal. E o Rio o tragou, impiedoso e cruel.

Hoje está por aí, dormindo na calçada, comendo nos chinás, à espera de um emprêgo. Mas os empregos estão difíceis e não há lugar para ele nas barcas de pescadores, nas construções dos arranha-céus, nas fazendas da Baixada Fluminense.

E assim termina nas ruas do Rio mais uma história dolorosa de um nordestino que sonhou com a glória.

O ESTETA



COMPRIU os braços contra o peito e procurou abrigar-se melhor sob o guarda-chuva. As sandálias brancas estavam completamente molhadas, e as palmilhas escorregadias a impediam de andar mais depressa. A uma lufada mais violenta sentiu nas pernas fortes o contacto frio e pegajoso da água molhada. Consultou o relógio: vinte horas. Julgara ser mais tarde; a rua estava tão deserta, tão escura. Continuou, sem dar importância às inúmeras poças d'água da calçada irregular. E o vento gemia nas árvores desnudas, desenhando no chão formas fantásticas...

Abriu a porta. Aos seus ouvidos chegou a gritaria louca das crianças que

brincavam numa confusa algazarra. O cunhado lia um vespertino e a irmã, na cozinha, estava numa terrível azáfama. Dividia sua atividade entre a pia abarrotada de louça e o Serginho. E ia, ágil, da pia ao berço do caçula, cantando...

Sempre ocupada e otimista — pensou. Realmente. Sempre a mana fôra assim: disposta, alegre com aquela vidinha simples e recebendo, com o melhor dos seus sorrisos, a anual e infalível visita da cegonha. E ela ficara ao seu lado, ajudando-a naquilo que podia.

Começou a despir-se lentamente. Para que pressa? Acaso você já ouviu falar de alguém que depois de grande desa-

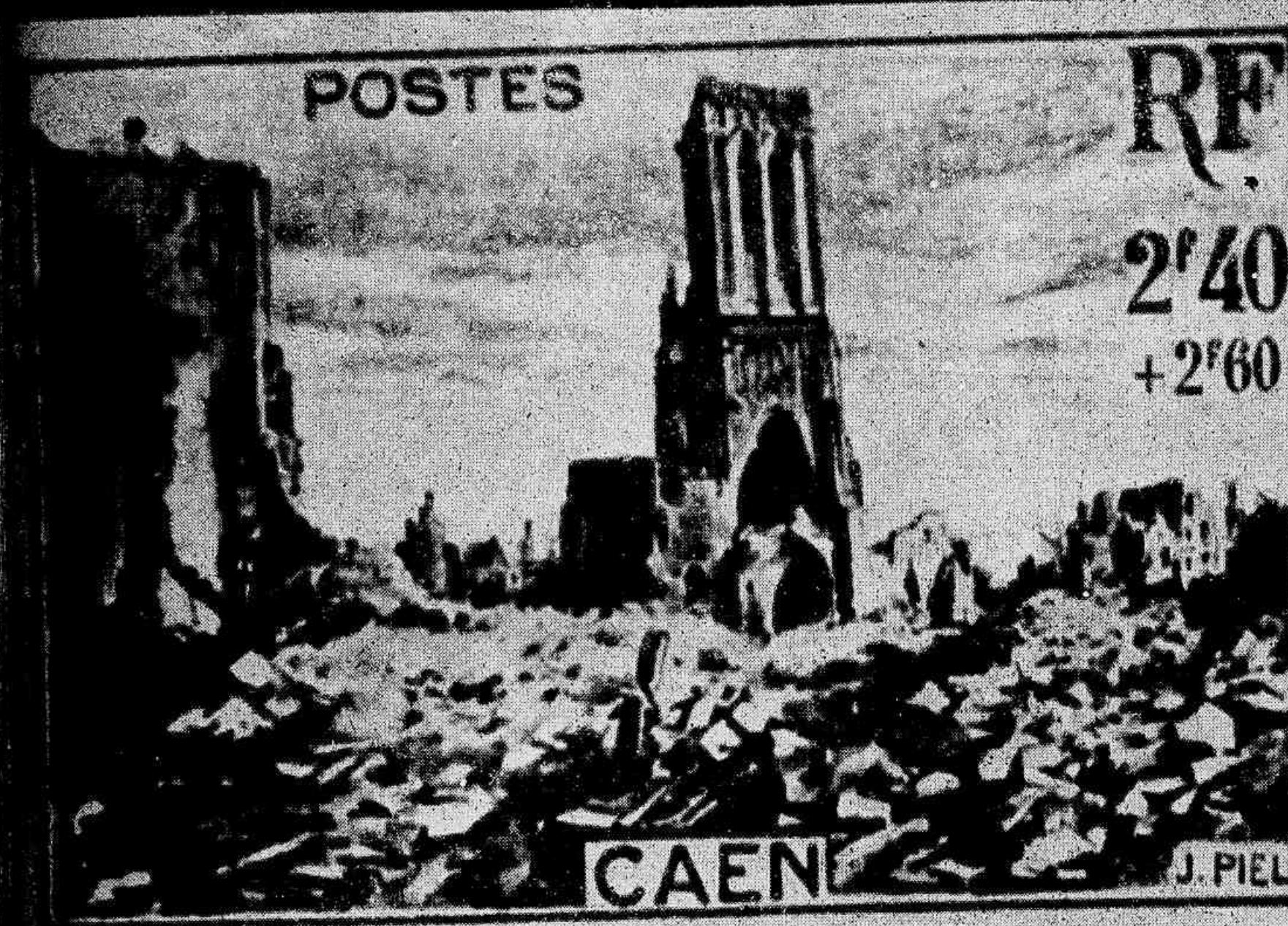
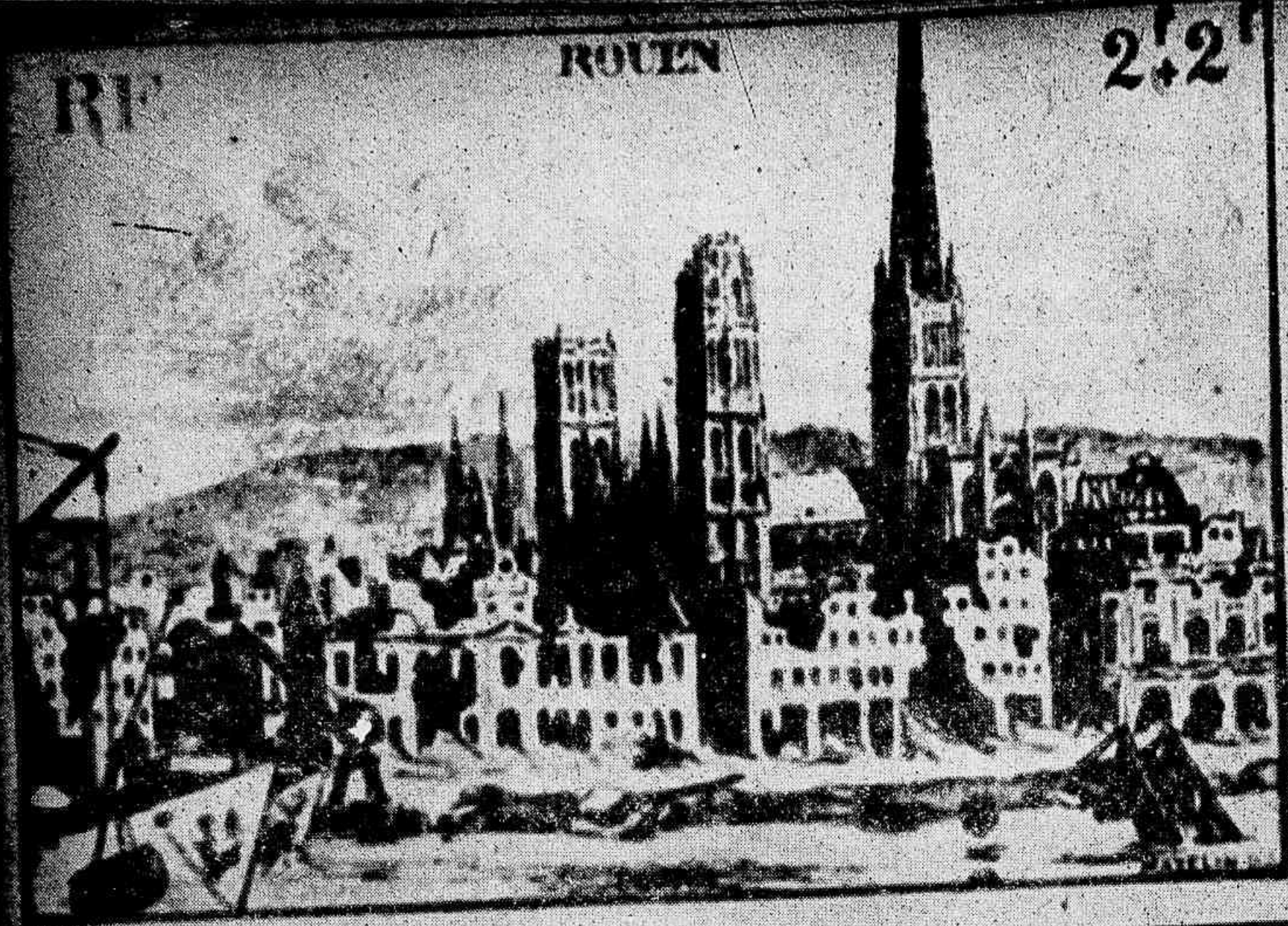
pontamento, tivesse pressa? Ao contrário: os gestos são moles, as atitudes vagarosas e indefinidas.

Estirou-se completamente no leito. Outra era essa a posição preferida. Aprazia-lhe estar assim, membros distendidos, músculos relaxados e o pensamento vagando atoa, longe... longe... Não que

fôsse romântica. Absolutamente. Ora, lhava-se mesmo de seu senso prático, de jetivista.

Equilibrada, dona de uma mente e de um corpo são, inimiga de quaisquer exageros, chegara aos vinte e sete anos sem que encontrasse uma afeição sincera e

(Continua na pág. 49)



FILATELIA DE APÓS-GUERRA

(Copyright do Serviço Francês de Informação Especial para a REVISTA DA SEMANA)

Os belos selos postos em circulação ultimamente pelo governo do general De Gaulle: Oradour-sur Glane e Luiz XI, bem como os congressos filatélicos realizados pouco em Paris, permitem e convidam que se proceda ao balanço da filatelia de após-guerra.

As frágeis vinhetas coloridas, os meúdos retângulos de papel recortado carregam, neste princípio de 1946, o peso ônus de que só se livrarão a muito custo em diversos países: é que o selo, na degringolada política, financeira e social que começou em 1940, tornou-se um dos raros "lores reais".

Juntamente com o ouro, os diamantes, as pedras preciosas e objetos de arte — mas de volume incomparavelmente menor e de feição propício para ser dissimulado — o Selo, Selo raro, revelou-se um refúgio para o proprietário amador, e por vezes mesmo ao modesto economizador. Ainda mais, os preços astronômicos atingidos, no mercado livre por certos exemplares de coleções fizeram brotar vocações filatélicas (inclusive entre certos ricos) presas de entusiasmo por essa luminosa invenção; comprar por ocasião da emissão, no guichê ou alhures, cadernos de selos para fazer estoque desses montões de vinhetas até o dia, certamente virá, em que a alta proporcionará pingues benefícios...

Eulalia ou o grego sem lágrimas, Cornelia ou o romano sem prantos — Mercurio ou o enriquecimento sem esforço.

A realidade nos revela hoje, felizmente para a maioria, que a operação não era tão simples.

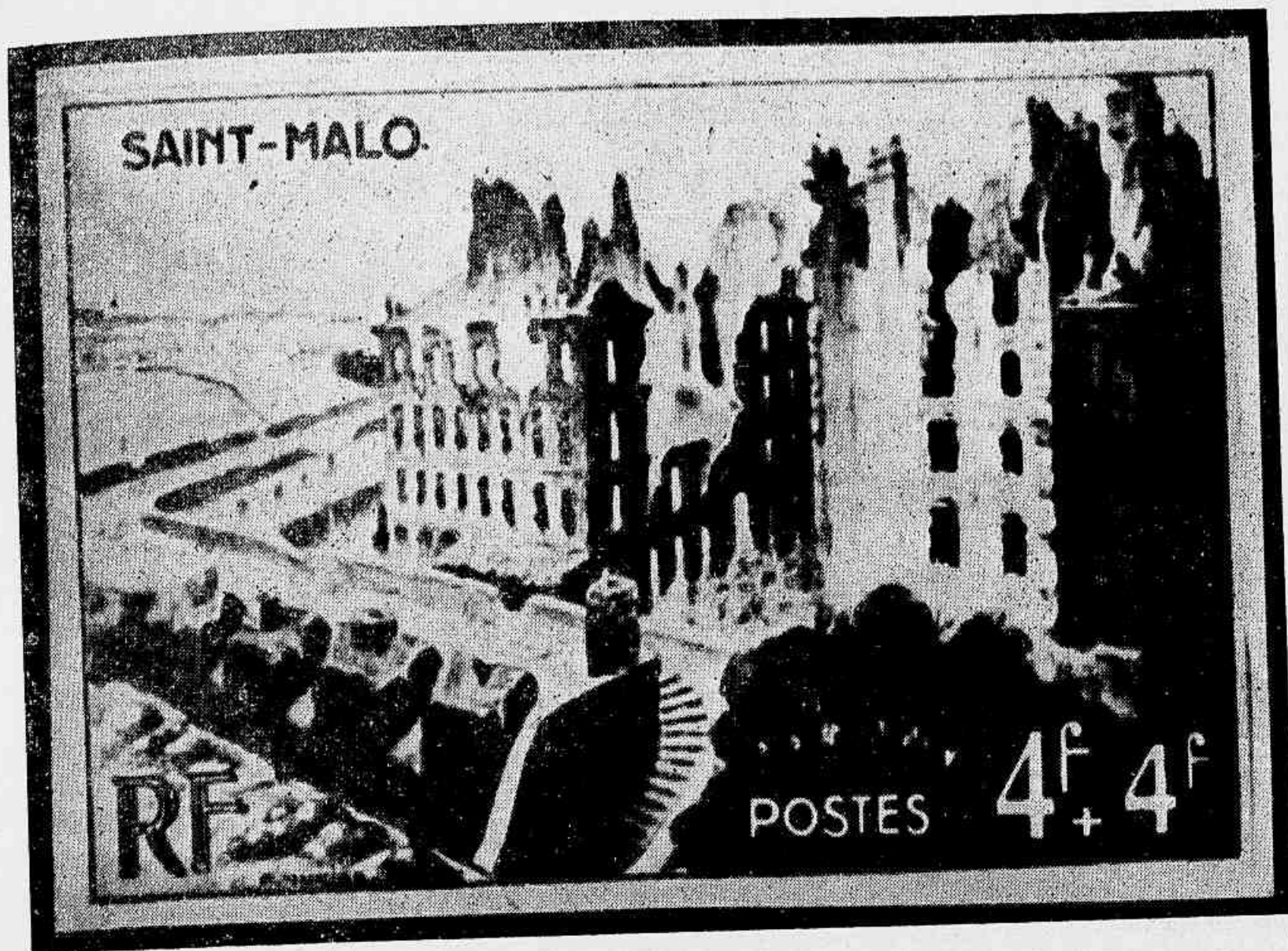
Viu-se logo, com a extensão quantitativa do mercado, pulularem os falsários. Tais senhores estão a par, com a que se saiba, dos mais recentes aperfeiçoamentos da técnica. Escolhem, por exemplo, tipos raros (o dispêndio de capital é coisa de somenos, já que quem não semeia não colhe) como o Ferdinando II das Duas-Sicílias, e expõem nos seus vapores do cloro nascente, misturados com ácido clorídrico. Conseguem destarte o empalidecimento do papel, o que dá idéia de uma emissão rara e quintuplica o valor do selo. Os vapores de ácido sulfídrico dão também excelentes resultados. Pobre do amador ingênuo que não recorre aos préstimos de um bom perito ou de um laboratório honesto que mediante certas lavagens, com a água oxigenada, restaure a cor primitiva às vinhetas.

O mesmo se aplica às sobrecargas da Libertação, que em diversos países foram múltiplas e que os falsários se traçam reconstituindo no selo úmido as declarações apensas às vinhetas no tempo da ocupação. Ora, como as sobrecargas autênticas não comportam senão pequeno número de exemplares, a vinhetagem atinge facilmente os 50.000 francos. Também nesse caso a falsificação pode ser descoberta mas com a condição de se dispor de um exemplar autêntico para comparação, e de se proceder ao aumento fotográfico.

Sem falar nos selos que frequentam o Instituto de Saúde — dentes repostos, perfurações obturadas, verso colado (um selo sem cola sofre depreciação de 60%), etc. Sem os auxílios de um laboratório o amador se acha exposto a desagradáveis surpresas.

Não vistes (foi ainda ontem) o Serviço de Segurança francês deter em Aix-les-Bains um casal de falsários, tal Giovanni Desperati com sua companheira, que haviam organizado verdadeira "coleção" de selos alemães, italianos e suíços, tão perfeitamente imitados que diversos países os tinham dado como legítimos e o casal Desperati já estava, de lucros, um milhão de francos? Os dois "virtuosos" preparavam-se para transferir sua arte para a Espanha quando os policiais, cretinos, vieram interrompê-los... certamente tudo ia bem, mas há agora algumas centenas de "especuladores" cujo sono deixou de ser tranquilo.

Todavia o que mais ameaça os ingênuos Marquês das figurinhas é a sua ignorância. O Selo é como todo o mais: requer conhecimentos especializados, certa instrução geral, domínio da técnica do colecionador e contato com as principais manifestações da Filatelia. Ora, tudo isso que raramente é esse é o caso. Não lemos recentemente, sob a assinatura ou, mais exatamente, sob o pseudônimo



um pretense especialista, a afirmativa de que os últimos selos berlinenses emitidos pelo marechal Zucov traziam o urso soviético trabalhando na reconstrução de Berlim? E daí se seguiam profundas conclusões políticas. O pior é que o urso não é mais que o emblema heráldico de Berlim (Bar, urso), como a Nave é de Paris... Às vezes convém ser ignorante mas não demasiado.

Um filatelista cauteloso não vai comprando qualquer coisa. A beleza do selo, sua "ocasião" — por exemplo as obliterações de Meersburg, às margens do lago de Constância, para a entrada das tropas francesas, sobre nove séries de vinhetas do Reich — sua condição material são elementos seguros de valor. Também a tiragem: convém saber que muitas vezes depósitos inteiros de emissões foram incineradas — como também é aconselhável ter sempre em mente que um governo pode sempre desvalorizar seus selos, caso em que o "próprio valor facial" (preço do selo por ocasião da emissão) desaparece...

A regra de ouro do bom colecionador poderia ser assim definida: prudência e informação. As emissões valem o que valem os Estados que as fazem. Há muito tempo, foi em 1898, São Salvador teve a imprudência de conceder a um agente de negócios, o alemão Seebeck, as matrizes e os estoques de seus selos desvalorizados. Foi o desmoronamento do mercado, e os "4 S" (Society for the Suppression of Speculative Stamps) tiveram grandes dificuldades para normalizar a situação. Mas é claro que São Salvador por muito tempo esteve "liquidado" filatelicamente.

Os Estados de hoje em dia geralmente não incorrem em semelhantes erros. Os especialistas e altos funcionários constituem serviços de emissão, que são às vezes notáveis.

O pequeno Monaco, que tem realizado metodicamente belas emissões gravadas a buril, evitando sempre inundar o mercado, pode ser citado como exemplo. A França, que

criou o Correio em 1464 com Luiz XI, inventor do serviço de correio político regular, e que com Richelieu estendeu-o ao público em geral: horários fixos, itinerários numerosos, taxas, distribuição — a França realizou emissões, por vezes lindíssimas, que conquistaram prêmios.

Sem pressa, em quantidades razoáveis, ela se prepara para nos dar novas vinhetas nas quais reviverá seus grandes dias; ninguém então precisará ser especialista, nem mesmo francês, para se interessar por tais coleções: elas pertencerão, a um tempo, à Filatelia e à História.



PAISANDÚ ★ ESCRAGNOLLE DORIA

MISMO na vida quotidiana é de bom conselho não intervir em lutas individuais ou coletivas, mormente chegadas a vias de fato. O conselho sóbe de ponto em relação às lutas entre nações, sobretudo visinhas, tão difícil a própria boa vizinhança entre particulares quanto mais entre governos.

Muitas vezes, porém as circunstancias forçam individuos ou nações a meterem-se de permeio nas contendas alheias.

Tal aconteceu ao Brasil em 1851 e 1852, opondo-se no Prata a Rosas, o Tigre de Palermo, a Oribe, o Corta Cabeças, expressivas alcunhas recolhidas pela história universal por procuração da historia sul-americana.

O Brasil, por isto ou por aquilo sempre chamado ao Prata desde tempos coloniais, ficou a principio espectador das contendas fêrvidas quando não ferozes, dos partidos politicos orientais, o dos blancos obediente a Oribe, o dos Colorados a Rivera.

O caudillo opunha-se ao despota patricio tanto por interesse partidario quanto pela eterna razão de todas as tiranias suscitarem resgões, servindo-se daquelas da morte para impôr a adversarios o silencio dos tumulos.

E' longa na História a lista das opposições descoberto ou subterraneas.

De 1838 a 1843, Oribe e Rivera se hostilizaram, até Rivera obrigar o inimigo a ir a Buenos-Aires, em viagem de pouca vontade, dentro em pouco Oribe favorecido por seu aliado á socapa, Rosas. Poria cerco a Montevideo, cidade martir nas lutas platinas, no seu interior ou no seu derredor derramamentos de sangue.

As lutas platinas transbordando para fronteira brasileira ocasionavam danos de vida e fazenda a nossos nacionais.

Davam causa a represalias e invasão de territorio oriental por brasileiros. Lamentavel applicação do olho por olho, dente por dente, embora se não explique, ao menos claramente, o que tem a vêr olhos e dentes com os paroxismos das vinganças.

Mas quasi tudo na vida é como é, e não como devera ser. O Brasil desejoso de paz teve de combater Oribe e Rosas até Monte Caseros pôr termo á desordem maior do Prata.

Foram-se doze anos, na vida das nações os anos contando-se por dias. O Brasil em 1864 volta ao Prata, por efeito das mesmas razões de 1851 e 1852: as lutas entre blancos e colorados, uns e outros assassinando brasileiros, depredando-lhes propriedades fronteiriças.

Preparando-se para guerra, tentou ainda o Brasil ultimo apelo á paz. Desta vez Aguirre representa os blancos, Flores os colorados. Desta vez, na proteção de Aguirre, Lopez substitue Rosas, Flores pugna em vez de Rivera.

No sangue fraticida contra sangue fraticida succedem-se as barbaridades de toda guerra civil. Daí Leandro Gomez, branco exaltado, carregar a culpa do assassinio de colorados em Quinteros. Os mortos de Quinteros ficaram clamando por vingança.

Em Buenos Aires, Saraiva acaba desanimando de pacificar, marca afinal seis dias para satisfação às reclamações brasileiras. Esgota-se o prazo do ultimatum, esgota-se a paciencia do Brasil.

E' a guerra, é o apoio a Flores. Nossos Tamandaré bloqueia Salto e Paisandú. Menna Barreto e Flores marcham para este, quando Salto em poder de Flores.

Tamandaré assinala o segundo dia do Anno Bom de 1865 com a tomada de Paisandú. Menna Barreto e Flores vão sitiá Montevideo. Em Fevereiro rende-se a cidade, Flores governa-a, colorados de cima, blancos de baixo à espera de reviravolta.

Neste momento um amigo escreve a amigo ausente e na seguinte carta conta-lhe a tomada de Paisandú.

Buenos Ayres, 10 de Janeiro de 1865. Exmo Compe., Amigo e sr. Marquez.

Estou extenuado, mas não ficaria tranquillo, se deixasse de escrever-lhe duas linhas ao menos.

Paisandú cahio sob as nossas armas. Este acontecimento teve logar no dia 2 pela manhã. Deve-se a victoria ao nosso Exercito e á Esquadra. De Flores pouca gente entrou nessa sanguinolenta acção.

Creio que tivemos 200 mortos no 1.º e no 2.º ataque, e uns 120 feridos. Meu irmão lá esteve com o 6.º Bm, que elle commanda na falta do Coronel Sampaio, commandante de brigada. Esteve com este bravo junto delle, e ambos escaparam incolumes. Uma bala entrou pela manga da farda do pobre Major, mas sem offendê-lo.

Desculpe este incidente que lhe dá idéa do receio que me acompanharia de ser obrigado a tomar luto em meio de uma situação por si mesma tão triste para quem é Brasileiro e pôde avaliar as consequencias de nossos erros.

A nossa gente em geral houve-se com bravura admiravel e digna de melhor direcção. A artilharia não fez quanto podia. O Sr. Mallet gastou os seus 70 tiros (não trouxesse mais!) em descargas cerradas e continuas como se fossem de infantaria, se é que estas devem ser assim empregadas, sem calcular os seus effeitos.

Não ha um Engenheiro no Exercito. O sr. Peixoto, Ajudante General, nem antes nem na occasião do fogo appareceu cumprindo o seu dever. Quem escolheu as posições das baterias foi a infantaria, digo, os commandantes desta, e o seu chefe principal.

Não havia instrumentos proprios para abrir portas e cortar cercas cerradas por arames. Alguns de nossos corpos

tiveram ordem de entrar pelas ruas dirigidas por vaqueanos, que os acompanhavam por entre fogos de artilharia. Tarde virão que a tactica devia ser outra, abrindo caminhos através das paredes, procurando o inimigo em seus esconderijos. Os sitiados incendiaram casas para tirar nos perseguidores, por que não fariam nós o mesmo para penetrar onde elle se occultava?

Dahi resultou que perdemos mais do que era preciso e temos muitos officiaes feridos. O Raisin é um delles.

Leandro Gomez não se portou com coragem nos seus ultimos momentos. Logo que faltou Lucas Piria e Rosas foi ferido mortalmente a defesa quecou. Leandro Gomez ficou prisioneiro, mas foi fusilado com outros por ordem do Coronel Goyo Suarez, Florista. Esta tinha de vingar grandes attentados commettidos em pessoas de sua familia.

O Barão de Tamandaré quiz salvar o commandante da Pr.ª, como foi salvo e posto em liberdade outros que ficaram prisioneiros dos nossos. Providencia (não seria a Providencia) tinha decretado outra coisa. Eu tambem lhe teria propoado a vida, mas não o deixaria ir para Montevideo ser cantado e derramar sangue Brasileiro.

Era um sanguinario, que se gabava de não dar quartel aos inimigos e que mandava atirar de preferencia contra os nossos.

O tenente-coronel Bello é accusado de ter entregue Leandro Gomez, que era seu prisioneiro a Goyo Suarez, mas este coronel era superior de Bello. Porque puzerão a este sob as ordens daquelle? Ficasse Flores com a sua gente.

Admiri que tal acontecesse, porque o Menna Barreto consta-me que houve-se com muita dignidade em suas relações com Flores.

O tenente d'Armada Netto recusou entregar os seus prisioneiros, que foram exilados por ordem do mesmo coronel Florista; mas fê-lo: faltando disciplina, bem que com louvor pela sua energia, que arrancou bravos aos prisioneiros.

A artilharia La Hitte não provou bem o seu effeito não é grande na distancia em que a empregaram (a curta distancia dos paraquitos inimigos); mas não é isso o que eu noto, é que os ouvidos ficaram brocados. A acção, apesar de tudo, nos faz honra.

Vamos para Montevideo: Deos queira que aquella experiencia aproveite e que della não nos falte o essencial.

Creia que o 1.º ataque foi uma temeridade que nos custaria caro, se os sitiados sabem ou o inimigo se atreve a soccorrer-las.

Então V. Exa. o que faz? Continua ahi em disponibilidade? Quem tal diria em 1865!

Lopez mandou occupar a ilha do Pão de Assucar e fazer uma incursão sobre Miranda e Dourados: presume-se que a isso terá ido a tal expedico. Elle já mostra algum melo, mas sempre com insolença. Prezar n'a honra como convem para uma guerra? Se não estamos perdidos.

Recommende-me á Exma Sra. Marquezeta, a seu Exmo Irmão e ás respeitaveis familias de um e outro.

De V. Exa.

Affectuoso amo e cro obro.

J. M. da Silva Paranhos.

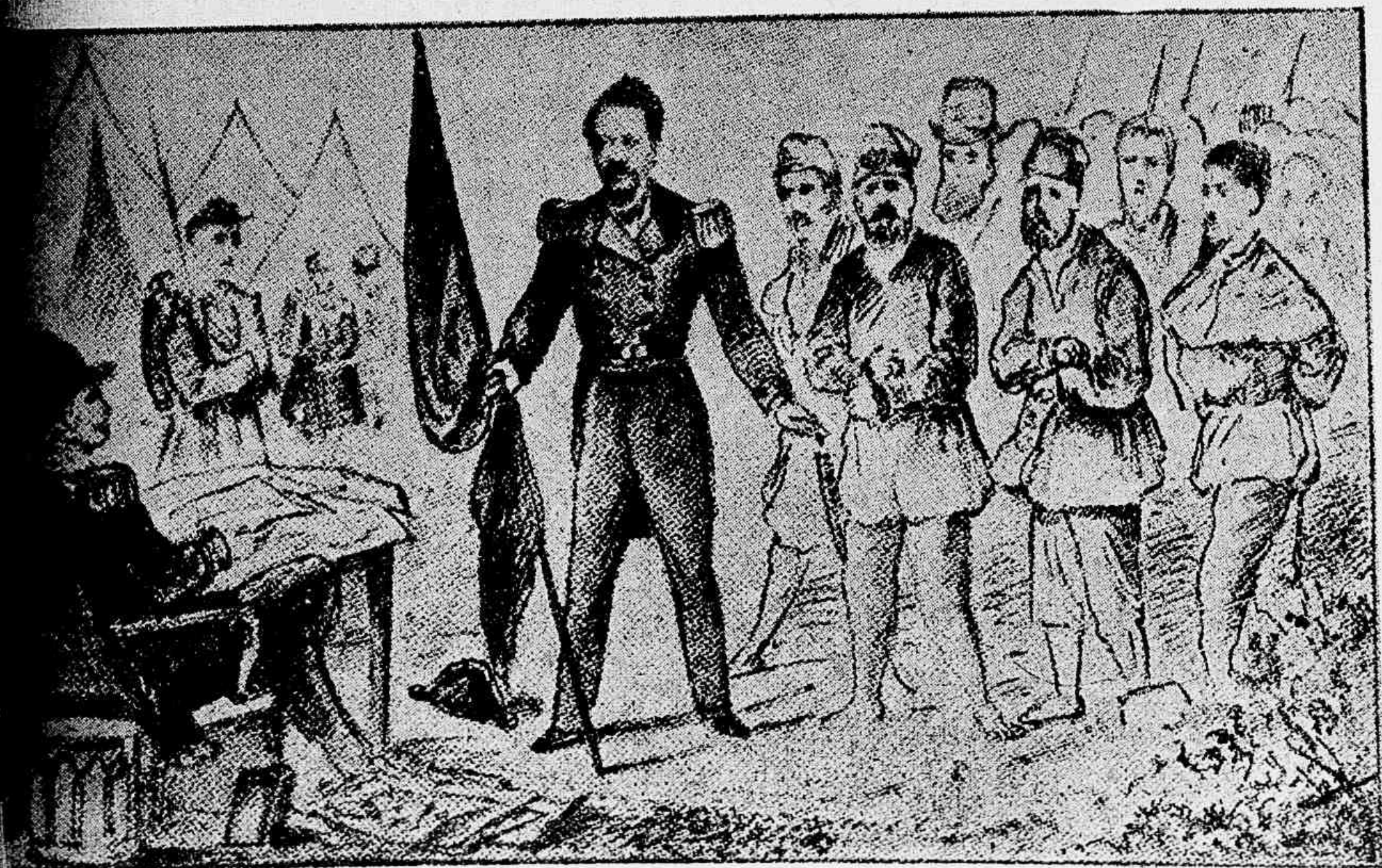
P. S. — Pacto hoje ás 11 horas da noite (pouco falta) para conferenciar em Frey Peto com Menna Barreto e Flores. Vou com o Almirante. Dentro de tres dias estarei aqui de volta. Fico o que posso, e sobre tudo procuro dar o moral á nossa causa. Em Montevideo ha confusão e grandes ferozes.

Quem leu a carta de exmo, chegando ao fim do documento epistolar de sobre-crito á Historia, sabe qual a qualidade alta do missivista, antigo militar na armada e no exercito, e do destinatario, este guardando a carta no seu arquivo, do qual jorram tantas informções preciosas quanto a successos historicos.

As razões de guerra regem-se pelas officiaes das memórias. Paisandú tem a sua parte official, por modo militar narrando. Ajunte-se lhe o que a um Coxiu disse um Rio Branco no recesso da intimidade.

Nesta exilou Rio Branco o gesto humanitario do 1.º tenente da armada Netto de Mendonça recusando entregar prisioneiros a fuziladores. Contra os de Leandro Gomez e seus complices, de protesto o governo imperial junto a Flores. O fusilamento de vercidos "deslustrava victoria". Assim fricou o protesto condenatorio e generoso.

O 1.º TENENTE DA ARMADA NETTO DE MENDONÇA ENTREGANDO AO ALMIRANTE TAMANDARÉ UMA BANDEIRA E 35 PRISIONEIRO — (Gravura de 1865)





Qual dos irmãos da vítima teria cometido o bárbaro crime?

Quando Grace avistou o corpo pendurado, deu um grito estridente e apontou:

— Olhem!

Todos se voltaram para o terraço. Marian estava morta.

No primeiro momento ninguém teve a idéia de chamar a polícia. Foi a voz calma de Brent que alvitrou, tranquilamente:

— Não acham que alguém deveria chamar a polícia?

Todos se voltaram para êle, como se tivessem sentido um choque elétrico. Charles passou a mão pela testa, depois confirmou, com um suspiro:

— Sim. Vou telefonar.

Brent notou, entretanto, que êles o contemplavam de maneira estranha.

★

Brent foi o último a ser interrogado. Chamado finalmente à biblioteca, onde estavam sendo entrevistados todos presentes, sentou-se diante da mesa enorme que pertencera a Marian. Dois refletores banhavam-no em luz e deixavam na obscuridade os detectives. Brent estava apreensivo.

— Mr. Brent?

— Sim.

— Seu nome todo, por favor.

— Charles Winthrop Brent.

— Profissão?

— Profissão? Bem... Pode escrever aí que eu vivo de minhas rendas.

— O senhor era convidado aqui, não é verdade?

— Com efeito. Minutos antes de retirar-se da sala, precisamente antes de ser assassinada, a dona da casa estendera seu convite para jantar. Pediu-me que ficasse, que passasse a noite aqui.

— Algum motivo para êsse convite?

— Motivo especial, não. Simples gentileza. Chovia torrencialmente e não era possível encontrar um taxi num lugar tão afastado.

— Diga-me, mr. Brent, que acha dêsse crime?

— Surpreendeu-me. Sobre tudo a ferocidade demonstrada. Matar uma mulher e a seguir pendurá-la pelos pulsos... Não posso compreender.

— Notou alguma coisa de anormal esta noite?

— Nada, absolutamente. Nada que, não fôsse perfeitamente natural numa reunião de família.

— Um momento: por que diz "nada que não fôsse perfeitamente natural em uma reunião de família"? Então de fato ocorreu alguma coisa?

— Nada de importante... Algumas pequenas divergências entre os convidados...

— Diga-me, mr. Brent, o senhor conhece bem a família?

— Um pouco.

— Quer ter a bondade de explicar a posição de cada um dos presentes aqui esta noite? Brent ajeitou-se na cadeira e principiou:

— Bem, para falar a verdade, eu estou aqui como uma espécie de intruso, esta noite. Marian convidou-me à última hora, porque queria discutir uns negócios comigo. Coisa importante, mas que não tem relação com o caso. Vim, portanto, jantar aqui. Ora, era costume reunir-se aqui, tôdas as quintas-feiras, todos os filhos do falecido Adam Lanson, multi-milionário que, como o senhor deve saber, ao morrer deixou tôda a sua fortuna para a filha predileta — Marian.

— Haveria, então, motivo para inveja ou cobiça entre os irmãos?

— Não quero que o senhor me entenda mal. Os irmãos se estimavam, normalmente. Nada havia entre êles. Mas naturalmente, apesar de tudo, confesso que a decisão do velho Adams, divulgada no seu testamento não era de molde a deixá-los em perfeita harmonia. Eram quatro os filhos. Marian, Grace, Charles e Robert. Adam deixou o dinheiro todo para Marian, com uma condição: ela sustentaria os irmãos, enquanto vivesse, com mesadas estipuladas a seu critério. No caso de Grace resolver casar-se deveria cessar a mesada, porque êle acreditava que, se continuava a assegurar auxílio econômico, a môça talvez fôsse vítima de algum caçador de dotes. Os irmãos, por outro lado, receberiam o dinheiro enquanto Marian vivesse, devendo entretanto dar provas de que estavam trabalhando e que não viviam na ociosidade. As intenções do pai eram as melhores possíveis ao arranjar êsse testamento...

— Porém Marian também não estava exposta aos caçadores de dotes? E teria ela juízo para administrar a fortuna dos irmãos?

— O pai acreditava que sim.

— E o senhor, que me diz?

Brent fechou os olhos, pois a luz forte o estava incomodando, passou a mão de leve pelas pálpebras cerradas e respondeu, afinal, com voz estranha:

— E' difícil explicar a quem não conhece Marian. Em todo o caso vou tentar.

★

Quando o pai morreu, Marian era quase uma menina, mas já se impusera pela severidade e precocidade de seu caráter. O pai se assombrava de vê-la demonstrar a sua habilidade. Certa vez Charles, o filho mais moço, contraiu dívidas de jogo. O pai ficou muito aborrecido, não porque lhe importasse pagar, mas porque via o rapaz ir por mau caminho. Chamou Marian e pediu-lhe um conselho. Ela ofereceu-se para tratar do destino dos irmãos. Bem cedo êles estavam todos sob o seu domínio. Sinto muito ter que confessar isso, mas eram todos levianos, jogadores. Grace era uma môça fútil, amante das coisas da vida; Robert e Charles faziam uma vida noturna que os esgotava. Mas Marian sempre os manteve na linha. Cada caso que surgia, cada nova ação reprovável que cometiam ela punia severamente, cortando as mesadas, ameaçando.

— Essa posição era sem dúvida antipática.

— Sim. Mas era necessária. Marian sabia contê-los. Êles devem a ela não estarem na cadeia, ou mesmo mortos. Ela soube salvá-los da sua própria imprudência.

O detective agradeceu:

— O senhor nos deu informações preciosas. Muito obrigado.

(Continua na pág. 48)

O CASO DE MARIAN LANSON

NOVELA DE JACK LATHAM

PENTEADOS

Já em números anteriores temos proporcionado às leitoras elegantes da REVISTA uma interessante série de modelos de penteados ultra-modernos, oferecidos pelas mais belas e festejadas "estrêlas" do cinema. Hoje cabe a vez a Joan Leslie, da Warner, que lança a moda do penteado requintadamente "chic", com um laço em tafetá, que pode ser em cores ou em preto, de acôrdo com as preferências de quem pretenda usá-lo. Talvez seja instinto de economia, ou talvez uma simples variante da moda feminina, tão inconstante quanto caprichosa. Joan Leslie não prefere os chapéus mas dá ao penteado um toque elegante, levantando o cabelo na parte de trás e caprichando no enfeite da testa. Sem dúvida, o rosto bonito e oval da artista muito concorre para o efeito do penteado. Mas não são apenas as "estrêlas" de Hollywood que possuem êsses requintes de beleza. Aqui mesmo, no Rio, muitas de nossas patricias, lindas morenas de pele tostada pelo sol da praia, de lábios finos e de sobrancelhas habilmente arqueadas, saberão aproveitar o penteado "infernálissimo" de miss Leslie. (A definição foi feita por uma elegante leitora da REVISTA que, por acaso, assistia à confecção desta legenda.)



O ambiente para "êle"... Esse é um problema que deve preocupá-la, minha amiguinha, pois dêle depende em grande parte a felicidade no seu lar. Uma coisa você deve ter em mente: é que o seu marido teve, em sua casa, o carinho de sua mãe e de suas irmãs; êle foi bem tratado, bem cuidado, fizeram-lhe tôdas as vontades e agora êle espera que você seja para êle esposa, mãe e irmã ao mesmo tempo. De qualquer maneira isto quer dizer que você terá para si a tarefa de superar em tudo, aquilo que seu marido possuía ou imaginou possuir quando solteiro.

Portanto, querida, ponha de lado a idéia de que também você foi muito bem tratada e mimada quando solteira e procure agradá-lo de tôdas as maneiras possíveis, se está disposta a conservar o seu amor.

E' para você, minha amiga bem intencionada, que deixo aqui alguns conselhos:

- 1 — Conserve as amizades do seu marido.
- 2 — Não censure a sua família.
- 3 — Nada exija. Espere que êle "adivinhe" os seus desejos.
- 4 — Saia quando êle tiver vontade de sair e fique em casa quando êle tiver vontade de ficar...
- 5 — Não fale de mais. Falando muito você se arrisca a dizer coisas desagradáveis.
- 6 — Não seja egoísta. Abduque da sua vontade para agradá-lo.
- 7 — Faça-o sentir-se orgulhoso de você e do seu lar.
- 8 — Esteja sempre bem arranjada; o cabelo bem penteado, "make-up" perfeito e um sorriso nos lábios (mesmo que êle tenha chegado atrasado para o jantar).
- 9 — Deixe em paz a cozinheira e a copeira, e procure ouvi-lo com atenção.
- 10 — Não o perturbe quando lê jornal.

Fazendo isso tudo, você pode estar certa de que não só reterá o seu marido como também estará trabalhando para conquistar um bem merecido lugarzinho no céu... — LÚ.

ANN MILLER (Columbia)



NOS BASTIDORES
FEMININOS



Hollywood, janeiro. (Por L. —
 uma das mais elegantes pequenas
 esse inteligente "especimen" de
 Columbia um papel para ele e
 Fontaine, sempre em grande evidência
 da RKO. Joan Fontaine continua
 E finalmente, na gravura, mais
 uma "personal appearance" no
 Hollywood —
 intelig
 fo film
 am "sti
 um tip
 a nos
 Nova Y



(Por via aérea) — Shirley Temple, a novíssima Shirley, que é agora Hollywood privilegiada em beldades femininas, é a dona de "Chris", inteligente e aproveitável é "Christ" que Shirley acabou obtendo do filme, "Ninguém vive sem amor". Na gravura imediata vemos Joan um "still" romântico, altamente amoroso, de "From this day forward", um tipo de mulher que seduz a todos os homens, mesmo a distância... e continua, a nossa festejada Carmen — que está agora de malas prontas para Nova York — tal como vocês vão vê-la em "Doll Face", da Fox.

A REVISTA EM
HOLLYWOOD



Nina Vale, da RKO, apresenta um "sofisticado" modelo preto. Sobre a blusa cor de carne há uma profusão de vidrilhos caindo em onda, dando um aspecto inteiramente inédito a este modelo. Saia com panos apanhados à cintura. Uma nota antiga é dada pela gargantilha de pedras e pelo leque de rendas.



T R E S MODELOS



Agora é Sonja Henie quem nos apresenta outra novidade: sobre uma saia preta, comprida, e com franzidos apanhados na frente, ela usa um blusão todo lantejoulas pretas e brancas formando escamas. Cuidado com os tubarões!...



ento
reto,
e há
cain-
pecto
e mo-
anha-
ntiga
e pe-
ndas.



Interessantíssimo é êste modelo que a escultural Adele Jergens, da Columbia, sugere às nossas leitoras. E' confeccionado em jersey e gaze violeta. A tira pregueada que é aplicada sôbre o busto dá volta nas costas, vindo formar curioso movimento na frente, arrematando os franzidos da saia.

“Cara Miss Stebbins. Saudações. Na qualidade de testamenteiro de seu tio, tenho o prazer de comunicar-lhe que...”

Parsons recostou-se na poltrona e suspirou.

— Tomou nota?

A secretária assentiu.

— Onde estávamos?

— ...comunicar-lhe que...

— Bem, agora preciso dar uma olhada no testamento e tomar os dados principais...

— Sim, senhor.

— Pode deixar, por enquanto. Quando eu acabar, chamo-a.

Parsons não pôde, entretanto, terminar em paz o seu trabalho. Mal começou a ler o testamento com atenção, surgiu o filho, Reginald.

Antes de indicarmos a conversa que teve lugar naquele dia entre pai e filho, é bom que traçemos de explicar quem são Parsons e Reginald.

Naturalmente não figuram nos catálogos da nobreza, como Sir John Storey, por exemplo. São burgueses ricos, ambos. O pai fez fortuna e o filho gastou-a. No dia em que tomámos o fio da vida dos dois, justamente Parsons acabava de receber más notícias a respeito de emprêgo de capital. A miséria estava às portas daquele luxuoso escritório. Parsons, entretanto, não se assustava. Já muitas vezes acontecera estar em situação igualmente crítica e sempre aparecera alguma coisa para salvá-lo na última hora.

Voltemos à conversa de pai e filho.

— Olá, velho!

— Reginald, meu filho, estamos em dificuldades...

— Dinheiro?

— Aquelas apólices da Stradley caíram muito e...

— Perdemos tudo?

O pai assentiu, com um gesto de cabeça.

— Tudo.

Reginald ficou um momento em silêncio, depois foi sentar-se em uma das confortáveis poltronas do escritório.

— Já passámos por situações idênticas.

— Mas esta é bem grave.

— Haveremos de achar um meio.

Houve uma breve pausa. Parsons remexeu nos papéis que tinha sobre a mesa e finalmente tomou uma fôlha que estava escondida debaixo de uma pilha de documentos.

— Encontrei já o meio, mas preciso para isso da sua cooperação.

— Trabalho sujo?

— Bem, limpo não é, mas você vai gostar.

— Qual é a parte que me toca?

— Casar com uma mulher bonita, rica, e tornar-se dono de vários milhões. Que tal?

— Onde está essa *avis rara*? O pai passou-lhe o papel.

— Leia isso...

O rapaz assobiou.

— Ótimo.



O HOMEM DAS LUVAS DE PELICA

Conto de EDGAR WALLACE

— Vamos tentar?

— Já tem um plano?

— Claro. Quando você chegou eu estava rabiscando o rascunho de uma carta...

— Vamos a ela...

— Mande chamar minha secretária. Ela já tem o início...



— Mamãe!

— Que foi, minha filha? Que agitação é essa?

— Uma carta, mamãe!

— Uma carta? Que é que tem?

— Estamos ricas, mamãe, estamos ricas!

Sei que não é próprio de uma heroína mostrar tanta satisfação com uma herança. Ela deveria, para seguir a melhor tradição das heroínas, ser indiferente ao dinheiro que irá receber. Mas Lucile não é heroína: é simplesmente uma môça como outra qualquer. E' assim que a deseja. E sobretudo, para compensar um pouco mais bela do que suas colegas: linda, mesmo.

— Quem? Você ganhou na loteria?

— Nada, mamãe. Você sabe que eu jamais ganho em jogo...

— O amor...

— Sei. Feliz no jogo, infeliz no amor. Mas mamãezinha, com esse dinheiro eu tenho que ser feliz no amor: dois milhões!

Mrs. Stebbins sentou-se.

— Não é possível!

— Leia!

A mãe leu em silêncio. Depois, com voz grave, disse:

— Minha filha, isso é uma tremenda responsabilidade. Você tem que ir a Londres decidir como vai dispor de seus bens...



Quando Lucile entrou no escritório de Parsons ele se levantou, pressuroso, para recebê-la.

— Miss Stebbins. Muito prazer.

Lucile sorriu, satisfeita, ao ver as atenções do homem.

— O senhor é Mr. Parsons?

— Sim, senhorita, para servi-la.

— Conheço-o já bastante por correspondência.

Parsons estava positivamente servil.

— E' verdade, é verdade. Mas vamos aos negócios mais importantes. Miss Stebbins, a senhora herdou uma fortuna imensa. Seu tio, como deve saber, impôs uma condição. E' que a senhorita case antes dos vinte e dois anos.

— Faço vinte e um dentro de quatro dias. Tenho um ano...

— Seu tio era um homem excêntrico, e esta condição ainda é muito generosa em comparação com o que se poderia esperar dele.

— Não há dúvida.

— Bem, Miss Stebbins, quanto a esta parte creio que posso deixar em suas mãos o caso. Mas resta a propriedade. A senhora ta com certeza tem a intenção de casar-se assim que achar — se já não achou — um rapaz que a mereça. Agora, quanto à propriedade é preciso tomar uma decisão. Seu tio tinha adquirido vários castelos. Alguns mesmo em regiões quase inacessíveis. Eu sugeriria que a senhorita visitasse essas propriedades e decidisse se deseja conservá-las ou se pensa em vendê-las. Neste último caso eu me encarregarei

(Continua na pág. 40)

Passados todos os horrores da guerra, que a REVISTA DA SEMANA acompanhou de perto, dando de todos os acontecimentos pormenorizadas notícias aos seus milhares de leitores, quando na América do Norte encontram-se tôdas as forças democráticas empenhadas na reconstrução do país e na preparação do tão esperado mundo melhor, segue para a terra de Tio Sam o nosso redator-secretário, Celestino Silveira.

Numa "tourné" patrocinada pelo nosso semanário em combinação com o vespertino "O Globo" e a "Rádio Globo", Celestino elaborará uma série de reportagens, que por certo há de alcançar a repercussão que sempre tiveram os seus trabalhos, pois que se revestem todos êles do brilhantismo característico de seu lápis de reporter e das emoções contidas em todos os acontecimentos que êle julga de interêsse focalizar. Colhendo o farto material que a América de hoje oferece à curiosidade do jornalista, o nosso companheiro percorrerá os Estados Unidos de leste a oeste, demorando-se em Washington, New York,



Não é todos os dias que segue para os Estados Unidos um companheiro de trabalho. A turma da "Rádio Globo" aproveita a viagem de Celestino Silveira para fazê-lo de correio. Al estão os seus companheiros de estúdio entregando-lhe correspondência para as "estrelas" de Hollywood. Cartas para tôdas as beidades da tela.

A "REVISTA DA SEMANA" VAI AOS ESTADOS UNIDOS

Los Angeles, etc. Na Califórnia terá Celestino ocasião de elaborar grandes reportagens cinematográficas, ramo de sua especialidade, e no qual se tornou famoso através sua atuação como diretor de "Cine-Rádio Jornal" e posteriormente redator-secretário de "A Cena Muda".

A REVISTA DA SEMANA, representada assim nos Estados Unidos pelo seu secretário de redação, poderá oferecer aos seus leitores periodicamente, com assiduidade, reportagens

as mais palpitantes e atuais, em tôrno de todos os grandes acontecimentos que se desenrolam nessa nova América de após-guerra.

Tão pronto seja cumprida, entretanto, a sua missão de jornalista nos Estados Unidos, regressará o nosso companheiro ao Brasil, passando antes pelo Mexico, Peru e Bolívia.

A brilhante fé de ofício de Celestino Silveira como reporter e comentarista é uma garantia eloquente do êxito de sua missão e dos magníficos resultados que ela trará para

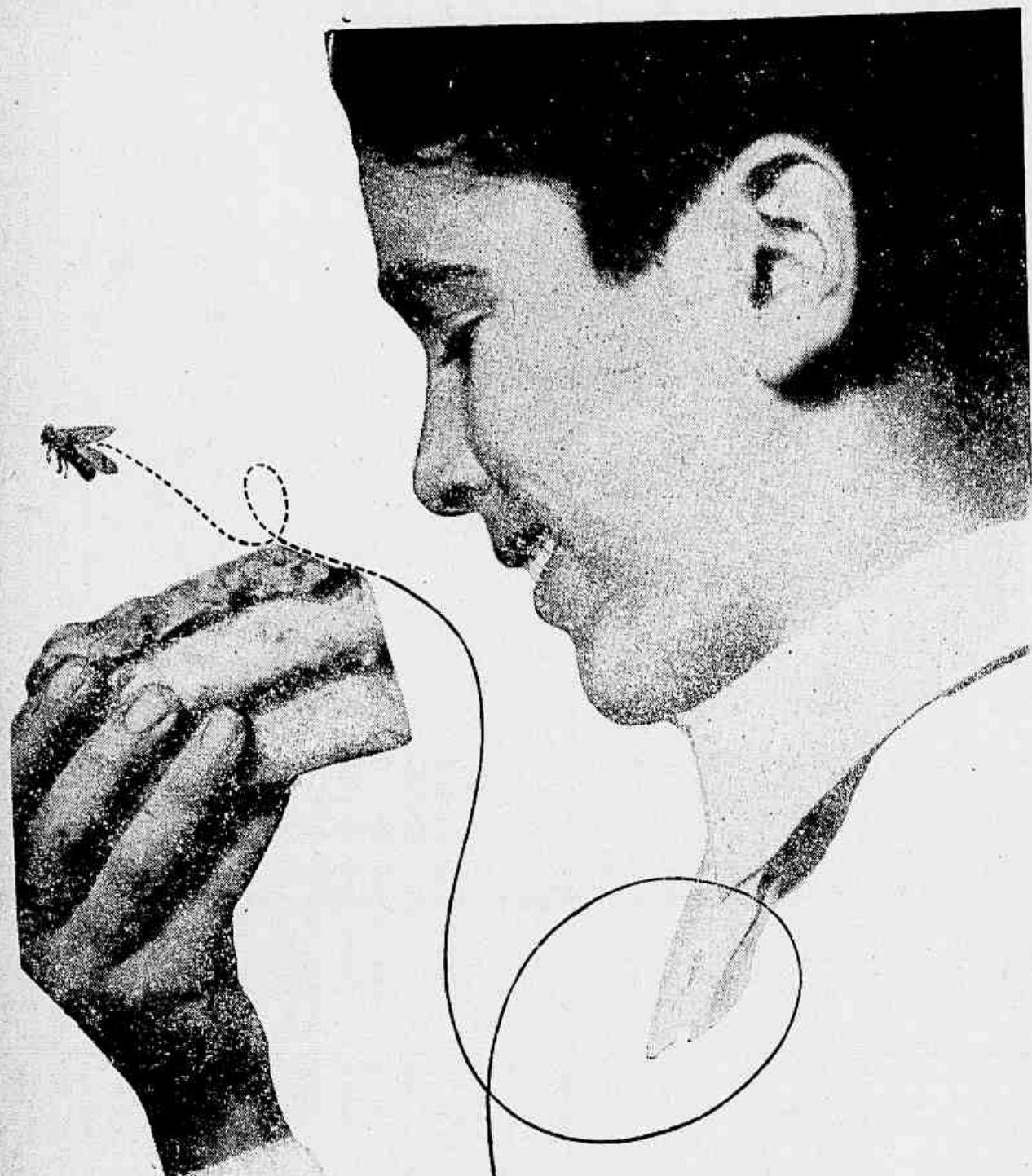
a REVISTA DA SEMANA, em particular, e para a imprensa brasileira em geral.

A redação do nosso semanário despede-se aqui de Celestino Silveira, augurando-lhe no estrangeiro os mesmos sucessos que êle tem sempre alcançado no Brasil, em sua longa vida profissional.

O embarque do redator-secretário da REVISTA DA SEMANA, no avião da carreira da Pan American Airways, deu-se na madrugada do dia 15 do corrente.

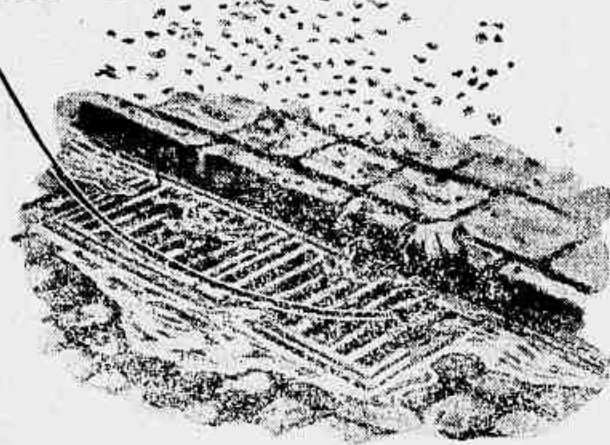
Celestino Silveira em sua mesa de trabalho, em nossa redação. Aparece ao fundo, à direita, sua velha portátil, antiga e inseparável companheira de "batente". Há muito tempo que êle e ela estão a serviço da REVISTA DA SEMANA, produzindo sem parar. Agora embarcam ambos para os Estados Unidos, onde o nosso redator-secretário fará uma "tourné" sob o patrocínio de nosso semanário, em combinação com o vespertino "O Globo" e a "Rádio Globo".





De onde veio esta Môscas?

Chegou o repugnante inseto que se alimenta nos monturos: nossa maior inimiga, a môscas. Suas patas e seus resíduos trazem aos nossos lares perigosos germes que podem dar origem a graves enfermidades como a Paralisia Infantil. De V. apenas depende que esta praga não transponha a porta



de seu lar. Combata-a implacavelmente com SHELL TOX, o eficaz inseticida científico que elimina dos lares, môscas, mosquitos, e outros insetos nocivos.

SHELL TOX

Não tonteia os insetos - MATA-OS

ANGLO-MEXICAN PETROLEUM CO. LTD.

PRODUTOS



DE PETRÓLEO

Livros

PUNHADO DE EMOÇÕES, crônicas e fantasias de Maria Dezonne Pacheco Fernandes — Livraria Cristo-Rei, editora — São Paulo, 1945.

PUNHADO
DE
EMOÇÕES

É um livro de sensibilidade. A autora não estuda apenas os assuntos, para da melhor maneira os definir e comentar. Toma-os também, e sobretudo, pelo que pesam oferecer de feição emotiva. Comove-se diante deles. Penetra-se do seu aspecto jubiloso, meditativo, enternecido, amargurado, desesperado ou lutooso. Os capítulos de que se compõe a obra presente tratam os temas ou motivos mais variados. Inspiram-se em episódios domésticos, tradições, amores, devoções familiares; liguras históricas; ideais de civismo e feitos patrióticos; paisagens, cenas de rua, fragmentos mundanos; objectos de arte e simples objectos que com o tempo, vão passando a fazer parte da vida da gente e se tornam valiosos como as joias mais ricas e amadas, veneradas como verdadeiras relíquias. E ainda outras coisas que diríamos incapazes, estas, de despertar em nós ou estes do sentimento aqui figuram como elementos de alta inspiração. Poucos poetas, de certo, raros artistas, a vista dum sorvete e sem razão eloquente alheia às listas de confeitaria, se terão impressionado até às lágrimas. Para isso, entendemos nós, forçoso se tornaria que a primeira cônica da célebre baroneza-literata do Imperio viesse, no caso, ligada uma história pessoal, de amor, de infortúnio, de saudade pelo menos. Na emotividade da Sra. Pacheco Fernandes, qualquer produto de sorveteria, a mera condição do gelo pode exercer a influência mais patética.

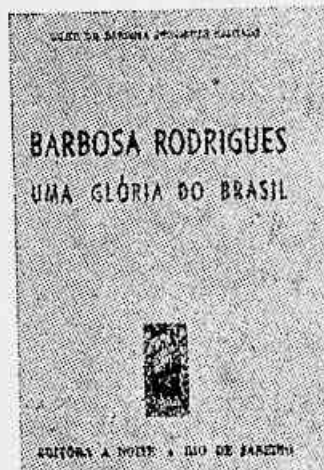
"Você é engraçado! Faz rir, faz chorar, lembra o Polo... Fala-me da neve e me faz viajar no Paiz da Fantasia, onde me vejo brincando com bonecas de gelo ou descendo as montanhas íngremes do Chanonix, na França..."

Estou no fim da taça e tenho vontade de chorar! Sinto que a viagem que me inspirou fez-me esquecer de ir mais devagar e não há mais sorvete!

Você era saborosíssimo e, enquanto eu divagava, os outros, mais realistas, os meninos, mais gulosos, acabaram com você".

Algumas destas páginas fazem lembrar os poematos em prosa que fornecem o volume adorável de Banville. Com a diferença de ser a da Sra. Pacheco Fernandes uma *Lanterna Mágica* do coração.

BARBOSA RODRIGUES, UMA GLÓRIA DO BRASIL, por Dilke de Barbosa Rodrigues Salgado — Editora "A Noite" — Rio de Janeiro, 1945.



A vida do sábio cujas obras todos nós conhecemos e respeitamos passa, através das duzentas e sessenta páginas do presente volume, com episódios e particularidades que ignorávamos e que só nos fazem hoje votar à sua memória mais profunda veneração. A Sra. Dirke Salgado deu à sua tarefa não só o cuidado de informação e o esmero interpretativo que profissionalmente se lhe devia exigir, mas também um entusiasmo e um carinho sem os quais, diremos agora, o seu empreendimento ficaria incompleto. Assim a biografia nobremente assumiu o caráter de panegírico. E onde poderia haver apenas a verdade das datas e dos feitos, a História duma individualidade, reina um contínuo enternecimento que se comunica e nos faz bem à alma.

Vemos João Barbosa Rodrigues na infância, na adolescência, nos primeiros projectos e já nas realizações da juventude. Tinha um ideal de vida: a medicina e um leve espiritual: a poesia. Circunstâncias ingratas o forçaram a entregar-se à carreira comercial; não o desviaram, porém, da paixão da ciência nem do sonho da poesia. Versos, praticou o jornalismo, cultivou a novela e o romance. A crítica não hesitou em o consagrar homem de letras. Não lhe bastava, todavia, essa consagração nem ela, na época, representava suficiente garantia para ninguém. As responsabilidades de família levaram Barbosa Rodrigues a cuidar mais praticamente da sua situação; ao mesmo tempo, porém, outras ansiedades da inteligência o conduziam a estudos profundos e a arrojadas aventuras. Surge aí a sua primeira obra considerável de botânica. — A qual a biografia chama "a batalha das orquídeas". Vem a sua nomeação para director do Museu Botânico de Manaus; e ele-lo empreendendo uma esforçada, inspirada missão, qual a de ir ter com os selvícolas daquelas terras, para bem os conhecer e revelar-lhes o que da civilização lhes pudesse ser agradável e proveitosa. E efectuou a exploração e exerceu a catequese. Conciliou tribos já tradicionalmente inimigas; ensinou o trabalho pacífico, o respeito da vida, as belezas do saber. E enquanto ensinava os indígenas, ia por si mesmo aprendendo as lições da sã vida da livre e virgem natureza. Não repetiremos aqui, página a página, a história deste grande trabalhador. E com efeito, de certo ponto em diante a sua existência decorreu acompanhada por toda a gente culta, cercada de legítima admiração. O que o Jardim Botânico do Rio de Janeiro dele recebeu em labor e desvelos extremados veio a constituir uma divisa nacional. E o Brasil, que já grandemente a reconheceu, dignamente a ha de pagar.

SAUVÃO, subsidio para a propagação do ensino obrigatório, por H. Nobil Paim — Livraria Cristo-Rei, editora — São Paulo, 1945.

Esta formigão, detestável entre os mais funestos, é o analfabetismo. Numerosos males se lhe podem atribuir. Os danos que ele propriamente não determina, deixa, pelo menos, de os combater. Sem a circunstância de "iltradismo" em tão dilatada escola, não seria o Brasil um vasto hospital, conforme o de inju eminente homem de ciência. A calamidade das endemias se avaruaria, declinaría até desaparecer. E outra seria a riqueza das zonas rústicas, a prosperidade das lavouras, a condição moral das populações, a segurança das vidas e dos bens, a natureza e o aspecto das coisas em geral.

E' contra esse inimigo numero um do Brasil que o Sr. H. Nobil Paim vem combater esforçada e ardentemente. Traz uma arma no caso especialmente sua: a poesia. Nenhum de certo se lembrara ainda de prégar em verso as medidas administrativas e economicas graças às quais se tornará possível ensinar as populações mais remotas do sertão ou da roça a ler por cima e a contar sem ser pelos dedos. O autor do presente livro formula as providências oficiais ou de iniciativa particular aplicáveis ao magro problema, reduzindo-as uniformemente a redondilhas maiores. Neste retro único revela e explica o que realmente há a fazer. Uma das páginas, por exemplo, estabelece a maneira de se obterem os recursos pecuniários que o empreendimento exigirá; e intitula-se: As verbas para a suprema tarefa.

H. KÖRSC PAIN

SAUVÃO

UMA HISTÓRIA DE FÉ E DE AMOR
A UMA FAMÍLIA



1963

EDITORA GOMES & CO. S.A.

DE ALFARO MURIEL
 ALIMENTAÇÃO SADIAMENTE
 CRIANÇA FORTE

N. 206771
 DICCIONÁRIO
 DA
 GRAMÁTICA BRASILEIRA
 I
 Editora Universitária Ltda.
 São Paulo

J. L.

ESTE È O CHARUTO VITORIOSO



De Lábio em Lábio...

dou volta ao mundo!

Pela sua massa inconfundível,
pelos seus tons modernos e harmo-
niosos, ZANDE - o baton que
está na moda - conquistou a pre-
ferência de todas as mulheres
lindas do mundo. ZANDE
dá aos lábios um contorno
perfeito, conservando-
os aveludados e per-
feitamente maqui-
ados durante muitas
horas.



TINTURA FLEURY
D. JUVENI

**DÁ JUVENTUDE
AO SEU CABELO**

Em poucos minutos a cor natural voltará aos seus cabelos. Escolha entre as 18 tonalidades diferentes da Tintura Fleury aquela que mais lhe agradar.

APLICAÇÃO FACILÍMA:

Peça ao nosso serviço técnico todas as informações e solicite o interessante folheto "A Arte de Pintar Cabelos", que distribuímos grátis.

CONSULTAS, APLICAÇÕES E VENDAS: Rua 7 de Setembro, 40 - São Paulo

Nome

Rua

Cidade Estado

BS

C. SHANTUNG





1 — Nova versão do vestido "chemisier", realizada em shantung amarelo canário. Pespontos na blusa e na saia. Bolsos originais. 2 — Vestido em shantung azul celeste, ajustado ao corpo por "pínies". A blusa é bastante comprida e acabada na frente com uma tira larga pespontada. Saia pregueada. 3 — Um trabalho de ninho de abelhas recolhe a amplitude da blusa e da saia. Original o detalhe do bolso formado pela continuação da gola. 4 — Vestido de shantung azul, com efeitos de casaco. Pespontos em tom mais vivo. Saia com franzidos na frente. 5 — Vestido em surah pastel, bastante juvenil. Botões na gola, no cinto e no babado que cai sobre a saia. 6 — Modelo em shantung liso ou estampado. Trabalho de nervuras na gola e nos bolsos. 7 — Vestido para a tarde, em crepe pesado, com interessante movimento de "godets" saindo da blusa. 8 — Modelo em crepe azul, com franzidos na blusa e na saia, arrematados por "rouloté" da mesma fazenda. 9 — Elegante modelo em seda pesada amarela. Interessante recorte marca a cintura e prende os franzidos da saia. 10 — Vestido de shantung rosa velho, com pala recortada descendo em ponta até a saia. Botões da mesma fazenda.

O homem das luvas...

Continuação da página 34

da compra. Tenho mesmo algumas ofertas já feitas, e por bons preços. Uma delas, por exemplo, partiu de um outro excêntrico como seu tio, Lord Storey, que mora nas montanhas, perto de uma propriedade que hoje é sua. Ele deseja adquirir o terreno e depende da senhorita a decisão. Proponho que visite o lugar, para conhecê-lo ao menos, antes de tomar uma decisão.



Não despreze a terrível PIORRÉIA
De cada 5 pessoas — 4 (também V.S.) estão ameaçadas

Com o abominável encolhimento das gengivas e o execrável afrouxamento dos dentes, a Piorrêia ameaça hoje milhares de pessoas. Se V. S. notar que suas gengivas estão sensíveis... que sangram facilmente ao escovar os dentes... acalente-se — pode ser Piorrêia!

Proteja-se imediatamente com o método experimentado Forhan, que consiste em escovar os dentes duas vezes ao dia (fazendo-se ao mesmo tempo massagem nas gengivas) com Forhan's para as gengivas — o único dentífrico que contém o adstringente especial anti-piorrêico do Dr. Forhan. Exames clínicos recentes demonstraram que 95% dos casos ameaçados de Piorrêia apresentaram notável melhora num mês deste tratamento simples.

Procure seu dentista e siga os conselhos dele. E para a saúde e vigor das gengivas e beleza e proteção dos dentes, comece hoje mesmo a usar o famoso dentífrico FORHAN'S para as gengivas.

Escove os dentes com

Forhan's



R. J. Forhan D.D.S.

"Não espere sofrer de piorrêia para usar Forhan's — use Forhan's antes que a piorrêia apareça."

4FP5

— Acho a proposta ótima e só vejo um inconveniente. E' que terei de viajar sozinha, e o senhor já disse que se trata de lugar inacessível.

— Mas nós a acompanharemos, meu filho e eu.

— Bem, nesse caso...

— Iremos, portanto, visitar a propriedade vizinha à casa de Lord Storey...

— Sim...

— Ele convidou-a, caso decidisse fazê-lo, para hospedar-se em sua casa, visto como a casa que seu tio comprou está em mau estado de conservação e não poderia hospedá-la condignamente.

— Bem...

★

Ela começou a desconfiar no momento em que eles tomaram a estrada. Não a tinham avisado que a casa de Lord Storey ficava a dois dias de marcha. Tinham que ir a cavalo e pernoitar na floresta, num acampamento. Parsons arranjara um outro membro para a curiosa expedição: um senhor de meia idade, de aspecto suspeito. O filho de Parsons, por sua vez, não a deixava em paz.

— Por que não me chama Reginald?

Irritada ela retrucara:

— Para que você não tenha motivos para me chamar Lucile.

Ela olhara com uma expressão estranha. Mas continuara a tratá-la da mesma maneira e a importuná-la com suas declarações. Um ambiente estranho reinava na pequena expedição.

Tinham contratado um guia. Na última hora, o homem que Parsons contratara adoeceu e fôra substituído por um desconhecido que tinham encontrado na cidade vizinha. E o mais estranho é que ele, depois de certo tempo, passou a ser o único membro do grupo em quem Lucile confiava. Aprendeu a contar com aquele homem que usava luvas finas de pelica, apesar de seu aspecto mal tratado, de quase miséria. Uma barba e uns bigodes fartos. Um olho coberto por pedaço de pano preto; perdura numa luta, disse.

Ela sentia-se curiosa.

— Como é seu nome?

— Chamam-me o homem das luvas de pelica.

— E o seu nome...?

— Ninguém sabe.

— Nem você?

Ele riu.

— A senhora é curiosa.

★

Na noite que passaram acampados, Reginald revelou seus planos.

— Que linda noite — disse Lucile e arrependeu-se logo, pois Reginald se levantara e viera colocar-se ao lado dela.

— Romântica... — murmurou o rapaz.

HEMORRHOIDAS? tome

EM TODAS AS FARMACIAS E DROGARIAS

Pilulas de Herva de Bicho

compostas inoscard

LIC. 3.518

14-3-925-D.N.S.R.

DOR DE OUVIDO? INFLAMAÇÃO E PURGAÇÃO NO OUVIDO? Use AURIS-SEDINA

— Fria — murmurou a môça, num tom cortante.

Mas ele não desanimou. Os outros tinham-se afastado e eles estavam praticamente sós. Reginald aproximou-se e tomou-a nos braços. Lucile debateu-se, impotente.

— Largue-me!

— Pedir socorro?

Não seria Parsons que viria em seu auxílio. O homem velho? Também não. O guia? Sim, o guia.

Antes que ela tivesse tempo de pedir auxílio, já Reginald era precipitado no chão pelo guia. O homem das luvas de pelica pusera-se na frente dela, para protegê-la.

Reginald deu uma risadinha.

— De nada serve apelar para o seu guia. O dia de seus aniversários é amanhã, e se você não se casar não ganhará o dinheiro. Não pode casar-se com ele.

— Mas... é com vinte e dois anos que eu...

— Com vinte e um... Um lamentável engano de meu pai — disse ele com ar ladino.

— Mas...

— Portanto não lhe resta nenhum remédio: ou perde a fortuna ou casa-se comigo.

— Eu...

Lucile não sabia o que fazer. De repente, voltando-se para o guia disse à queima roupa:

— Você me protegeu. Parece um homem honesto. Quer ganhar cem mil libras? Case-se comigo agora mesmo. E tome o compromisso de me deixar em paz assim que chegarmos na cidade.

Ele sorriu misteriosamente:

— Não tenho nada a fazer hoje à noite. Por que não casar-me?

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface ultra-concentrado, que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperezas, e a tendência para pigmentação.

O vigor, o brilho de uma pele alva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante". Experimente-o.

O juiz que Parsons trouxera para casar o filho, ali mesmo casou Lucile e o Homem das Luvas de Pelica.

Naquela noite ela dormiu na sua tenda, e estendido à porta ele vigiou o sono dela.

★

Quando avistaram a casa de Lord Storey, o Homem das Luvas de Pelica desapareceu.

— Onde está seu marido?

Reginald sorriu.

— Quem sabe se ele não se arrependeu?

Lucile zangou-se.

— De ganhar o dinheiro?

— Tão nobre...

Mas a maior surpresa estava se aprontando ainda. Digo, exatamente, se aprontando porque quando Lord Storey desceu para a sala o mistério do Homem das Luvas de Pelica esclareceu-se: era ele, menos a barba, o bigode e o pano preto cobrindo um olho.

— Lord Storey! — murmurou Lucile.

— Não se assuste, Miss Stebbins. Está em sua casa. E' minha convidada. Quanto a esses cavalheiros, temos que ajustar umas contas antes de convidá-los a se retirarem.

Com um gesto galante o dono da casa afastou-se com os outros:

— Permite?

Ela, mal refeita do espanto, assentiu. Ficou só no salão imenso e luxuoso. Um mordomo empertigado aproximou-se:

— Milady...

Ela voltou-se assustada.

— Sou um velho criado da casa e, sabendo do seu casamento, venho em nome da criada-gem desejar-lhe boas vindas e muitas felicidades. A grande estima que temos pelo patrão será dividida agora com a senhora.

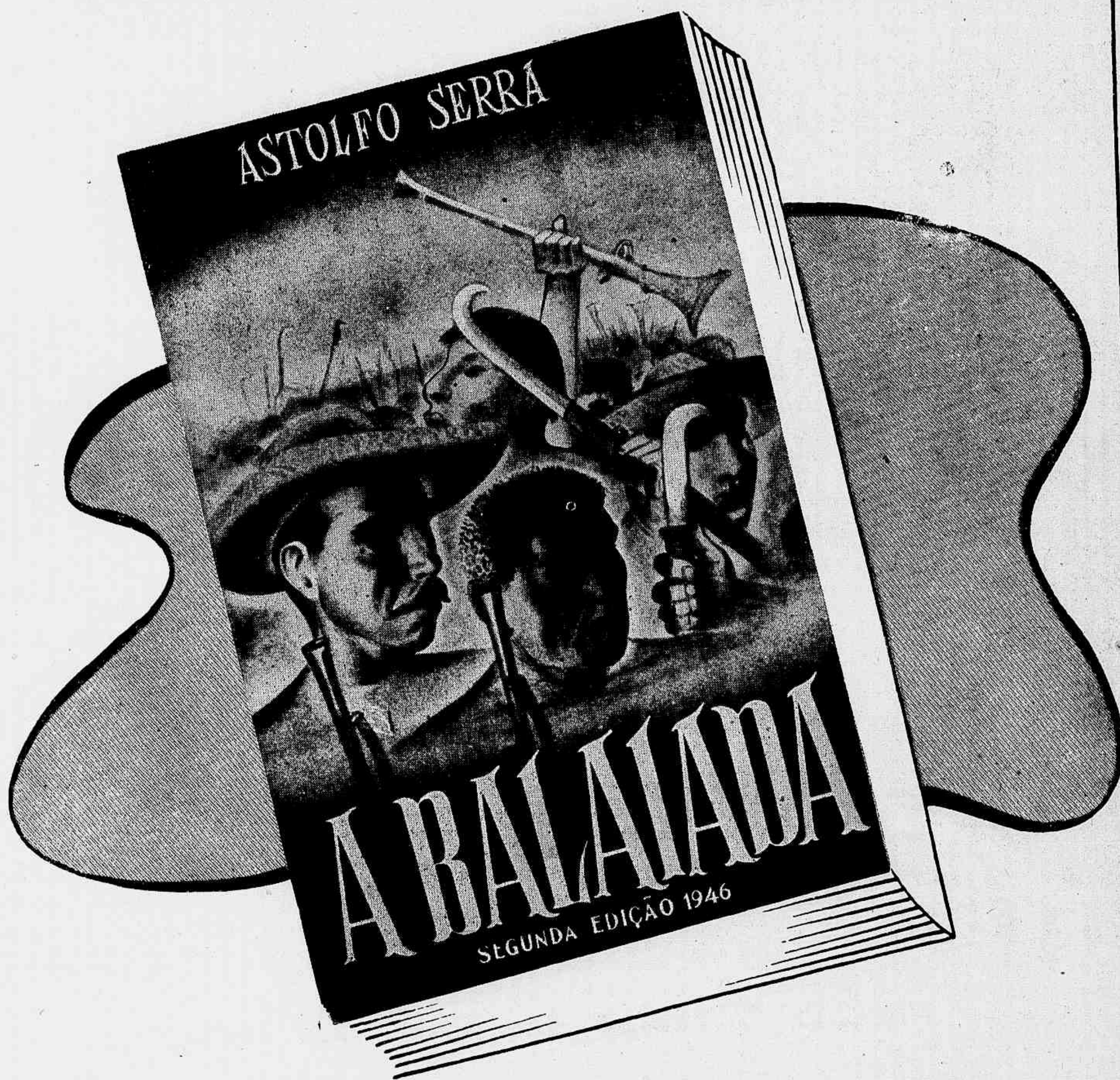
Lucile agradeceu.

— Obrigada.

— Seus aposentos estão prontos, milady.

Ela seguiu-o. O título era um pouco estranho. Não estava habituada. Mas com o tempo...

UM LIVRO PARA O MOMENTO



- Astolfo Serra oferece, agora, às bibliotecas culturais do país um livro de grande porte.
- **A BALAIADA** é um estudo sério, uma obra de grande relêvo, que reabilita um capítulo malsinado da história do Brasil.
- Estudo atualíssimo, feito à luz da sociologia moderna e dentro das normas dos mais avançados mestres da interpretação histórica.

A' VENDA NAS BOAS LIVRARIAS DO PAÍS



Nascido a tempo de herdar um milagre...

"A penicilina salvará vidas... Depressa!"

Foi o apêlo lancinante do mundo sofredor, há apenas quatro anos. A medicina demonstrara claramente que a penicilina poderia curar muitas doenças infectuosas para as quais antes não havia tratamento adequado. Mas, como produzir em larga escala a nova droga que salvaria milhões? No mundo inteiro não havia penicilina suficiente para tratar meia-dúzia de pacientes.

Partindo de uma quantidade mínima de "Penicillium notatum" contida num pequenino frasco, a Casa Squibb dedicou ao problema seus 87 anos de conhecimentos, experiências e recursos científicos. Hoje, em lugar daquele pequenino frasco há baterias de tanques de 15.000 galões, produzindo mensalmente bilhões de unidades de penicilina, para uso dos

médicos do mundo inteiro. A Casa Squibb atendeu ao apêlo "depressa!" e é atualmente um dos maiores produtores dessa droga essencial. Assim, pois, qual foi a herança dêste garoto e de sua geração? Uma bênção da medicina que promete espalhar mais benefícios do que qualquer outra descoberta conhecida. Um milagre de pesquisa e de produção deu-lhe e aos seus companheiros a oportunidade de ser mais rico em saúde e felicidade do que jamais o foram seus antepassados.

**E·R·SQUIBB & SONS
DO BRASIL, INC.**

Produtos Químicos, Farmacêuticos e Biológicos

FAMA MUNDIAL EM PESQUISAS MÉDICAS

MULHERES

Que o mundo não esqueceu

MARIA STUART

MARIA STUART, uma das mais discutidas rainhas da história, era filha de Jaime V Stuart (da dinastia Tudor) e da francesa Maria de Guise. Logo após o seu nascimento, morreu Jaime V, ficando a pequenina Maria já como rainha. Sua mãe enviou-a para a França afim de educar-se. Aos 18 anos despertou grande paixão no Delfim Francisco, com quem casou. Pouco depois morre o sogro e Maria Stuart fica sendo rainha da Escóssia e da França e ainda a herdeira mais próxima ao trono da Inglaterra. Em 1560 ficou viúva e regressou à Escóssia. Lá encontrou tudo mudado: John Knox dominava o povo; a reforma havia vencido e os católicos eram hostilizados. Maria Stuart, que levou para Escóssia mocidade, graça e poesia, encontrou somente a violência, o fanatismo, o ódio.

Isabel da Inglaterra mantinha com ela relações complexas que iam dos conflitos políticos aos ciumes entre mulheres.

A rainha dos escosseses merece indulgência, pois se muito errou foi porque nunca teve ao seu lado um amigo ou conselheiro fiel. Quando permitiu então que a mulher dominasse a soberana, seus erros aumentaram. Ela enfiou Isabel recusando Leicester para esposo. Desagradava-lhe casar-se com o favorito da rainha da Inglaterra. Escolheu então Darnley, o que foi muito pior. Revoltou a corte tomando para conselheiro o músico italiano David Rizzio, assassinado, agarrado às suas saias, por Darnley e alguns senhores da corte. Três meses depois nasceu seu filho, Jaime VI da Escóssia e Jaime I da Inglaterra, o qual, dizia-se, era filho de Rizzio.

Maria Stuart odiava o marido e apaixonou-se vivamente pelo terrível e desprezado conde Bothwell. Foi ele quem preparou o assassinio do rei e, segundo os historiadores, com o auxílio da própria rainha! Não foi ela quem atraiu Darnley, instalando-o e abandonando-o na casa de campo que horas mais tarde voava pelos ares? No entanto, por cartas escritas por ela deduz-se que Maria Stuart não queria participar do crime, mas o fez subjugada por Bothwell. Nessa ocasião todos a abandonaram: o Papa, a Espanha, a França. Houve rebelião na Escóssia, e Bothwell conseguiu

escapar enquanto Maria Stuart era feita prisioneira e levada para a prisão de Edimburgo, sendo deposta em favor de seu filho Jaime VI. Dez meses e meio mais tarde conseguiu fugir da prisão, procurando abrigo na Inglaterra. Isabel, que a princípio não sabia o que fazer, acabou por prendê-la, e na prisão ela ficou durante 20 anos.

De 1568 a 1587 Maria Stuart envelhecia, bordava e conspirava. Nem um só instante ela deixou de conspirar, e comprometeu-se seriamente numa armadilha que lhe prepararam, aprovando e aconselhando o assassinio de Isabel.

Ainda nessa ocasião Isabel ficou indecisa; mas, finalmente, no dia 8 de fevereiro de 1587 Maria Stuart era levada ao cadafalso. Nem mesmo seu filho procurou defendê-la.

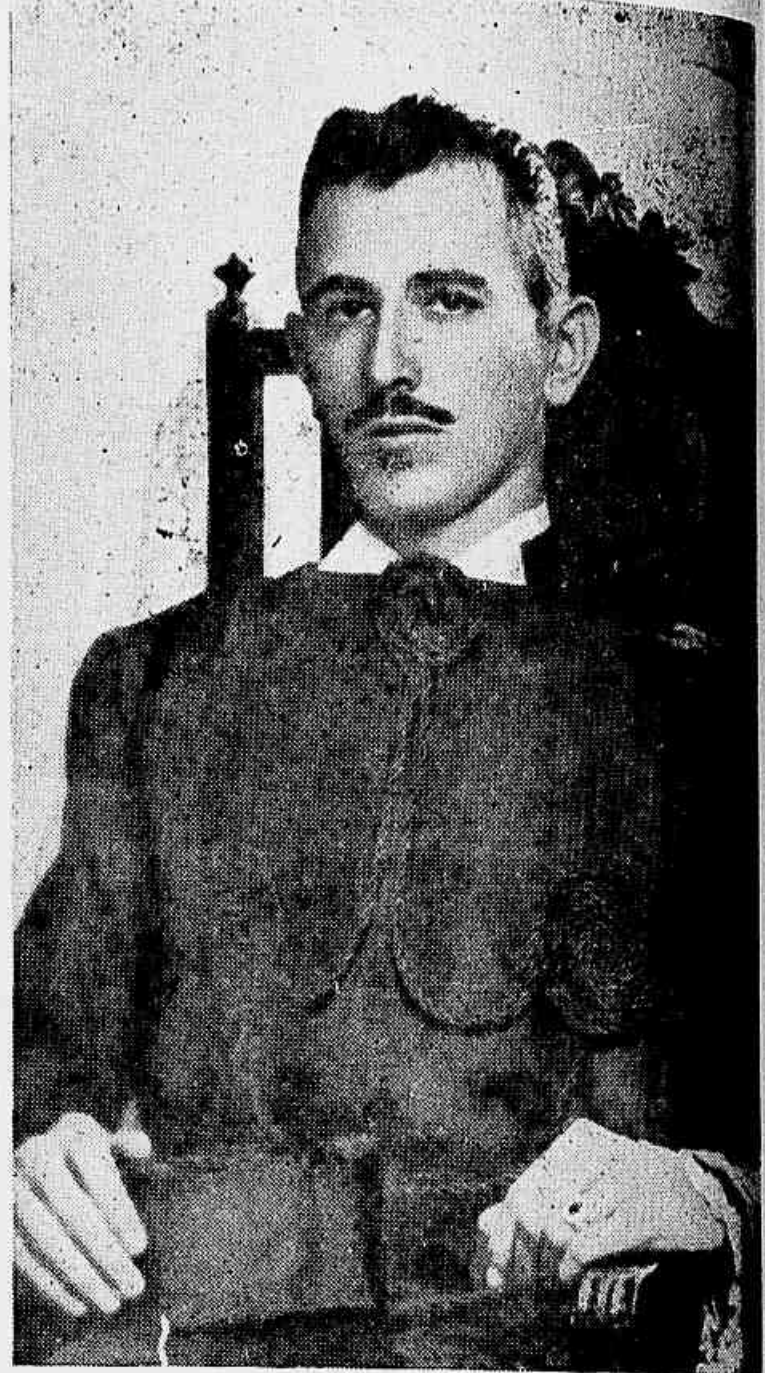
Esquecidas as tragédias da sua mocidade, tornou-se uma santa aos olhos dos católicos.



Maria Stuart antes de ser decapitada (desenho de Meug)

Retrato de Maria Stuart existente no Museu de Leningrado





A data de hoje assinala o 3.º aniversário da galante Jacy, filhinha do casal José Bellotti e d. Jurema Sovat Bellotti.

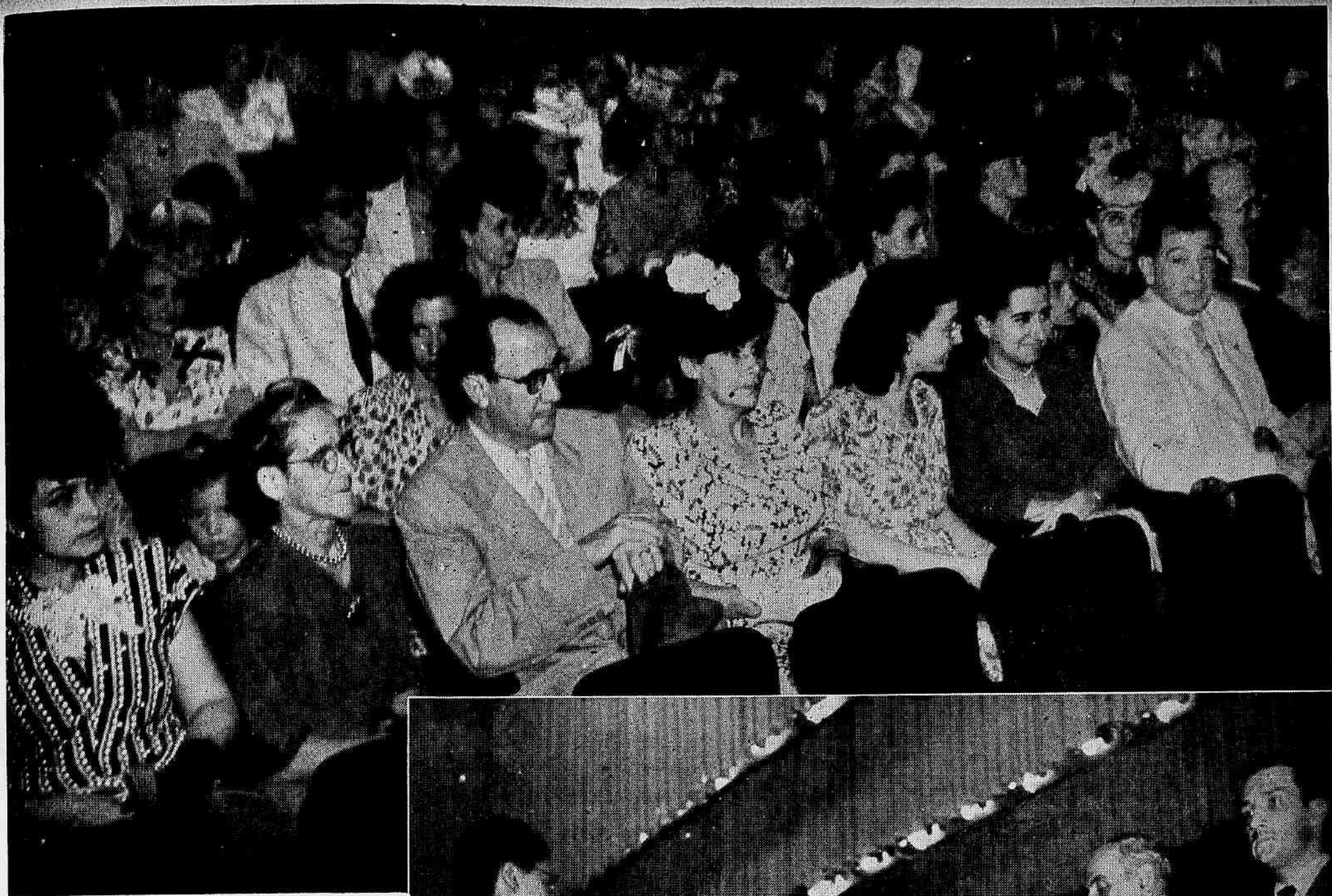
O dr. Arquimedes de Souto Maior Filho, recentemente formado em Direito pela Faculdade de Recife.

Concluiu o Curso de Direito, pela Faculdade Nacional de Direito da Universidade do Brasil, a senhorita Nayde Ferreira Santos, ornamento da nossa sociedade e alta funcionária do Ministério da Fazenda, que vem recebendo muitas felicitações.

FIGURAS e FATOS

Flagrante apanhado no Cais do Pôrto, nesta Capital, por ocasião da chegada do sr. Armando Vieira de Castro Gomes, industrial e figura de destaque no nosso meio. S. S. regresso de Portugal, onde foi em viagem de recreio. No flagrante destaca-se o sr. prof. Castro Filho, à direita do ilustre viajante, entre amigos e pessoas gradas.





FACULDADE DE FILOSOFIA DO INS- TITUTO LA-FAYETTE

1 — Foi realmente uma linda festa a da colação de grau da primeira turma de licenciados da Faculdade de Filosofia do Instituto La-Fayette.

A assistência, numerosa e seleta, enchia o amplo auditório da sede dessa conhecida casa de ensino.

2 — O diretor em exercício, dr. Felipe dos Santos Reis, no impedimento do professor La-Fayette Côrtes, no momento em que fazia entrega do diploma a um licenciando, ladeado do representante do sr. Presidente da República, capitão-tenente Adolpho Barroso de Vasconcellos, e dos professores Othon Nogueira, Tasso da Silveira, Francisco Levasseur França e do secretário da Faculdade, La-Fayette Côrtes Filho.

3 — Os licenciandos de 1945, contando-se entre eles alguns que no próprio Instituto La-Fayette fizeram o curso primário e o secundário. Pediram depois matrícula na sua Faculdade de Filosofia, onde alcançaram os objetivos desejados. Desta turma constam licenciados em Filosofia, Matemática, Física, Geografia e História, Letras Clássicas, Neo-Latinas e Anglo-Germânicas.



Em Fort Peck, no Estado de Montana, próximo ao Canadá, nasce um rio. Caminha para leste, rolando as suas águas pesadas através do terreno acidentado e, rompendo pela fronteira de Dakota do Norte, estende a sua bacia por todos os Estados limítrofes, fertilizando as terras e rasgando caminhos à civilização. Tomando após o rumo do sul, o Missouri atravessa em seu caminho as duas Dakotas, indo além separar as terras de Iowa do Estado de Nebraska e, depois de regar Arkansas, batiza um Estado sulino, desaguando finalmente no gigantesco Mississipi, num delta majestoso e sereno. Através êsse percurso de quase duas mil milhas, o gigantesco rio viu caminharem civilizações e povos. Por sobre suas águas, na superfície das balsas frágeis atravessaram os pioneiros em busca do West. A madeira para as construções de navios e cidades desceu pelo seu curso, levada pela sua própria força. E hoje êle continua a rolar, gigantesco e imutável, na sua majestade serena, após haver construído uma civilização.

As primitivas canoas sucederam os navios de roda, velhos gaiolas que já estão hoje servindo em pontos mais afastados da civilização. Hoje grandes navios de hélice ou de propulsão central, confortáveis e luxuosos, fazem linhas regulares entre as suas cidades. E St. Louis passou a ser, da cidade provinciana do século passado, uma grande e famosa Capital. A aviação rasgou horizontes novos ao progresso. Os trens elétricos praticaram o milagre da "Union Pacific", retalhando a América em viagens transcontinentais. Mas o Missouri continua a ser o caminho natural e poético da civilização "yankee"...

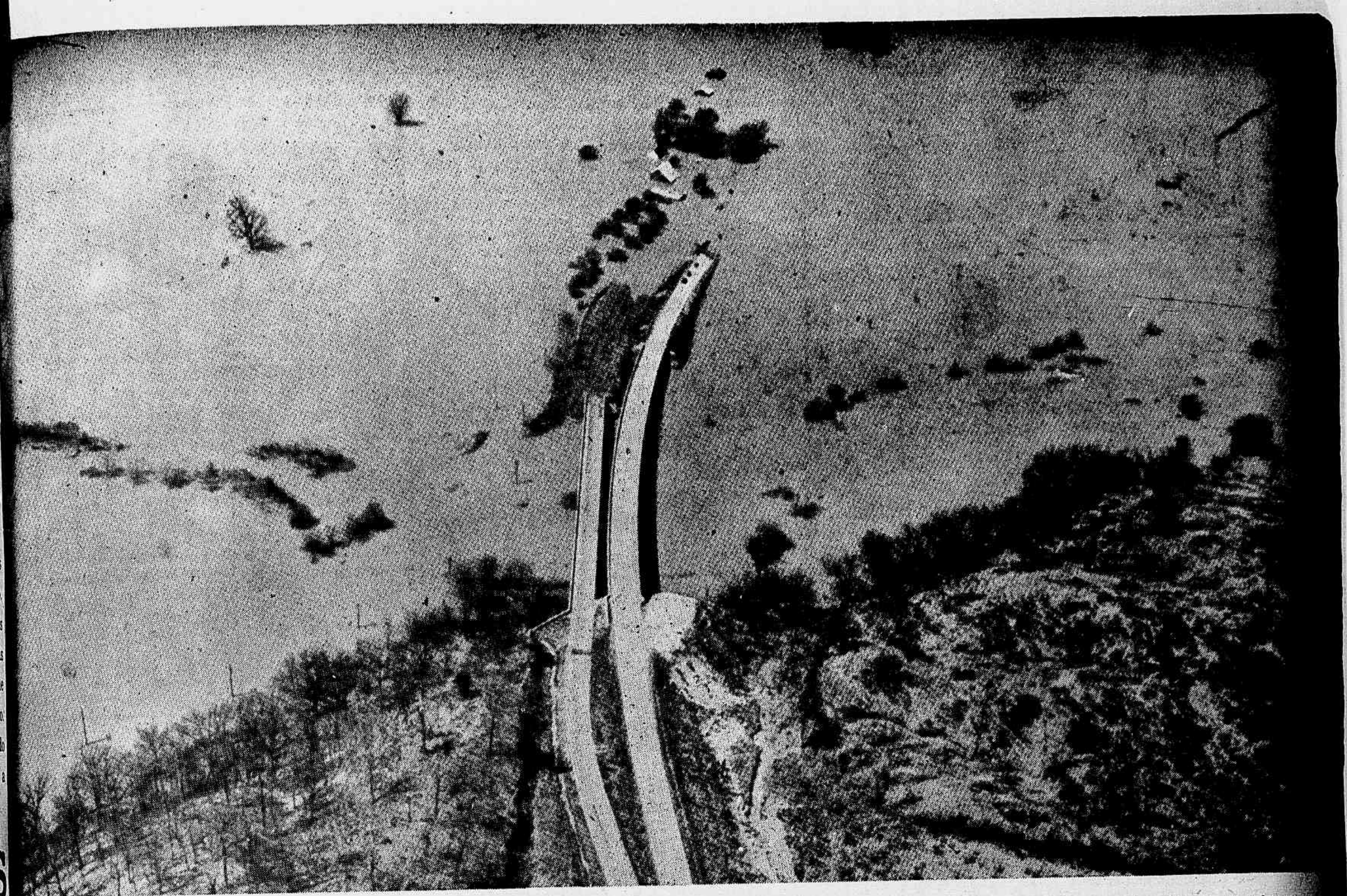
AO NORTE DE ST. LOUIS — Entre as terras de Illinois e do Estado de Missouri, encontram-se os dois colossos. Forma-se um delta apertado, e as águas que rolaram desde Fort Peck, em Montana, se lançam no Mississipi. A confluência se dá um pouco ao norte de St. Louis, capital do Estado de Missouri.

DE FORT PECK A ST. LOUIS

UMA RECORDAÇÃO — Esta velha, habitante das margens do Missouri, já era viva quando apareceram no rio os primeiros navios de roda e quando as diligências dos pioneiros iniciaram a ingrata marcha para o West. Hoje a civilização tomou de assalto as suas terras, e ela é como um marco do passado.

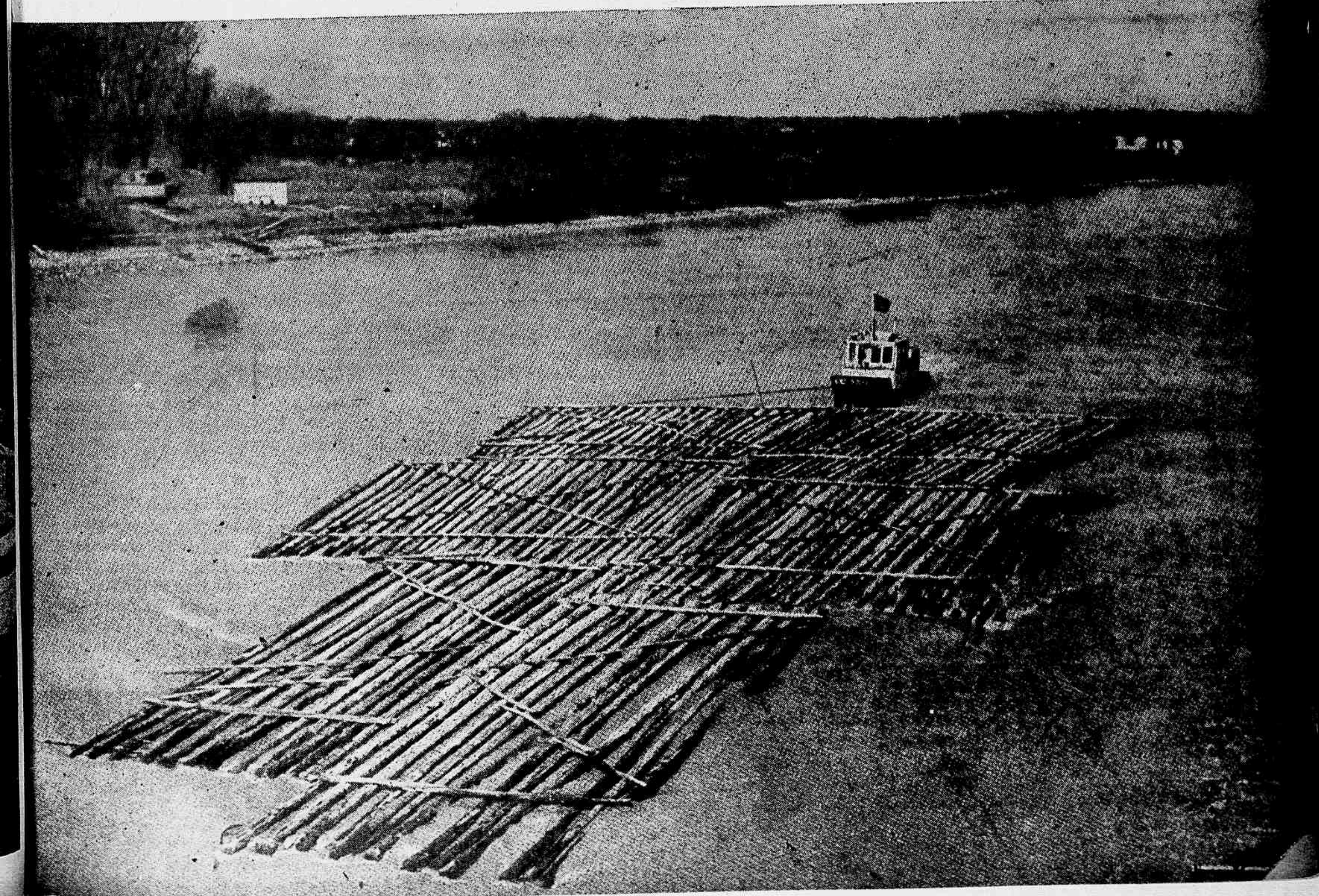
OS ÍNDIOS DE HOJE — Os avós desta pequena descendente de uma tribo de Montana escarpelaram muitos brancos que lhes invadiam as terras. Hoje os seus cinco irmãos servem na Armada e no Exército de Tio Sam. A indiazinha sorri para o "cara pálido" que lhe bate a chapa. E lê uma revista junto ao Missouri.





FLAGELO — O rio é bom, o rio é generoso. É ele que traz os alimentos para as populações do interior, as suas águas fartas regam as sementeiras e as florestas. As suas águas mitigam a sede dos homens e dos animais, a fortuna aumenta ao toque de sua passagem fecunda. Mas quando o Missouri se enfurece, as águas revoltas avançam sobre plantações e cidades, devorando numa fúria selvagem homens e pastagens. Este é um aspecto da cheia do Missouri em terras de Bonville, no Estado que tem o nome do rio.

A ESTRADA — O Missouri foi a estrada por onde a civilização entrou no "hinterland" americano. Os pioneiros, encontrando a barreira líquida que lhes obstava a marcha para o West, tomavam o rumo do sul e plantavam nas margens da grande massa de água as maravilhosas cidades que hoje enfeitam o seu curso. Hoje o transporte de madeira industrializada ainda é feito com a utilização da força da correnteza do Rio. Eis aí uma lancha do Exército Americano rebocando para Kansas City grande quantidade de pranchões.



GABRIEL RANGEL FONE 23-4742
Máquinas de escrever e acessórios
 OFICINA COMPLETA
 RUA SENHOR DOS PASSOS, 88 - 2.ª loja

O caso de Marian Lanson

(Continuação da pág. 27)

— As ordens.
 — Pode retirar-se. Por favor, não tente sair desta casa sem ordem nossa. Pode deitar-se para repousar, se quiser.
 Brent levantou-se e saiu lentamente.

★

Estavam todos reunidos na sala de visitas. Grace estirada num sofá, com os olhos fechados. Charles e Robert, junto à lareira, tomando whisky. Brent hesitou, à porta, ainda meio ofuscado pelas luzes da biblioteca. Charles, vendo-o, disse:

— Entre.

Brent obedeceu, fechando a porta atrás de si.

— Quer um whisky?

— Não, obrigado.

Brent atravessou a sala e deixou-se cair pesadamente numa poltrona.

— Que lhe perguntou ele?

Robert estava curioso. Mas Brent retrucou:

— Será permitido revelar as perguntas?

Grace, do sofá, sem abrir os olhos, zombou:

— Sempre mantendo-se estritamente dentro dos limites do legal, não é, meu boníssimo Brent? Você e Marian sempre foram os dois amigos perfeitos. Nós é que éramos os levianos... Não tenha medo. Pode dizer agora. O que eles não permitem é que conversemos antes do interrogatório, ou enquanto estamos sendo interrogados, para não concertarmos uma "bela história para enganar os detectives"... Fazem-nos ficar numa sala cada um e só nos reunem depois de extraída a última onça de informação...

Brent suspirou:

— Ele não me perguntou nada de mais.

Novamente Grace zombou:

— Olhem só o inocentezinho, o preferido da professora, sempre ao lado dos poderosos.

Antes ao lado de Marian, agora ao lado da lei... Nós é que somos os renegados, os assassinos. Aposto que ele disse aos detectives que um de nós cometeu o crime. Ou talvez dissesse que fomos todos cúmplices. Sim, deve ter dito isso.

Robert resolveu intervir:

— Cale a boca, Grace. Você bebeu.

Depois, mais nervoso, prosseguiu:

— De qualquer forma, Brent sabe que um de nós não pode ter sido. Marian saiu da sala quando estávamos reunidos... Não voltou mais. Ninguém saiu da sala.

Grace, com um risinho:

— Foi isso que você disse à polícia? Pobrezinho! Já entrou com duas cruces para a lista dos suspeitos. Eu contei como você saiu para... "buscar um baralho". Foi um baralho que você foi buscar... ou o dinheiro?

— O dinheiro? Que dinheiro?

— O dinheiro de Marian, benzinho, o motivo do seu crime.

Grace, eu não admito que...

— Que é isso? Estamos em família. Brent sabe que nós somos assim. E depois não pensamos muitas vezes, todos nós, em "matar" Marian?

A voz de Grace adquiria um tom de ferocidade:

— Pode algum de nós dizer sem dôr na consciência que não pensou em matar Marian, herdar aquele dinheiro negado, negado, negado sempre, com um risinho superior? "Grace, como você gasta!", dizia-me ela. E eu pedia, humilde: "Só cem dólares, Marian". Então ela triunfava: "Nem um centavo, Grace, nem um centavo!". E ficava ali, com aquele risinho triunfante. Odioso! Odioso!

— Grace, cale-se. Você está histérica!

Robert interviu novamente. Houve uma pausa. Grace estava ofegante no sofá. Brent fechara os olhos e não pensara mais no assunto. Esquecia a discussão em torno dele. No silêncio que se seguiu ouvia-se a respiração de Grace, o ruído do sifão que Robert usava para fazer outra dose de whisky. Soou então clara e nítida a voz de Charles:

— Vocês já esqueceram, nessa discussão, que todos nós tivemos oportunidade de matá-la?

Grace soergueu-se:

— Você disse a eles que...?

Robert fez meia volta:

— Você disse...?

Charles sorriu, irônico:

— Disse a verdade. Que você, Robert, saiu para "buscar um baralho". Que Grace saiu para... "passar um pente no cabelo". Que eu, enfim, saí... para apanhar um livro. Três

Neste mês vai sofrer outra vez?

Esta pergunta dirigimo-la a você, prezada leitora. A você que, como mulher, está sujeita todos os meses aos terríveis males resultantes do mau funcionamento de seus órgãos femininos. Terríveis males sim, porque, além de transformarem a sua existência num verdadeiro martírio, esgotam com rapidez a sua saúde, a sua mocidade, a sua beleza. Ponha um ponto final neste capítulo de amarguras. Não sofra mais neste mês e em nenhum outro mês de sua vida. O Regulador Xavier — o N.º 1 ou o N.º 2, conforme o caso — afastará definitivamente os seus males, restituindo-lhe a saúde e com ela a beleza, a mocidade, a boa disposição física e moral. O Regulador Xavier é fabricado em duas fórmulas diferentes — o N.º 1 e o N.º 2 — de acordo com as naturezas diferentes dos males femininos. O N.º 1 se aplica nas regras abundantes, repetidas, prolongadas, hemorragias e suas consequências: dores, vertigens, insônia, nervosismo, fastio, etc. O N.º 2 se aplica na falta de regras, regras atrasadas, suspensas, diminuídas e suas consequências: anemia, cólicas uterinas, flôres brancas, insuficiência ovariana, etc. O Regulador Xavier lhe dará saúde todos os dias do mês e todos os meses do ano.



CORTÊ E COSTURA

Aprenda pelo método moderno POR CORRESPONDÊNCIA, o Curso completo de Corte e Costura. Estude em SUA PRÓPRIA CASA, nas horas livres, sem deixar suas ocupações habituais.

Em pouco tempo e com poucos gastos, será uma excelente modista, perfeitamente preparada para fazer qualquer trabalho nessa profissão.

MENSALIDADES SUAVÍSSIMAS

ENVIE-NOS HOJE MESMO O COUPON ABAIXO

INSTITUTO UNIVERSAL BRASILEIRO
 Caixa Postal, 5058 - São Paulo

Ilmo. Sr. Diretor: Peço enviar-me GRATIS, o folheto completo sobre o curso de Corte e Costura por correspondência.

NOME.....

RUA.....

CIDADE.....

ESTADO.....

oportunidades magníficas. Salvou-se o Brent, que ficou na sala e nunca sozinho.

Os dois irmãos levantaram-se:

— Como é que você pode fazer uma coisa dessas?!

Charles tornou a sorrir:

— Você, Robert, não contou à polícia que eu saíra e que Grace saíra? Aposto que sim. Grace já não confessou que disse aos detectives que você teve uma oportunidade? Eu fui o primeiro a ser interrogado e disse logo tudo. Eu conheço meus irmãos. Uma coisa nos unia: um ódio a Marian. Agora é cada qual salvar a pele e lançar a responsabilidade do crime para cima dos outros dois, porque quer todo o dinheiro para si...

Talvez mais alguma coisa houvesse acontecido naquele momento se a porta não se abrisse bruscamente e entrassem os detectives.

— Não há provas contra ninguém exceto você — disse indicando os três irmãos um inspetor. — O sr. Brent tem um alibi. O crime não foi cometido pelas almas. Considerem-se presos. E aviso-os que qualquer declaração que fizerem agora poderá ser usada pela acusação contra os senhores no momento do julgamento.

No tumulto que se originou, Brent levantou a voz:

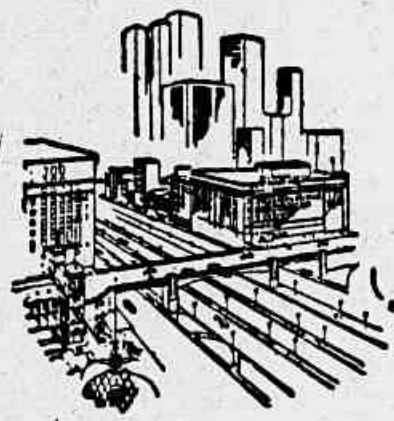
— Esperem! Não posso! Não posso deixar que cometam essa injustiça! Eles não mataram Marian! Marian... Marian suicidou-se!

★

— Preciso contar tudo! Não suporto mais Marian chamou-me, esta noite, para falar comigo sobre seu plano. Antes do jantar estavam juntos. Ela estava febril. Louca, completamente louca, asseguro. Arquetetara um plano infalível mas precisava encontrar alguém em quem confiar, a quem informar e gozar a expressão de espanto e terror. Ma-

(Continua na pág. 53)

50 anos
 de proteção à Família Brasileira



Uma população superior à da metade de S. Paulo tem o seu futuro assegurado na Sul America!

Sul America
 Companhia Nacional de Seguros de Vida
 Fundada em 1895



SOFRE DO FÍGADO?
 Tome
BIO-HEPAX
 PRODUTO DO LABORATÓRIO DA GUAFAMINA

RUGOL

O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

O ESTETA

Continuação da página 23

duradoura. Seu coração fôra deslumbra-do, é bem verdade, mas por amores efê-meros e prenhes de decepções. Entre-tanto não se sentia triste, mesmo por-que nunca fizera do casamento uma idéia fixa. Supunha-o (e nisso diferia de mu-ltas) uma contingência natural da vida. Há coisas — pensava — que substituem o matrimônio. "Case-se com sua visão", lêra algures. E assim, pura e bem humorada, metódica e feliz, vivia radiante, casada não se sabe com que ideal. Entretanto, quão profunda e radical foi a metamor-fose que sofrera! Estava ali, deitada e dentro de si um vazio, uma solidão inex-plícável. Tinha ânsias de chorar, de gri-tar que era mentira, uma tórpe, uma ter-rível mentira. Como pudera Zadok jul-gá-la capaz disso? E veio-lhe à mente a imagem d'ele, os olhos profundamente ver-des e a boca entreaberta num sorriso es-carninho, a dizer-lhes: "Sei que você me ama".

Lançou um olhar retrospectivo. Viu-se há três meses em casa de uma amiga, quando lhe foi apresentada. A unidade de ideal tê-los aproximarem-se mais. Viam-se sempre. E em tôdas as palestras fatal-mente o mesmo assunto: literatura.

Achava um estranho fascínio em ouvi-lo. Gostava de sua palavra clara, pau-sada, acompanhada da gesticulação pre-cisa, comedida, oriunda de uma persona-lidade forte, definida e de um constante controle mental. Ele já publicara algumas obras e ela, como apenas se iniciara na carreira das letras, descobrira nele um amigo capaz de eficientemente orientá-la e incentivá-la. Horas seguidas conversa-vam animadamente discorrendo sôbre os grandes escritores ou elaborando planos para o futuro.

Dessa harmonia de almas que cada vez mais se afinavam surgiu uma simpa-tia, uma compreensão, que passou a ser parte integrante de sua vida. As horas em que não o via achava-as insulsas, monótonas, e — interessante — se bem que ele a tratasse de "você" só o chama-va de "senhor". Havia pouca diferença entre as idades todavia; talvez pela repu-tação de que ele gozava nos meios cultu-rais, ela não se sentia à vontade para usar outro tratamento. Apesar da sinceridade e da recíproca confissão de so-nhos e anseios, havia como que um certo acanhamento, um pouco de cerimônia que, longe de evitar ou arrefecer essa ami-zade, enobrecia-a, emprestando-lhe certo halo de beleza e espiritualidade.

De sua vida particular, íntima, pouco ou quase nada sabia. Entretanto era co-nhedora de sua estrutura espiritual, dos meandros de sua psicologia. E com esta qualidade essencialmente feminina — a intuição — lia-lhe os pensamentos e avaliava toda a sua refinada sensibili-dade.

Há meses notara que ao falar-lhe sen-tia-se confusa, num embaraço ridículo; às vezes absorvia, os olhos mergulhados nos d'ele, sem os poder desviar, como que hipnotizada. Se casualmente as mãos se tocavam, sentia um calefrio percorrer-lhe o corpo ao mesmo tempo que uma onda

de sangue rubro, estuante, lhe assomava às faces.

Não pôde mais negar: a simpatia espi-ritual, elevada, se transmutara em amo-rosa. Eros surgia sutil e como sempre implacável. Quantas vês, em meio à leitura de algum clássico, não tinha ân-sias de tomar nas mãos aquela cabeça, repositório de inextinguíveis riquezas, e afagar-lhe os cabelos côm do sol! E na sua exaltação imaginava a delícia das frases de ternura naqueles lábios e as carí-cias edênicas ou estonteantes que po-deriam prodigalizar aquelas mãos, mãos tão brancas, tão longas, finas mãos de artista. Repentinamente voltava a si. Bal-xava os olhos, envergonhada, como se houvesse cometido um sacrilégio. Amá-lo! Julgava inconfessável tal sentimento; uma profanação macular aquela espiritualida-de ideal com pensamentos outros que não fôssem as emoções estéticas. Estes recal-

ques, todavia, eram impotentes, não es-magavam seu sentimento nem tinham o poder de limitar-lhe a imaginação. E vi-via dentro da vida seu sonho absurdo, silencioso e impossível. Desejava que ele sofresse uma decepção, um desgosto qual-quer, alguma coisa que o tornasse triste e desalentado. E sentia nascer-lhe no coração uma ternura imensa, quase ma-ternal, de falar-lhe suavemente, infundin-do-lhe outra vez a fé e a confiança. Se-não que adocesse, sem muita gravidade, é claro, gripe, pequeno acidente ou mesmo apendicite.

Imaginava um hospital, tudo muito branco, o ar rescendendo a éter, as enfer-meiras deslizando de leve, silenciosas, e ela pertinho d'ele, confortando-o com seu sorriso e sua palavra.

Não; seria melhor em casa. Pequena fratura no braço direito. Iria visitá-lo. En-traria acanhada, e a mamãe d'ele ou a

CABELOS BRANCOS? LOCÃO Brilhante

irmã a conduziria. Levaria alguns cra-vos vermelhos que disfarçariam seu ru-bor (revoltava-se contra esta pública e inoportuna demonstração de emotividade e pudor).

Certamente Zadok ficaria radiante em vê-la. Conversariam alegremente e em dado momento ele mostraria-lhe um livro que estava lendo. Havia de pegá-lo com a mão esquerda, e como a mesma não o sustivesse (o livro tinha de ser volu-moso), iria em seu auxílio. Depois de aju-dá-lo, ajuntaria os travesseiros, sem es-quecer de dar ao braço lesado a posi-

Continua na página 54

Uma carícia perfumada!

De inebriante perfume e suave como uma carícia, o pó de arroz Lady dá maior beleza aos mais lindos rostos... Sua aderência perfeita o mantém sobre a cutis durante longo tempo. Por isso o pó de arroz Lady é o mais usado e preferido no Brasil, há mais de trinta anos.



PÓ DE ARROZ

Lady

Nas cores:

- ★ Branco
- ★ Rosa
- ★ Raquel
- ★ Ocre-claro
- ★ Ocre-escuro

É O MELHOR E NÃO É O MAIS CARO!

A VENDA EM TODO O BRASIL

R. FERRAZ

Srs. comerciantes, industriais e banqueiros,
utilizai um dos mais eficientes veículos de publi-
cidade da Capital da República, enunciando nos:



ALTO-FALANTES LOCALIZADOS NA ESTAÇÃO D. PEDRO II,



por onde passam, diariamente, 360.000 pessoas, e
na Estação do Meier, e Restaurantes dos Servido-
res da Estrada de Ferro Central do Brasil (7.º andar
da Estação D. Pedro II), Francisco Bicalho e Ofi-
cinas do Engenho de Dentro em irradiação feita
simultaneamente.



INFORMAÇÕES:

SERVIÇO DE TURISMO E PUBLICIDADE DA
ESTRADA DE FERRO CENTRAL DO BRASIL
7.º andar do Edifício da Estação D. Pedro II,
salas 700 a 710 — Fones 43-9331 e 43-9562.



Para que o presunto fique bem tostado e dourado, passe-o em farinha de rosca antes de frigi-lo.

Vamos para a cozinha?

Para limpar rapidamente as panelas que contenham resíduos no seu interior, ponha dentro da mesma, água e vinagre e deixe ferver.





O sumo do limão é ideal para a limpeza dos talheres de prata. Eles ficarão brilhantes se forem bem esfregados.

Dorothy Morris, "estrelinha" da MGM, é uma moça prática. Casada com o soldado Marvin Moffie, há alguns anos, ela mesma assumiu a direção da casa e, como o tempo que lhe deixa o estúdio é um tanto curto, procura simplificar suas atividades domésticas o mais possível. Lucram com isso as donas de casa do mundo inteiro. Aí estão as lições de Dorothy Morris... Agora é só imitar...

O meio mais rápido e eficiente de cortar o queijo em fatias finas e iguais, é usar um pedaço de barbante em vez de faca.

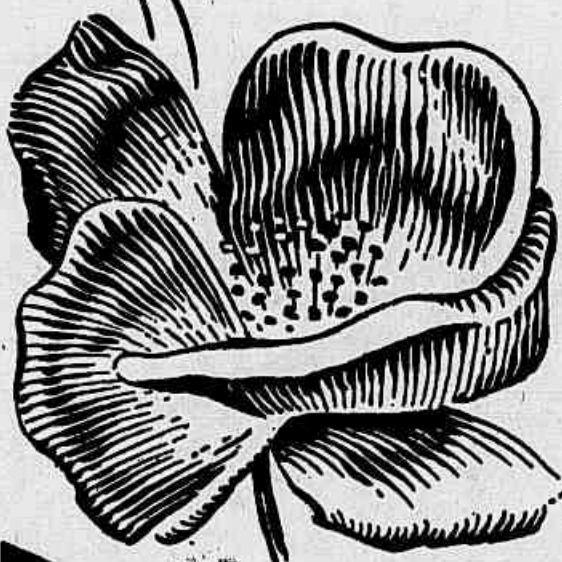


Pavots D'argent

Um fino perfume, de

suavíssima fragrância

e persistente efeito.



LOÇÃO
EXTRATO
BRILHANTINA
PÓ DE ARROZ

ROGER & GALLET

PARIS ★ RIO



antisséptico
adstringente
bactericida

O produto preferido pelas
senhoras modernas para a
sua HIGIENE INTIMA.

MODERNÍCES



ÁGUA INGLESA

GRANADO

TÔNICA
E APERITIVA
NA ANEMIA
CLOROSE E
CONVALESCENÇAS

T. TARQUINO



O naufrágio no mar de Mármore



Papel rasgado. Último dia de um cão danado.



Venus surgindo das ondas



O primeiro conto do vigário.



Icaro aterrado.



Está conforme. A escada de Jacú.



*Os irmãos siamêzes
(Prêmios de viagem...
para a Sapucaia)*

QUANDO COMPRAR UM REFRIGERADOR

Exija!

5 pontos

1. ECONOMIA
2. Frio constante
3. Gelo puro
4. Humidade do ar
5. AR PURIFICADO

TODAS ESSAS VANTAGENS SÃO EXCLUSIVAS DO

REFRIGERADOR NEVE

UM PRODUTO DAS

INDUSTRIAS "NEVE" LTDA.

EXPOSIÇÃO PERMANENTE

R. Rosa e Silva, 74 (ang. P. M. Deodoro) - Fones 5-1328 e 5-1319

SÃO PAULO

A VENDA NAS MELHORES LOJAS EM TODO O BRASIL

Desperte a Bilis do seu Fígado

o saltará da cama disposto para tudo

Seu fígado deve produzir diariamente um litro de bilis. Se a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estômago. Sobrevem a prisão de ventre. Você se sente abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Uma simples evacuação não eliminará a causa. Neste caso, as Pilulas Carters para o Fígado são extraordinariamente eficazes. Fazem correr esse litro de bilis e você se sente disposto para tudo. São suaves e, contudo, especialmente indicadas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Pilulas Carters para o fígado. Não aceite outro produto. Preço Cr\$ 3,00

Numeros atrasados desta Revista em Pernambuco

PEDIR A

A. MADALENA

RUA 7 DE SETEMBRO 128

BANCO NACIONAL DE DESCONTOS

FUNCIONA ATÉ ÀS 19 HORAS

DEPOSITOS - DESCONTOS - CAUÇÕES

ALFANDEGA, 50

O caso de Marian Lanson

rian era uma mulher feia, sempre foi, desde criança. Criou-se assim, com inveja dos irmãos, belos e saudáveis. Ela era doente. Tornou-se uma tirana. Controlou-os à custa de muito esforço e fazia, sim, fazia tudo para que eles se degradassem. Foi ela que os levou à bebida, ao jogo, à vida desregrada. Tudo isso ela me disse esta noite e mais o seu plano. Matar-se-ia. Um tiro de revólver com um silenciador, já trepada na grade do terraço e com os pulsos amarrados. Os pulsos e não as mãos, que trariam um revólver. Um tiro e estava tudo terminado. O revólver caía a seus pés. Estranhariam o ângulo da bala, mas pensariam que não podia ser suicídio, uma vez que ela estava ali, amarrada... Os irmãos

pagariam. Tentariam acusar uns aos outros. Ela os conhecia. E acabariam condenados. Sem o dinheiro, sem o dinheiro! Era a obsessão dela. Vingá-lo. Porque era feia e eles eram belos. E' demasiado horrível. Não consegui contá-lo ainda agora no interrogatório. As palavras me faltavam. Mas não prenda estes irmãos. Estão inocentes. Ela matou-se. Brent deixou-se cair novamente na poltro-

na. Grace olhou-o com uma expressão estranha:

— Por que não impediu que ela pusesse em prática o seu plano?

Brent estremeceu:

— Nunca vocês souberam... Eu a amava. Ela revelou-se... um monstro! Um monstro! Deveria morrer!

A polícia levou-o.

CUTIS CANSADA



e sem viço

As pérfidas rugas na testa e ao redor dos olhos, as sardas, manchas, cravos e espinhas, são traícoiros inimigos da beleza da mulher. Quando surgem estas imperfeições, lançando nuvens sobre a sua felicidade, confie nas virtudes do Creme Rugol. Rugol corrige rapidamente as causas do envelhecimento prematuro da cutis. Este famoso creme embelezador, usado todas as noites em suaves massagens no rosto, pescoço, e todos os dias como base do "maquillage", remove as impurezas que se acumulam nos poros, fortalece os tecidos, dá vigor e mocidade à pele. Com apenas uma semana de uso do Creme Rugol a sua cutis poderá ficar macia, limpa e acetinada, aumentando os seus encantos e protegendo a sua felicidade. A felicidade de amar... e ser amada.

CREME
RUGOL

Alvim & Freitas, Ltda. - C.P. 1379-S. Paulo



Perfume

NARCISO AZUL

de GALLY

Eterniza os momentos sublimes com as mais doces recordações!

- Água de Colônia
- Brilhantina
- Extrato
- Loção
- Óleo perfumado
- Pó de Arroz
- Sabonete
- Talco

À VENDA EM TODO O BRASIL

P. Ferraz

Frigia

é simplesmente notável!



...notável, porque:

- 1.º — Não é líquido, nem pasta. É um desodorante em forma de "baton".
- 2.º — Corta e evita a transpiração sem irritar a pele. Não estraga as roupas.
- 3.º — É agradavelmente perfumado e produz uma sensação de frescor.
- 4.º — Elimina instantaneamente a transpiração das axilas.
- 5.º — Próprio para bolsa, pode ser aplicado em qualquer momento.

FRIGIA está registrado como patente de invenção sob n.º 29.830

A VENDA NAS BOAS CASAS

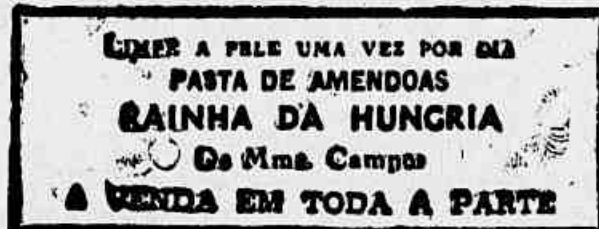


Dist.: HERMANNY - C.P. 247 - RIO

O ESTETA

Continuação da página 49

ção mais cômoda. Tudo isso com a graça, a elegância e o jeito que, sem pecar contra a modéstia, sabia possuir em alto grau. E a recompensa seria um sorriso luminoso e um olhar pleno de simpatia e compreensão. Voltaria nos dias subsequentes e sua presença alegraria a solidão do seu quarto de solteiro. Ele haveria de notar-lhe a dedicação, o desvelo



e, quem sabe, julgá-la indispensável à sua vida.

De quando em quando, dormindo, sonhava com ele. Ao acordar fechava rapidamente os olhos, aconchegava-se melhor às cobertas e, numa esperança vã, quase infantil, tentava prolongar o sono interrompido...

Tudo corria aparentemente calmo até aquela noite. Recordava-se em todas as suas minúcias. Era uma quinta-feira morna e clara. Em casa de uma família conhecida estavam reunidos muitas moças e rapazes. Falava-se de política. Entusiasmados com os últimos acontecimentos, conversavam animadamente sobre o resultado das eleições. Dentre todas as vozes, uma sobressaía, bem timbrada, fluente e incisiva: era a de Zadok. Deixou-se ficar calado, a ouvi-lo, e depois, sorrateiramente, retirou-se. Foi ao portão. De lá observava-o, satisfeito, quase orgulhosa mesmo, de sua sapiência e inata desenvoltura.

De repente atraiu-a uma coisinha verde que se movia na calçada. Era uma fôlha tenra, carregada por uma porção de formigas. Comprimidas umas contra as outras, lá se iam, num belo exemplo de cooperação, conduzindo o precioso fardo.

Tão entretida estava a observá-las que não notou o homem que se aproximava. Viu apenas um pé grande, robusto, protegido por moderno sola-dupla que, com passo forte, esmagou-as totalmente. Teve pena daquelas formiguinhas tão frágeis mas que, coesas, conseguiam levar uma carga superior às suas forças. Depois de tanto sacrifício nada mais restava senão aquela manchinha verde que o vento fez voar e, numa evolução mais forte, atirou de encontro à parede.

— Que faz aqui sezinha, Edna, enquanto todos riem e procuram desenvolver a sociabilidade?

Era ele; era Zadok que deixava tudo e todos e vinha procurá-la. Olhou-o com um olhar envolvente, demoradíssimo, o primeiro que assim ousava.

— Observava a vida.

— Interessante, em parte semelhantes, as nossas atitudes: você observava a vida e eu a você.

— E dessa observação...

— ...Concluí que você me ama. Sim, não me passa despercebido o que tenta ocultar. Que consigo fazê-la admirar-me é possível. No entanto, que cheguei a despertar-lhe um sentimento muito mais profundo e humano, é real, haja vista seus olhares, suas atitudes... e no entanto — um risinho pífido acompanhou-lhe a frase — depende de mim aceitá-los ou não.

Como achou-o vulgar naquela hora! Que fora feito de seus modos gentis? Fora uma tola em acreditar na sua superioridade, em crê-lo um semi-deus. Ele era apenas um homem que, apesar de uma potência intelectual, continuava um ser comum, comum...

Sentiu toda a humilhação; porém calou-a e, procurando dar à voz uma inflexão que estava longe de ser verdadeira, disse-lhe serenamente que ele estava equivocado. Que não via nele o rapaz elegante, moderno, simpático; via só, exclusivamente, o escritor. O que a atraía não era o físico e sim o espírito. Admirava-lhe a cultura, a inteligência invulgar, mas o que sentia era um interesse desinteressado, no qual não entrava o coração e sim o cérebro. Dêle não queria o afeto e sim a direção artística, literária. Que não esquecesse: nele não via o homem, via apenas o esteta, o esteta...

Sentiu que os dedos de Zadok a apertavam fortemente, machucando sua carne moça, arranhando-lhe a pele delicada dos braços, e esforçava-se por fugir a essas tenazes.

Olhou-o. A cabeça levemente inclinada para a frente, os olhos verdes, grandes e brilhantes, e a boca entreaberta, fremente, a dizer-lhe, bem próximo à face: "Sei que você me ama".

Afastou-o. Saiu lépida, correndo, sem sentir o vento que lhe fustigava os cabelos e atirava-lhe pó no rosto, nos olhos na boca...

belos e atirava-lhe pó no rosto, nos olhos na boca...

★

Ergueu-se. Mirou-se ao espelho e olhou-se à janela. Tudo acontecera lá dias. Resolveu. Iria passar uns tempos em casa de uma tia, lá para as bandas do Leblon.

Antegozou os passelos de bicicleta e manhas enseladas na praia, os barcos de mar. O mar. Como o amava! O mar achava sempre revestido de novo encanto o espetáculo banalíssimo das ondas rugulosas em contínua agitação! Como sentia pequenina e frágil diante da força e imensidade! Mar misterioso e verde, verde como os olhos...

Positivamente, aquilo já se estava tornando uma obsessão. Sentindo o coração bater precipite, viu surgir na escuridão da noite dois olhos terrivelmente verdes, grandes e brilhantes e uma boca sensual, entreaberta e fremente, que parecia dizer-lhe: "Sei que você me ama".

CINEMA

(Continuação da página 20)

Tudo dependia, ali, da maneira de tratar o assunto, e acredito que não é culpa exclusiva de adaptador — apesar de todas as diferenças que há entre a peça e o filme. É verdade que a peça "Outward Bound" de Sutton Vane apresenta o caso sob outro aspecto: nem os personagens nem o público sabem que aquele navio misterioso é a condução mandada para levar as almas para a eternidade. De maneira que a atmosfera estranha permite uma gradação de emoção, que vai se tornando cada vez mais intensa à medida que o espectador fica mais intrigado com a história, atingindo um clímax no momento em que descobrem que estão mortos. Daí por diante o filme segue fielmente a peça, até naquela incrível cena em que Paul Henreid ressuscita, que parece ter sido encenada em Hollywood, para dar um final feliz. Tudo aquilo está no original.

O filme prefere deixar claro logo de início que são mortos a caminho de seu julgamento, e até o ponto em que começa a cair no exagero e no ridículo apresenta cenas magníficas, extraindo efeitos extraordinários do contraste irônico das preocupações, planos e sonhos dos personagens e a impossibilidade de realizá-los, de que eles não têm conhecimento. Assim, aquela cena em que Faye Emerson resolve satisfazer os caprichos do milionário amedrontado para obter fortuna, abandonando o rapaz que parecia amar, ganha um relevo muito grande porque o público sabe que ela está fazendo um sacrifício inútil. Corre, também, por conta do adaptador aquela cena em que John Garfield finge assassinar o milionário Coulouris e que é justamente um dos pontos mais altos do filme, mostrando o terror dos personagens ao saberem que estão irremediavelmente mortos. A partir desse momento a imaginação do autor falhou, e ele seguiu pela linha fácil do juízo final, com o prêmio para os bons, provação para os transviados e condenação para os maus. Falhou-lhe habilidade para arrematar sua história, e o público nota bem como são falsas aquelas situações, rindo da seriedade catastrófica de Sydney Greenstreet no papel incômodo do examinador enviado.

Há um momento, entretanto, em que o filme volta a atingir um nível mais elevado. É a cena esplêndida do julgamento de John Garfield, não pelo resultado, que é o

que se esperava, mas em virtude de detalhes como o jogo de cartas com o examinador, a intervenção da mãe do rapaz e, sobretudo, pela interpretação digna dos maiores elogios de Garfield e Sarah Allgood, uma veterana do palco inglês, que tem desempenhado papéis em filmes americanos. Uma grande atriz.

É a John Garfield porém que devemos as maiores louveres. Ele se destaca pela simplicidade e pela sinceridade do seu desempenho. Há muito tempo não tínhamos a oportunidade de vê-lo num papel tão adequado às suas possibilidades. Depois de uma estréia magnífica tinha caído, para a pouco, em uma série de filmes sem importância. Em "Um passo além da vida" ele ressurgiu.

Faye Emerson é uma garota bonita que ainda tem muito que aprender. Por enquanto limita-se a enfeitar o filme, lembrando até Alexis Smith na cena do bar do navio.

De Eleanor Parker, que vimos recentemente ao lado de Dennis Morgan num outro filme, pode-se dizer que, como Faye Emerson, também é uma garota bonita, mas parece ter mais qualidades dramáticas do que sua colega. Ambas são novatas e poderiam mudar muito. Das duas, porém, é Eleanor Parker quem tem mais possibilidades.

Paul Henreid é o mesmo galã romântico que conquistou as nossas "fêmeas", no papel de um pianista deente que lhe assenta bem.

Outro ator do paleo, George Coulouris, tem uma boa interpretação como o milionário. George Tobias, com um físico perfeito para o seu papel, também agrada. Sydney Greenstreet abandona os personagens de bôlicos dos filmes de aventuras ao lado de Humphrey Bogart, para aparecer num personagem divino: é o examinador, e o companheiro de Edmund Gwenn a dupla de funcionários de um governo de outro mundo onde, segundo ele afirma, há cascas, enganos, criadas, felicidade e outros artigos relacionados presentemente.

"Um passo além da vida", apesar de tudo, constitui um espetáculo acima da média e merece ser visto, especialmente em virtude do admirável trabalho de John Garfield.

COTAÇÃO: 3

IDEALISE O TYPO
e
O ENCONTRARA' NA

CASA DA

Ones

CALÇADOS
URUGUAYANA, 72-74
Tel. 43-5740



JOCKEY C L U B MUNDANO

Iniciou-se com grande brilhantismo o vasto programa turfístico organizado pelo Jockey Club Brasileiro para 1946. Na tarde do domingo último o Hipódromo da Gávea apresentava um aspecto festivo e alegre, enfeitado, como sempre, pelo encanto e graciosidade das elegantes "turf-women". Aqui reproduzimos alguns aspectos do grande acontecimento social e esportivo que foi essa notável tarde turfística.



PARA AS FERIAS

Escolha, para as suas férias, uma leitura instrutiva porém amena; compre um livro que encerre os mais diversos assuntos e cuja leitura interesse ao senhor, à sua senhora, aos filhos.

Esse livro é o "ALMANAQUE EU SEI TUDO" para 1946, à venda em toda parte.

Ali estão todos os assuntos para todas as pessoas: o velho, a criança, o homem, a mulher, quer resida na cidade quer no campo.

Informações sobre o ano, calendário, artigos diversos, caricaturas, cinema, artes, ciência, contos e um lindo romance — tudo ilustrado.

Preço Cr\$ 10,00. Pedidos à Cia. Editora Americana. Rua Visconde de Maranguape, 15, Rio.

Atende-se pelo serviço de reembolso postal ou mediante vale do Correio.

"ALMANAQUE EU SEI TUDO"

Feminina

Com uma longa saia de cetim preto, você poderá ter diversas "toilettes" para a noite se a usar alternadamente com uma blusa de renda preta ou branca, um blusão de lamé, ou um casquinho de tafetá.



Uma pequena inteligente não usará para o escritório um perfume forte e ativo. Ela usará uma água de colônia suave, que a envolverá de uma fragrância alegre e juvenil.



Vinte minutos de ginástica diários produzem mais efeito do que seis meses de regime. É necessário, no entanto, que os exercícios sejam feitos com boa orientação e muita persistência.

NÓS CONFIAMOS...

...No verniz côr de rosa para as unhas. Porque é mais natural, jovial e feminino. E porque agrada aos homens.

...Na vitória da bolsa grande para a mulher que trabalha. Porque é mais prático e porque nela pode ser carregado todo o equipamento de beleza de quem passa um dia inteiro fora de casa.

...Nas jóias originais como ornamento. Porque dão encanto e realce aos vestidos simples.

...Na mulher que sabe usar perfume. Porque ela tem sempre um admirador sincero aos seus pés.



Um sonho de verão... O "short"? Não, a garota! Bem... vamos descrever o "short"... É em fustão branco; calça com macia abotoada e atacada dos lados. A outra peça tem em toda a volta uma tira dupla pespontada. Um laquinho arrematando o traseiro da frente e... mais uma tentação solta no nosso cambalhão.



Ela

"BRILHA" SEMPRE !

Em todas as atividades, ela brilha sempre porque a par do apuro no vestir, mantém seus cabelos bem penteados, brilhantes, sadios e juvenis. E consegue-o usando Brylcreem que dá brilho, fixa sem emplastar, permitindo repentejar. Brylcreem tonifica a raiz do cabelo evitando a caspa. Isento de goma, amido, álcool e sabão. É produto positivo e científico! Experimente após o permanente. Brylcreem comprado, cabelo penteado!

Mais de 27 milhões de unidades vendidas anualmente no mundo inteiro!

BRYLCREEM

O MAIS PERFEITO TÔNICO FIXADOR DO CABELO



A ARMA SECRETA DA MULHER FORMOSA

Michel

O BATON QUE OFERECE MUITO MAIS QUE OUTROS

★ Para esse assalto aos corações — para esse valor que é confiança em si mesma e em seu próprio atrativo — Michel é a arma poderosa da mulher que o usa. Além de lhes dar uma cor sedutora, Michel conserva os lábios suaves e delicados — encantadores com sua beleza natural. E tendo uma base de consistência como de veludo, não oleosa, conserva-se nos lábios durante horas e horas, sem escorrer.

MICHEL COSMETICS, INC.
NEW YORK

11 TONS SEDUTORES
MARIPOSA • AMAPOLA
RASPBERRY • VIVID
AMARANTH • SCARLET
CHERRY • BLONDE
CYCLAMEN
BRUNETTE • CAPUCINE

O preço da REVISTA DA SEMANA

O preço da REVISTA, no interior, é Cr\$ 2,00, não sendo lícito a ninguém cobrar mais.

Aos agentes e revendedores, a REVISTA é fornecida com desconto para que observem o preço de capa.

Contra os abusos têm os leitores o recurso da assinatura, à razão de Cr\$ 90,00 por ano e Cr\$ 45,00 por semestre, porte simples; registrada Cr\$ 110,00 e Cr\$ 55,00, respectivamente.

Façam as remessas em cheque de banco, vale postal ou outro meio idôneo à

Cia. EDITORA AMERICANA

VISCONDE DE MARANGUAPE, 15 — RIO



Não seja do "Contra"! Faça o regime ENO - "Sal de Fructa" ENO, laxante e antiácido ideal, ao deitar e ao levantar, para garantir o seu bom humor diário e a saúde de toda sua vida!

"SAL DE FRUCTA"

ENO

Usar a pasta S. S. White é saber dar preferência ao dentífrico mais indicado para higiene e conservação dos dentes.



BRONZISOL
ANTISOLAR
De Mme. Campos
FIXA UM LINDO BRONZEADO
NATURAL
A VENDA EM TODA A PARTE

**Cabelos Brancos??
Escurecedor Discreto**

Informações:
Rua Flach, 153-Blo. T. 29-2940
OLEO — LOÇÃO



ILONA MASSEY

Encantadora Estrela da Tela, diz:
"Considero **ARRID** o desodorante por excelência e o recomendo com o maior entusiasmo".

NOVO
Creme Desodorante
que evita manchas
e odor nas axilas

1. Não irrita a pele.
2. Não estraga os mais finos vestidos.
3. Evita as manchas desleigantes, nas mangas e nas costas dos vestidos.
4. Seu efeito é duradouro. Evita o cheiro do suor. Tem um delicado perfume.
5. Tem a fina consistência de um creme de beleza. É branquíssimo, sem gordura, não mancha e desaparece instantaneamente.

Use **ARRID** com regularidade.

Preços Cr\$ 4,80 e Cr\$ 9,50

ARRID

O DESODORANTE QUE MAIS SE VENDE.

Provocação... É o nome que daríamos a este modelo de tule branco, usado por Micheline Chetrel, da RKO. Sobre o corpo ajustado, sobre as longas mangas e sobre a aba ao redor do decote há incrustações de rendas e bordados em prata.

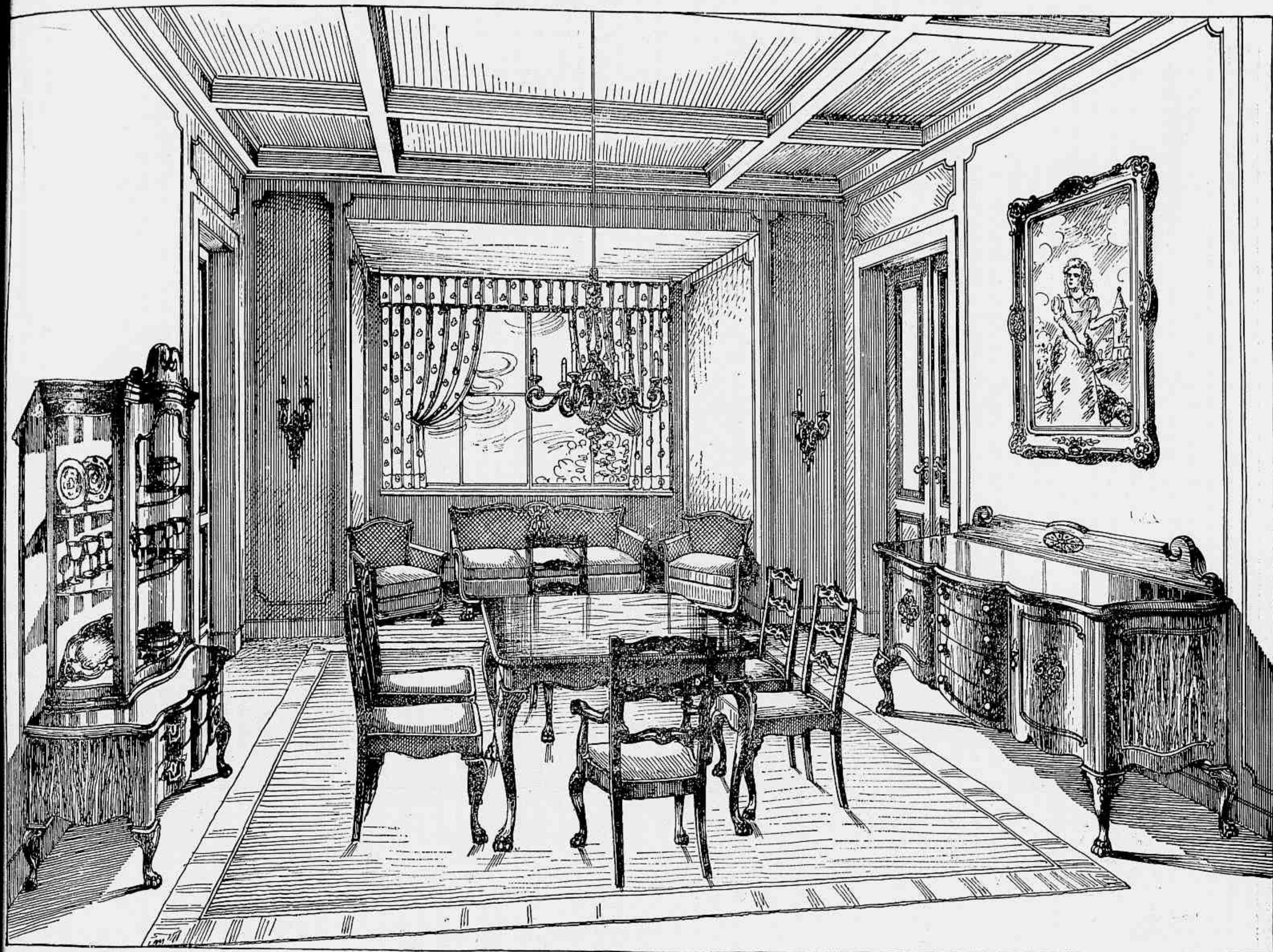
A saia é ampla.



Um calçado da moda
para o mundo elegante

Gambier

Rua Uruguaiana, 52
Fone 22-5587 — RIO



Sala de Jantar QUEEN ANNE

O modelo acima apresenta uma sala de jantar que tanto pode ser utilizada para um "bungalow" relativamente espaçoso como para um palacete austero. Os móveis deste moderno "dining-room", todos em "Queen Anne", obedecem entretanto a uma estilização que os tornam compatíveis com qualquer estilo arquitetônico. A madeira utilizada para a construção da mesa, "étagère", cristaleira e cadeiras é ligeiramente escura, combinando por isso com qualquer tonalidade de que se revistam as paredes.

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES

OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA
MARCA

UNES
REG.STRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGÓRA SOMENTE

65 · RUA DA CARIOCA · 67

NAO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS

HOLLYWOOD



CA DE CIGARROS *Souza Cruz*

ANNIBAL